



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS

FABIANA SOUZA DE ANDRADE

**BIBLIOTECONOMIA EM MATO GROSSO: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E
DESAFIOS À CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONALISMO**

São Carlos

2020

FABIANA SOUZA DE ANDRADE

**BIBLIOTECONOMIA EM MATO GROSSO: CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E
DESAFIOS À CONSOLIDAÇÃO DO PROFISSIONALISMO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Glória Bonelli.

São Carlos

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Fabiana Souza de Andrade, realizada em 28/04/2020:

Maria da Gloria Bonelli

Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli
UFSCar

Prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves
UFPB

Prof. Dr. André de Souza Pena
UFR

Profa. Dra. Luzia Sigoli Fernandes Costa
UFSCar

Profa. Dra. Maria Ines Rauter Mancuso
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Maria da Gloria Bonelli Edvaldo Carvalho Alves, André de Souza Pena, Luzia Sigoli Fernandes Costa, Maria Ines Rauter Mancuso e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Maria da Gloria Bonelli

Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli

Dedico este trabalho à minha família,
pelo amor, apoio incondicional, incentivo e força.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Liberalina, por ser uma fonte de inspiração todos os dias da minha vida.

Ao meu pai, José Carlos, pelo incentivo e por ainda me tratar como se eu tivesse 5 anos.

Ao meu irmão, Marcelo, pelas vezes que respondeu às minhas reclamações dizendo “Isso é fácil, Fabianinha. Você consegue”.

Aos familiares, que em algum momento incentivaram meus sonhos com atitudes ou palavras, mesmo sem saber.

Ao meu amigo e esposo Paulo Felix por estar sempre ao meu lado e não permitir que eu desistisse nos momentos de desânimo.

À minha orientadora profa. Dra. Maria da Glória Bonelli que acolheu esta pesquisa com respeito, incentivo e paciência, colaborando de forma primordial com a realização de um sonho.

À Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) pelos seis meses de bolsa-formação.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS – UFSCar), em especial à Dra. Maria Inês e Dr. Gabriel Feltran, os quais contribuíram com apontamentos que enriqueceram a pesquisa.

Às professoras que fizeram parte da banca de qualificação desta pesquisa, Dra. Aline Pires e Dra. Maria Inês.

Aos membros da banca de defesa, pelas críticas e opiniões, os quais elevaram a qualidade do resultado da pesquisa.

Às bibliotecárias Elaine Diamantino, Gabrielle Francinne Tanus (ambas da UFMG) e ao bibliotecário e professor Joel Martins Luz (UFMT), por fornecer documentos imprescindíveis à revisão histórica descritiva sobre a Biblioteconomia no país.

Aos bibliotecários e bibliotecárias que gentilmente responderam à pesquisa. E a todos e todas que de alguma forma contribuíram com a realização desta pesquisa.

Best/Worst Professions To Date
(Johnny Cat. *Best/ Worst professions to date.* 2009)

Best – Librarian
She'll be pretty smart about lots of random things, great at Googling and a good connection for free books.
Bonus: say goodbye to those nasty overdue charges.
Plus, everyone knows librarians are sexual dynamos waiting to explode.
Right?

O bibliotecário
(Emílio Carrera Guerra. O bibliotecário. Canto Grego)
Do sono aparente, nasce um catálogo. Inanimados jardins de ordem, flores de paciência,
Revela-se o parentesco infinito das séries, Mapas, referências, dicionários.
Todas, ao alcance da qualquer,
Sob tua vista complacente, zelosa
De guardião do pomar.

ANDRADE, Fabiana Souza de. Biblioteconomia em Mato Grosso: construção identitária e desafios à consolidação do profissionalismo. 2020, **Tese** (Programa de Pós-Graduação em Sociologia – nível Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos.

RESUMO

O presente estudo tem por enfoque o processo da construção identitária, a partir da articulação entre vivências pessoais e trajetória profissional de bibliotecárias e bibliotecários. Para tanto, buscou-se analisar como percebem sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia. Neste sentido, a problemática geral da pesquisa diz respeito aos processos de elaboração da construção social da identidade, no âmbito profissional, pelos sujeitos entrevistados. A metodologia empregada baseou-se em uma abordagem qualitativa, com uso de dados quantitativos de fontes secundárias. Tem como aporte teórico as concepções da sociologia das profissões, nos modelos analíticos de Freidson (1998) e de Abbott (1988) que abordam como as profissões consolidaram o profissionalismo. Para investigar as dimensões macro e micro do sistema das profissões, o estudo apoia-se em Abbott e, para pensar uma tipologia das identidades, em Dubar (2005), levando-se em conta aspectos como trajetória, sociabilidade e dimensões sociais e dos sujeitos nas relações no mundo do trabalho. Quanto aos procedimentos executados, dividiu-se em fases: (i) levantamento bibliográfico; (ii) organização e seleção do estado da arte; (iii) pesquisa de campo. Construiu-se o *corpus* da pesquisa a partir da revisão de literatura, dados quantitativos ilustrativos, análise de documentos e entrevistas. Foram entrevistados quinze sujeitos, selecionados por amostragem *snowball* (bola de neve), sendo o tipo de relação profissional que resultou o perfil da amostra como: (i) treze bibliotecários/as de instituições públicas; (ii) um de instituição privada; (iii) um que atuou em instituição privada, mas mudou de profissão. A construção amostral buscou ouvir as diferentes possibilidades de bacharéis em Biblioteconomia, em relação à atividade profissional, à instituição onde atuam, o cargo que ocupam, onde estudaram, faixa etária, sexo, cor/raça, enfim as características que possam captar a diversidade do grupo e o recorte do problema em estudo. Optou-se por um modelo de análise que compreende esse universo em sua trajetória, parte-se de um panorama histórico e social da Biblioteconomia; na sequência apresentam-se indicadores sobre o quantitativo profissional em atividade em todo país, na Região Centro-Oeste e o estado de Mato Grosso; finalizando com o resultado sobre o perfil social dos entrevistados de algumas cidades do estado. O que sobressaiu nos discursos foi que os (as) profissionais realizam uma constante reconfiguração de sua identidade profissional. Representam sua identidade a partir de negociações, nas quais enfatizam a compreensão de sua identificação, ora nos processos biográficos - quem eu digo que sou -, ora nos processos relacionais, nos quais o grupo (outros profissionais, órgãos de classe, instituições de formação) diz o quê o bibliotecário é.

Palavras-chave: Identidade Profissional. Bibliotecárias em Mato Grosso. Bibliotecários em Mato Grosso.

ANDRADE, Fabiana Souza de. Librarianship in Mato Grosso: professionalism, identity construction and social image. 2018, Doctoral Thesis (Programa de Pós-Graduação em Sociologia – nível Doutorado) – Federal University of São Carlos.

ABSTRACT

This study focuses on the process of identity construction based on the articulation between personal experiences and the professional trajectory of male and female librarians. To this end, we sought to analyse how they perceive their identity within the field of Library Science. In this sense, the general problem of the research concerns the social construction of identity, at the professional level, by the interviewees. The methodology used was based on a qualitative approach, also using quantitative data from secondary sources. Having as theoretical support the conceptions of the sociology of professions, in the analytical models of Freidson (1998) and Abbott (1988) that approach how the professions consolidated professionalism. To search the macro – micro dimensions of the system of professions this study relies on Abbott (1988) and to think about a typology of identities in Dubar (2005), taking into account aspects such as the subject's trajectory, sociability and subjectivity in their relationship with the world of work. As for the procedures performed, it was divided into phases: (i) bibliographic survey; (ii) organization and selection of the state of the art; (iii) field research. The research corpus was built from literature review, illustrative quantitative data, document analysis and interviews. Fifteen subjects were interviewed, selected by snowball sampling, the type of professional relationship that resulted in the sample's profile as: (i) thirteen male and female librarians from public institutions; (ii) one from a private institution; (iii) one who worked in a private institution, but changed his profession. The sample construction sought to hear the different possibilities of bachelors in Library Science, in relation to professional activity, the institution where they work, the position they occupy, where they studied, age group, sex, color / race, in short, the characteristics that can capture the diversity of the group and the outline of the problem under study. We opted for an analytical model that understands this universe in its trajectory, starting from a historical and social panorama of Librarianship; next, indicators are presented on the number of professionals working in the whole country, in the Midwest Region and the state of Mato Grosso; ending with the result on the social profile of respondents in some cities in the state. What stood out in the speeches was that the professionals perform a constant reconfiguration of their professional identity. They represent their identity through negotiations, in which they emphasize the understanding of their identification, sometimes in the biographical processes - who I say that I am - and sometimes in the relational processes, in which the group (other professionals, professional bodies, training institutions) says what the librarian is.

Keywords: Professional identity. Female librarians in the Mato Grosso. Male librarians in Mato Grosso.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

CAPÍTULO I

Gráfico 1.1. Distribuição do número de bibliotecários (as) em MT.....	41
--	----

CAPÍTULO III

Mapa 3.1. Representação Geográfica dos Conselhos por Extensão Territorial.....	108
---	-----

CAPÍTULO IV

Gráfico 4.1. Distribuição do número de bibliotecários (as) por Jurisdição.....	119
Gráfico 4.2. Distribuição de bibliotecários no Distrito Federal (2010-2016).....	124
Gráfico 4.3. Distribuição de bibliotecários em Goiás (2010-2016).....	124
Gráfico 4.4. Distribuição de bibliotecários em Mato Grosso (2010-2016).....	125
Gráfico 4.5. Crescimento quantitativo de bibliotecários em Mato Grosso do Sul (2010-2016).....	126
Gráfico 4.6. Indicadores do perfil profissional na Região Centro-Oeste (2010-2016).....	128
Gráfico 4.7. Comparação quanto à variável sexo (Estado - CRB1 - Pesquisa).....	133
Gráfico 4.8. Comparação quanto à variável cor/raça (Estado versus Pesquisa).....	134
Gráfico 4.9. Comparação quanto à nupcialidade (CRB1 <i>versus</i> Pesquisa).....	134
Gráfico 4.10. Comparação quanto aos grupos de idade (CRB1 <i>versus</i> Pesquisa).....	135
Mapa 4.1. Distribuição de percentual dos profissionais ativos por Região.....	121

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO I

Tabela 1.1. Situação Funcional da Biblioteconomia em MT.....	40
---	----

CAPÍTULO III

Tabela 3.1. Oferta de cursos de Biblioteconomia no Brasil - EAD (em atividade).....	112
Tabela 3.2. Cursos de Biblioteconomia em Mato Grosso.....	112

CAPÍTULO IV

Tabela 4.1. Distribuição de profissionais registrados no país.....	118
Tabela 4.2. Distribuição dos profissionais da jurisdição CRB1.....	122

LISTA DE QUADROS

CAPÍTULO I

Quadro 1.1. Panorama das cidades que registram profissionais da Biblioteconomia em Mato Grosso.....	32
Quadro 1.2. Principais fontes nacionais e internacionais.....	35
Quadro 1.3. Roteiro de entrevistas.....	42

CAPÍTULO II

Quadro 2.1. Periodização da sociologia das profissões.....	49
Quadro 2.2. Categorias de análise da identidade.....	66
Quadro 2.3. Os quatro processos identitários típicos.....	72

CAPÍTULO III

Quadro 3.1. Panorama histórico da Biblioteconomia brasileira.....	77
Quadro 3.2. Comparativo entre as matrizes francesas e os currículos dos primeiros cursos brasileiros.....	90
Quadro 3.3. Oferta de cursos de Biblioteconomia presenciais no Brasil (em atividade).....	110

CAPÍTULO IV

Quadro 4.1. Perfil dos entrevistados.....	129
--	-----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEBD – Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação

ABECIN – Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação

BBF – Bulletin des bibliothèques de France

BN – Biblioteca Nacional

BnF – Bibliothèque nationale de France (Biblioteca nacional da França)

BRAPCI – Base Referencial de Revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação

CBBD – Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação

CBO – Classificação Brasileira de Ocupações

CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia

CI – Ciência da Informação

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa

CRB – Conselho Regional de Biblioteconomia

E-Lis – E-Prints in Library and Information Science

ECI – Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

FEBAB – Federação Brasileira de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições

IBICT – Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions

InfoBCI – Espaço de comunicação entre estudantes, profissionais e pesquisadores ligados a CI

IBBD – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação

IES – Instituições de Ensino Superior

MT – Mato Grosso

Oasisbr – Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica

Quant. - Quantidade

RABCI – Repositório Acadêmico de Biblioteconomia e Ciência da Informação

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFR – Universidade Federal de Rondonópolis

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
Organização do texto	24
CAPÍTULO 1 – SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA	26
1.1 Síntese do capítulo	26
1.2 Do lugar que parto e do qual eu falo	26
1.3 A qualitativa na compreensão da identidade bibliotecária.....	28
1.4 Locus da pesquisa	30
1.5 Procedimentos da pesquisa.....	33
1.5.1 <i>Levantamento bibliográfico</i>	34
1.5.2 <i>Organização e seleção do estado da arte</i>	37
1.5.3 <i>Pesquisa de Campo</i>	40
1.6 Sujeitos e o perfil da amostra	43
CAPÍTULO 2 – SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES, PROFISSIONALISMO E IDENTIDADE PROFISSIONAL: BASES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS 46	
2.1 Síntese do capítulo	46
2.2 Contextualização da discussão.....	46
2.3 Profissão ou ocupação.....	50
2.4 O poder das profissões	53
2.5 Abordagem sistêmica de Abbott	56
2.6 As formas identitárias e as crises das identidades a partir de Claude Dubar	65
2.7 A dimensão da identidade profissional.....	71
CAPÍTULO 3 – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL: PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO	75
3.1 Síntese do capítulo	75
3.2 Trajetória da Biblioteconomia no Brasil.....	75
3.2.1 <i>École Nationale des Chartes</i> e primeiro curso de Biblioteconomia no país	81
3.2.2 <i>Modelo pragmático americano</i>	87

3.2.3 Do bibliotecário ao profissional da informação	91
3.2.4 A feminização e feminilização no campo da Biblioteconomia	96
3.3 Reserva de mercado na Biblioteconomia	103
3.3.1 Representações político-institucionais da categoria.....	104
3.3.1.1 Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)	105
3.3.1.2 Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).....	107
3.3.1.3 Sindicato Nacional dos Profissionais da Informação (SINAINFO)...	109
3.4 Panorama atual da oferta de cursos e vagas.....	110
CAPÍTULO 4 – IDENTIDADE PROFISSIONAL DA BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: DAS CONCEPÇÕES NACIONAIS AO ESPAÇO MATOGROSSENSE	114
4.1 Síntese do capítulo	114
4.2 A profissionalização da Biblioteconomia no Brasil em uma perspectiva contemporânea.....	115
4.3 A Região Centro-Oeste e o perfil profissional do bibliotecário	122
4.4 Perfil social dos entrevistados.....	129
4.5 Perfil profissional: interações, entrecruzamentos e comparações possíveis	133
5 CAPÍTULO 5 - O QUE É SER BIBLIOTECÁRIO (?) NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL	136
5.1 Síntese do capítulo	136
5.2 Trajetórias e identidade profissional em construção.....	137
5.3 Reconhecimento e atribuição da identidade	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS.....	203

INTRODUÇÃO

Em se tratando do fazer biblioteconomista, a atuação como bibliotecário, ao longo do tempo, pode ser dividida em duas fases: a primeira em que a ocupação de bibliotecário não exigia diploma e não havia formação técnica para executar a atividade; a segunda, a partir do século XIX, em que adquire *status* legal e institucional tornando-se uma profissão (PALLIER, 1994).

A ocupação de bibliotecário é tão antiga quanto à criação das primeiras bibliotecas (MARTINS, 2002). Historicamente, nasceu com uma marca de gênero que foi sendo modificada ao longo do tempo, mas na nomeação continua masculinizada. Os documentos designavam como bibliotecários, homens que eram responsáveis pela custódia dos livros. No início, o responsável pelo ofício tinha como função guardar e conservar os documentos. Com a mudança das necessidades de informação dos usuários, ao longo do tempo, o bibliotecário transferiu seu foco de atividades de guardião do conhecimento para o de facilitar o acesso ao conteúdo do documento (informação) (PAIVA, 1990).

Mesmo constituindo uma profissão com certa história (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013), é comum acessar documentos que ainda forneçam informações equivocadas sobre quem é e o que faz o bibliotecário. Este debate é enredado por uma perspectiva que aponta para disputas entre dois modelos educacionais na origem. Isso converge para investigações que inserem seu nascimento perpassando, entre outros eventos, por mudanças que se deram no campo de formação profissional dos bibliotecários e sua arregimentação pelo Estado.

Ao mesmo tempo em que os embates entre os primeiros cursos de ensino de Biblioteconomia, supostamente, foram o elemento basilar das características

profissionais da área, o seu existir fomentou ainda mais as disputas, as divergências e o modo de pensar o grupo. As lutas concorrenciais geraram, entre os agentes, a necessidade de estabelecer categorias, delimitar espaços de trabalho e reflexões sobre os aspectos referentes à identificação, representação e imagem intra/intergrupo, além, é claro, do próprio reconhecimento por parte do indivíduo do pertencer a este ou àquele perfil.

A questão da identificação profissional deste grupo reúne movimentos que ao longo do tempo discutiram sobre o identitário, a formação, a atuação, a educação continuada e, recentemente, sobre o mapeamento de competências.

No âmbito identitário, perceberam-se conjecturas sobre a imagem pública, autoimagem, estereótipos, visibilidade e os *gaps* entre o fazer profissional, na teoria e na prática. Conforme Martins (2002) e Rodrigues *et al.* (2013) esses estudos evidenciaram a imagem desse agente, perpassando, em uma perspectiva sócio histórica, por sua representação, entre os séculos VII e VIII a.C, como homem, erudito, sábio, com elevado *status* social e detentor do conhecimento; entre os séculos XIII e XV, como homem, organizado, disseminador do conhecimento; no século XVII, como homem e executor de trabalho relevante para sociedade; no século XIX, como pessoa absorva entre livros; a partir do século XX, como mulher introspectiva, geralmente solteira, com aparência física pouco atraente, executando atividade tecnicista; no século XXI, geralmente, como mulher, solteira, mal-humorada, dedo em riste pedindo silêncio e, quando homem, antissocial, tímido, mas ambos com um enorme apreço e conhecimento sobre o universo literário.

A designação profissional de bibliotecário é uma ocupação de nível superior, cujo exercício é estabelecido e regulado pela Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 (BRASIL, 1962), com fiscalização executada por conselhos fiscais de profissão

regulamentada. Apesar das determinações legais, há controversas discussões no meio acadêmico, profissional e/ou científico, sobre qual seria a nomenclatura que de fato abarca as competências e habilidades desses profissionais frente às mudanças do mercado de trabalho.

De forma sintética, parte do grupo o descreve como um técnico que valoriza mais a organização documental em si do que o próprio usuário ou a informação. Outra parte evidencia a sua importância na tríade bibliotecário-cliente-informação em uma prática com relevância social (SOUZA, 1995; 1996; VIEIRA, 1983). Para Souza (1995; 1996), na primeira vertente as funções, habilidades e competências estão ligadas à realização com êxito das atividades técnicas da profissão e a segunda a uma prática social da profissão relacionada às características mais humanistas.

Nos debates da área há um forte discurso sobre a falta de visibilidade e reconhecimento da profissão, além das iniciativas para combater os estereótipos existentes. Há três abordagens que construíram hipóteses para a existência desses problemas: as questões de comportamento; as questões de relevância social e, a última, as questões de gênero. No primeiro são descritas atitudes passivas perante aos usuários (OLIVEIRA, 1983) e a falta de engajamento político dos profissionais (SOUZA, 2006); na segunda, aponta-se a falta de *status* de algumas profissões, (COELHO, 1999) ou reconhecimento, como significativa socialmente (WALTER, 2008); e na última, ressalta-se a desqualificação da profissão, por ser considerada tipicamente feminina (FERREIRA, BORGES, BORGES, 2010).

Neste sentido, o estudo não propõe comparar as três teorias explanadas, mas seguir a linha das reflexões teóricas que entendem que profissão feminina é o

principal estereótipo que precisa ser enfrentado. Para tanto, a pesquisa está embasada pelo arcabouço da Sociologia das Profissões.

A desvalorização e a existência de estereótipo não são exclusivas desta profissão e estão ligadas, principalmente, às disputas pela dominação no mundo das profissões e à resistência à subalternização. Essas lutas se refletem na construção identitária, nas relações sociais e no reconhecimento social. Partindo deste recorte, a pesquisa caminha por referencial que retrate a identificação profissional e imagem. Entretanto, as atividades realizadas por bibliotecárias e bibliotecários ou o fenômeno literário e/ou artístico das obras sobre estes não serão escopo deste estudo, mas a percepção que os profissionais têm sobre sua imagem e o manuseio de sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia.

Vale ressaltar que a Biblioteconomia é retratada como uma área tipicamente feminina (FERREIRA; BORGES; BORGES, 2010), entretanto, existem poucos estudos sobre gênero na Biblioteconomia (ESPÍRITO SANTO, 2008; FERREIRA, 2003). Referente aos levantamentos quantitativos por sexo (homem/ mulher), as dimensões, muitas vezes, são aplicadas para averiguar o indicador em cursos, turmas, entre outros, e não no grupo em geral. Até mesmo o Sistema CFB/CRB não documenta esses dados e o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2009) retrata o quadro dos ingressos e egressos sem estabelecer informações sobre os praticantes.

Sousa (2014, p. 63) acrescenta que diversos trabalhos da área, que afirmam retratar a perspectiva do gênero, apenas apresentam pesquisas sobre o “[...] uso, acesso e produção da informação por mulheres; participação feminina e masculina em vários contextos sociais; variáveis sobre sexo, ou seja, o uso do gênero como

sinônimo de sexo e, ainda, outros trabalhos que, embora abordando questões sobre o gênero, propõem outras discussões”.

Por compreender o gênero como uma categoria relacional (SAFFIOTI, 1992; SCOTT, 1995), a tese não enfoca só um grupo, mas o todo: mulheres e homens, na forma como percebem a profissão e constroem suas identificações.

Tais questões encontram campo fértil para análise a partir da Sociologia das Profissões, favorecendo a desconstrução e reconstrução da identidade profissional, bem como para a investigação sobre um posicionamento mais proativo do grupo, no sentido da construção de si. Os modelos analíticos de Freidson (1998) e de Abbott (1988) abordam como as profissões consolidaram o profissionalismo. Para investigar a Biblioteconomia no sistema das profissões, o estudo apoia-se em Abbott (1988) e, para pensar uma tipologia das identidades, em Dubar (2005).

As teorias de Abbott (1988) e Freidson (1998) podem ser articuladas na análise. Abbott (1988) propõe uma abordagem que contempla a dimensão macro do sistema de profissões (competição interprofissional) com uma dimensão micro (competição intraprofissional). Então, a dimensão macro apontada por Abbott (1988) é como a competição com outras profissões tem impactos nesta, a exemplo, quando o movimento da tecnologia da informação e das mídias a influenciam e, além disso, como é a disputa interna de grupos da Biblioteconomia nas competições.

Dubar (2005) demonstra que as identidades profissionais são fruto de um processo de socialização e estão em constante movimento: ora em conjunto em uma dimensão relacional (identidade para o outro), ora em uma dimensão biográfica (identidade para si).

A Sociologia das Profissões permite analisar criticamente as concepções sobre a Biblioteconomia e seu papel social com as diferentes formas, como os

grupos internos se pensam e concorrem entre si; analisar os grupos profissionais na sua dinâmica de disputas por formas de se pensar, de se nomear, de buscar mercados, os quais criam modelos e estereótipos para o perfil profissional da bibliotecária.

Assim, as perguntas que permeiam a pesquisa são: As representações construídas, através dos relatos das trajetórias de bibliotecárias e bibliotecários, incorporam padrões e/ou diferenciações? As representações exprimem um sistema de valores, que correspondem à ideologia e o fazer desse profissional? Os indicadores de profissionalismo no campo da Biblioteconomia estão relacionados à representação simbólica de sua imagem? A forma como bibliotecárias e bibliotecários se percebem, contribui para o desenvolvimento das dinâmicas de disputas ou para o aumento da integração desse grupo? Os estereótipos sócios laborais afetam a identidade desses profissionais? Há percepção dos bibliotecários e bibliotecárias quanto às relações de gênero na profissão?

A problemática central está associada à forma como ocorre a construção identitária de bibliotecárias e bibliotecários de Mato Grosso e como esse processo se apresenta, quanto ao ideário profissional. Partiu-se do pressuposto de que o processo de profissionalização ainda não está consolidado, com base no conjunto de critérios apontados por Freidson (1998)¹.

Definiu-se como objetivo geral, estudar o processo identitário, a partir da articulação entre vivências pessoais e coletivas, na trajetória profissional deste grupo. Para atingir o objetivo estabelecido: (i) traçou-se um panorama histórico

¹ Podemos definir a profissionalização como um processo pelo qual uma ocupação organizada, geralmente, mas nem sempre, por alegar uma competência esotérica especial e cuidar da qualidade de seu trabalho e de seus benefícios para a sociedade, obtém o direito exclusivo de realizar um determinado tipo de trabalho, controlar o treinamento para ele e o acesso a ele e controlar o direito de determinar e avaliar a maneira como o trabalho é realizado. Constitui uma base para organizar empregos e trabalho numa divisão do trabalho inteiramente diferente do princípio administrativo (FREIDSON, 1998, p. 98).

sociológico da Biblioteconomia no Brasil, e de seus reflexos na construção identitária de bibliotecárias e bibliotecários no país; (ii) analisou-se a profissionalização da biblioteconomia contemporânea no Brasil e no Mato Grosso; (iii) buscou-se a compreensão da identidade bibliotecária, suas intersecções, conflitos, disputas por poder e as lógicas do sistema profissional.

Salienta-se que, devido aos objetivos da pesquisa, algumas limitações foram inerentes à própria investigação que deu resultado ao presente texto. Ao mesmo tempo em que o estudo possibilita analisar como este grupo percebe sua imagem e constroem sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia em Mato Grosso, também fornece limites à generalização dos resultados para o âmbito do grupo profissional alocado em outras divisões geográficas pelo país.

Por outro lado, o ineditismo dos dados, proporcionado pela investigação, contribui para estimular reflexões sobre os significados partilhados da trajetória profissional, o impacto do *ethos* profissional, as construções identitárias no interior da profissão e suas representações externas, somando-se a outros trabalhos na linha da Sociologia das Profissões.

Para fins de redação do texto da pesquisa são utilizados os termos bibliotecária, bibliotecário e biblioteconomista, entre o conjunto de nomenclaturas sinônimas estabelecidas pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (BRASIL, 2002)².

² O debate sobre o uso da “linguagem neutra” em que as estruturas gramaticais fazem uso de “@” e “x” é uma das sugestões para desfazer marcas de gênero. Entretanto, em sua busca por garantir que todas as pessoas sejam contempladas, ela acaba por excluir usuários de dispositivos de acessibilidade (como os deficientes visuais), pois os *softwares* não conseguem interpretar essas estruturas. Assim, vale ressaltar, que se utilizou o padrão de redação para textos científicos.

Organização do texto

O texto está estruturado em seções. A seção de introdução situa o problema da pesquisa.

O capítulo um fornece o percurso metodológico para construção da pesquisa. O percurso expõe a descrição do tipo de pesquisa realizada, o instrumento utilizado, bem como as etapas de sua elaboração, a forma como os dados foram coletados, o desenho da amostra, os instrumentos e técnicas utilizados para tratar os dados e a tipologia criada para a análise dos resultados. No segundo capítulo contextualiza-se a discussão que fundamenta o estudo e a especificação dos elementos conceituais e metodológicos base do texto.

No capítulo três, transcendendo o debate sobre o nascimento da Biblioteconomia como campo científico, é apresentado o contexto das múltiplas realidades que a cercam desde sua criação no Brasil, através do mapeamento da origem da profissão, estabelecendo os conflitos entre os grupos profissionais, as disputas por nomeações e as lógicas do processo de profissionalismo desde o ano de 1915 até os dias atuais em um panorama histórico e social.

O capítulo quatro apresenta as perspectivas teóricas sobre a identidade profissional da Biblioteconomia contemporânea, partindo das perspectivas de sua profissionalização no país, enfatizando aspectos sobre Mato Grosso.

Na sequência, no capítulo cinco, analisam-se os dados mais relevantes para a construção do estudo, enfatizando as perspectivas dentro da identidade profissional e o contexto dos múltiplos olhares sobre a Sociologia das Profissões. Destaca-se que na redação, partiu-se da análise das entrevistas com foco nos relatos de experiências das trajetórias profissionais, construindo categorias que

ênfâtizaram a compreensão de como bibliotecárias e bibliotecários que atuam em MT percebem sua imagem e como a construíram.

Nas considerações finais recuperam-se, de forma sintetizada, os pontos expostos na redação do texto e introduzem-se os questionamentos que ficaram em aberto.

CAPÍTULO 1 – SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA

1.1 Síntese do capítulo

O capítulo versa sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa que teve como recorte espacial o estado de Mato Grosso, apresentando o *lócus* da pesquisa, método, as etapas, os instrumentos utilizados e os procedimentos. Seu objetivo principal é esclarecer os caminhos percorridos durante a realização da pesquisa, com vista a situar o leitor.

1.2 Do lugar que parto e do qual eu falo

Convém explicitar que falo como pesquisadora que exerce há mais de doze anos a atividade profissional de bibliotecária. Cursei a graduação em Biblioteconomia e, nas pós-graduações (duas especializações e um mestrado), desenvolvi estudos relativos a este campo. Na trajetória, realizei os fazeres profissionais em uma biblioteca universitária, às vezes na prática de processamento técnico, outras vezes como supervisora e administradora do setor. Em um olhar aproximado ou distanciado, como expectadora ou vivente, observando ou debatendo as contradições do dia a dia dessa atividade.

O caminho percorrido até estabelecer o foco do estudo se organiza em dois momentos. Primeiro, o lugar de onde parti, ao concorrer a uma vaga para ingressar no curso de doutorado em Sociologia, com o encaminhamento de proposta que teve por base um olhar de dentro: memórias, observações e vivências e; segundo, após a compreensão do foco da Sociologia das Profissões, em investigar os debates sobre as profissões superiores em seu âmbito de formação e desenvolvimento.

Quando a oportunidade de concorrer a uma vaga no Doutorado Interinstitucional, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS-UFSCar), tendo como receptora a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), surgiu, parecia vir com ele – através da possibilidade de orientação pela prof. Dra. Maria da Glória Bonelli – também a de discutir e divulgar a profissão.

O motivo inicial, inserido na proposta de um estudo sobre a profissão de bibliotecário, durou até o primeiro diálogo com a orientadora. Nele ficou claro que não havia problema em ser praticante da profissão que seria estudada, mas como estudiosa do campo da Sociologia das Profissões, o caminho era outro: desenvolver um olhar investigativo analítico sobre a Biblioteconomia, respaldado pelo conhecimento acadêmico.

Foi por esse árduo caminho que passei à busca por isolar o conhecimento particular e individual e levá-lo ao conhecimento geral e científico. Realizando a “combinação de experiência pessoal e atividades profissionais” (MILLS, 1975, p. 212) com a investigação lógica dos processos e relações sociais existentes no grupo profissional, formado por bibliotecárias e bibliotecários, passei ao objetivo de analisar como elas e eles percebem sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia em um processo de interação reflexiva entre o eu e o grupo. No processo, agregar ao olhar de profissional da área o de analítico dessa profissão; estabelecer um distanciamento das identificações pessoais, da percepção particular sobre a imagem, a vivência e os conflitos interprofissionais e intraprofissionais e englobar a multiplicidade de olhares sobre a profissão, e, por consequência, passar ao papel de investigadora, através de uma abordagem teórico-metodológica.

Os fatores que corroboraram com essa perspectiva foram: após a reflexão teórica inicial, compreender como se articulam profissionalismo, aspectos de

formação e prática profissional, nos discursos que cada profissional faz sobre si mesmo, o que é inerente a cada percurso e, por conseguinte, individual, mesmo que apresente algumas semelhanças; e em segundo, o fato de que não importa o quanto sociólogos busquem manter-se afastados de seus objetos de estudo, eles fazem parte da história que a sociedade partilha.

Em síntese, a pesquisa foi moldada por essas duas experiências. Ressalto que a perspectiva teórica e a opção metodológica asseguraram o distanciamento necessário para construção de um estudo acadêmico, portanto, me expesso, não como bibliotecária, mas como pesquisadora em Sociologia, inserida no grupo que discute os processos de profissionalização.

1.3 A qualitativa na compreensão da identidade bibliotecária

Compreendendo a metodologia como o caminho norteador e estratégico na construção da pesquisa, organizaram-se seus aspectos práticos, levando-se em consideração a perspectiva de Mills (1975) de que o processo de produção é um artesanato intelectual e que os estudiosos devem usar a experiência de vida no trabalho.

Para averiguar como os sujeitos da pesquisa interpretam suas vivências, realidades e o agir profissional, adotou-se uma abordagem qualitativa com uso de dados quantitativos provenientes de fontes secundárias, como também de documentos (CHIZZOTTI, 2006).

Chizzotti (2006, p. 28-29) define:

O termo “qualitativo” implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem os objetos da pesquisa, com o fito de extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis por meio de uma atenção mais sensível por parte do investigador. [...] Diferentes tradições de pesquisa invocam o título qualitativo, partilhando o pressuposto básico de que a investigação dos fenômenos humanos, sempre saturados de razão, liberdade e vontade, estão possuídos de características específicas: criam e atribuem significados às coisas e às pessoas nas

interações sociais e estas podem ser descritas e analisadas, prescindindo de quantificações estatísticas (CHIZZOTTI, 2006, p. 28-29).

Representando um dos muitos caminhos possíveis para averiguar as inquietações teóricas sobre o profissionalismo na área, concebe-se que, ao traçar os percursos metodológicos, o estudo privilegia a identificação das interações sociais na Biblioteconomia, a partir de entrevistas realizadas nos espaços profissionais.

Para tanto, o estudo guiou-se pelas premissas estabelecidas por Schwandt (2006) ao sugerir que três questões perduráveis norteiam os recursos utilizados em investigação qualitativa independente da concepção epistemológica adotada:

(a) como definir o verdadeiro significado da “compreensão” e como justificar as alegações do “compreender”; (b) como formular o projeto interpretativo, concebido em linhas gerais; e (c) como prever e ocupar o espaço ético no qual os pesquisadores e pesquisados (sujeitos, informantes, entrevistados, participantes, co-pesquisadores) relacionam-se entre si na ocasião ou no evento sócio temporal que é a “pesquisa”, e, conseqüentemente, como determinar o papel, o *status*, a responsabilidade e as obrigações do pesquisador na sociedade que ele pesquisa e para com esta (SCHWANDT, 2006, p. 205).

Definir a “compreensão”, ao analisar como bibliotecárias e bibliotecários apresentam sua identidade, configura-se um desafio, devido às particularidades existentes nas trajetórias individuais. Assim, parte-se do pressuposto da identidade em movimento, compreendendo a constituição da identidade como interação entre os parceiros e a sua trajetória pessoal e social (DUBAR, 2005).

O projeto interpretativo é concebido por meio dos procedimentos adotados, no qual não há um enquadramento teórico tipológico anterior ao trabalho de campo, é a partir das entrevistas, dos sentidos atribuídos pelos sujeitos ouvidos, que se constrói a classificação. Assim, parte-se do pressuposto da identidade em movimento, compreendendo a constituição da identidade como interação entre os parceiros e a sua trajetória pessoal e social (DUBAR, 2005).

O espaço ético é assegurado pela postura da pesquisadora, na articulação metodológica e execução da coleta de dados, ao conduzir o estudo de forma a não obter os resultados esperados, devido à familiaridade com o tema, além do asseguramento ao direito à privacidade, confidencialidade, anonimato ou não-participação da pesquisa aos bibliotecários e às bibliotecárias contatados.

O debate qualitativo foi orientado por uma perspectiva, baseada em uma concepção macro histórica, interacionista e sócio laboral do profissionalismo, privilegiando um olhar sociológico construído a partir do próprio grupo. Para consolidar a análise, sistematizar e caracterizar as generalizações sobre o profissionalismo na Biblioteconomia utilizaram-se dados quantitativos.

1.4 Lócus da pesquisa

O estudo partiu de dados que dimensionam o quadro da profissão em todo país, na sequência, o estado de Mato Grosso, finalizando com os discursos de bibliotecários e bibliotecárias que residem e atuam em cidades deste estado. Devido ao: (i) compromisso de sigilo das informações das entrevistadas e dos entrevistados; (ii) reduzido número de profissionais no estado, as cidades e locais de trabalho não foram identificados.

Embora, a profissão seja regida pelas mesmas leis federais em qualquer localidade brasileira, cada UF, assim como cada município, tem suas especificidades, estilos, condições de trabalho e variação salarial.

A escolha de Mato Grosso como *lócus* da pesquisa deu-se, em especial, devido às características deste Doutorado Interinstitucional que é o de ampliar, incentivar, fomentar e consolidar pesquisas no estado. Ao encontro desse intercâmbio, a pesquisa sobre bibliotecários e bibliotecárias em MT ampliará a

incipiente produção científica sobre a profissão no estado (GUSMÃO, ARAÚJO, 2014; GUSMÃO, SOCORRO, 2009; OLIVEIRA *et al.*, 2013).

Apresentado na mídia como “celeiro do mundo”³, Mato Grosso mantém os títulos de campeão na produção de algodão, de milho, soja e girassol, além de ser o estado com o maior rebanho bovino de corte. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010b) Mato Grosso é o terceiro maior estado do Brasil em extensão territorial, com 903.202,446 km².

O último censo (IBGE, 2010b) apontou que Mato Grosso possuía, em números absolutos, 3.035.122 habitantes, o que representa 1,59% da população brasileira, sua densidade demográfica representa apenas 3,36 habitantes por km². Quanto ao panorama geral de Mato Grosso, o último censo realizado pelo IBGE em 2010, registrou que:

- Em percentuais, o número de mulheres corresponde a 49,0%, sendo ligeiramente inferior ao de homens, que representa 51,0 %;
- Quanto à cor ou raça declarada: branca 1.137.150 (37,46%), preta 229.890 (7,58%), amarela 34.642 (1,14%), parda 1.590.707 (52,40%), indígenas 42.538 (1,40%) e sem declaração 195 (menos de 1%);
- Quanto ao rendimento médio aproximado do trabalho principal (formal) de pessoas, a partir de 16 anos, o valor é de R\$ 2270,00 (2,3 salários mínimos);
- Quanto à população residente: a) a naturalidade, em relação ao município, representa que 55,47% se deslocaram internamente no estado e; b) a naturalidade, em relação à unidade de federação, representa que a maioria da população, 62,08%, é mato-grossense (IBGE, 2010a; 2010b; 2010c).

³ Nos servidores de busca a pesquisa sobre Mato Grosso fornece a informação “celeiro do mundo” e no site oficial do Estado “celeiro do país”. Para mais informações: <http://www.mt.gov.br/economia>.

Os indicadores quantitativos gerais sobre o mercado de trabalho identificam que, no terceiro trimestre de 2017, a população economicamente ativa em MT era formada por 992.553 homens e 710.691 mulheres. Quanto à distribuição das pessoas ativas, segundo a relação de trabalho: 68,2% empregados, 3,9% empregador, 26% conta própria, 1,9% trabalho familiar auxiliar⁴ (MATO GROSSO, 2017).

Atualmente, Mato Grosso possui 141 municípios e destes apenas 20 possuem bibliotecários cancelados a atuar (Quadro 2.3). Neste sentido, apenas 14,18% do estado conta com profissionais que tem o reconhecimento de sua identidade profissional pelo CRB1 (CORDEIRO, 2018).

Quadro 1.1. Panorama das cidades que registram profissionais da Biblioteconomia em Mato Grosso

PANORAMA				
N°	CIDADES	BIBLIOTECÁRIOS/AS (N=140 E %)	(Continua)	
			2010 (CENSO)	2019 (ESTIMATIVA)
1	Cuiabá (capital)	61 (43,58%)	População: 551.098. Sexo: 269.204 homens e 281.894 mulheres.	População: 612.547
2	Rondonópolis	34 (24,29%)	População: 195.476. Sexo: 98.197 homens e 97.279 mulheres.	População: 232.491
3	Barra do Garças	6 (4,28%)	População: 56.560 Sexo: 28.178 homens e 28.382 mulheres.	População: 61.012
4	Sinop	5 (3,58%)	População: 113.099 Sexo: 57.565 homens e 55.534 mulheres.	População: 142.996
5	Jaciara	4 (2,86%)	População: 25.647 Sexo: 12.981 homens e 12.666 mulheres.	População: 27.776
6	Várzea Grande	4 (2,86%)	População: 252.596 Sexo: 125.267 homens e 127.329 mulheres.	População: 284.971
7	Alta Floresta	3 (2,14%)	População: 49.164 Sexo: 24.989 homens e 24.175 mulheres.	População: 51.782
8	Cáceres	3 (2,14%)	População: 87.942 Sexo: 44.098 homens e 43.844 mulheres.	População: 94.376
9	Sorriso	3 (2,14%)	População: 66.521 Sexo: 34.267 homens e 32.254 mulheres.	População: 90.313
10	Tangará da Serra	3 (2,14%)	População: 83.431 Sexo: 41.990 homens e 41.441 mulheres.	População: 103.750
11	Colíder	2 (1,43%)	População: 30.766 Sexo: 15.552 homens e 15.214 mulheres.	População: 33.438

⁴ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNADC (MATO GROSSO, 2017).

Quadro 1.1. Panorama das cidades que registram profissionais da Biblioteconomia em Mato Grosso

				(conclusão)
12	Lucas do Rio Verde	2 (1,43%)	População: 45.556 Sexo: 24.016 homens e 21.540 mulheres	População: 65.534
13	Pontes e Lacerda	2 (1,43%)	População: 41.408 Sexo: 20.922 homens e 20.486 mulheres	População: 45.436
14	São José do Povo	2 (1,43%)	População: 3.592 Sexo: 1.926 homens e 1.666 mulheres	População: 4.063
15	Campo Novo do Parecis	1 (0,71%)	População: 27.577 Sexo: 14.502 homens e 13.075 mulheres	População: 35.360
16	Campo Verde	1 (0,71%)	População: 31.589 Sexo: 16.282 homens e 15.307 mulheres	População: 44.041
17	Guiratinga	1 (0,71%)	População: 13.934 Sexo: 7.287 homens e 6.647 mulheres	População: 15.141
18	Juara	1 (0,71%)	População: 32.791 Sexo: 16.956 homens e 15.835 mulheres	População: 34.974
19	Juína	1 (0,71%)	População: 39.255 Sexo: 20.136 homens e 19.119 mulheres	População: 40.997
20	Primavera do Leste	1 (0,71%)	População: 52.066 Sexo: 26.487 homens e 25.579 mulheres	População: 62.019

Fonte: Elaborado pela autora (2019) a partir de Cordeiro (2018, p. 23) e Censo Demográfico IBGE (2010b).

Cordeiro (2018) indica que dentro deste contexto, sobre os cento e quarenta profissionais⁵, obtêm-se os dados a saber: em gênero, representa 24% masculino e 76% feminino; sobre o estado civil, 29% casado, 2% divorciado, 68% solteiro e 1% viúvo; quanto à faixa etária, 13% têm menos de 29 anos, 39% de 30 a 39 anos, 18% de 40 a 49 anos, 18% de 50 a 59 anos, 12% tem mais de 60 anos.

1.5 Procedimentos da pesquisa

A partir de uma abordagem qualitativa, a pesquisa adotou os procedimentos, a saber: (i) Levantamento e revisão bibliográfica; (ii) Organização e seleção do estado da arte; (iii) Pesquisa de campo; (iv) Apresentação dos dados e dos resultados.

⁵ O relatório de Cordeiro (2018) apresenta a seguinte discrepância: inicialmente contabiliza cento e quarenta e dois profissionais, mas ao dividi-los por municípios, apresenta cento e quarenta.

Este último é apresentado nas seções do Capítulo 4. Para realizar a análise dos dados, do ponto de vista metodológico, baseou-se nas três premissas do interacionismo simbólico apontadas por Blumer (1980).

A primeira estabelece que os seres humanos agem em relação ao mundo fundamentando-se nos significados que esse lhes oferece. [...] A segunda premissa consiste no fato de os significados destes elementos serem provenientes da ou provocados pela interação social que se mantém com as demais pessoas. A terceira premissa reza que tais significados são manipulados por um processo interpretativo (e por este modificado) utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato (BLUMER, 1980, p.119).

1.5.1 Levantamento bibliográfico

Na primeira etapa da revisão bibliográfica, realizada de março de 2016 a agosto de 2016, buscou-se a sistematização das ideias iniciais, através da leitura analítica de textos sobre Sociologia das Profissões, profissionalismo, gênero, poder, divisão sexual do trabalho, cultura profissional, estereótipos profissionais, identidade e construção da imagem bibliotecária.

Formulou-se um banco de dados com listagem bibliográfica da produção científica na área das Ciências Sociais, Sociologia, Ciência da Informação e Biblioteconomia sobre o tema em questão.

Mapearam-se as produções acadêmico-científicas, nacionais e internacionais, identificaram-se as teses e dissertações sobre as temáticas, através da combinação desses descritores com objetivo de verificar o estado da arte da produção, encontrar informação precisa e relevante, aprofundando o conhecimento e a relação entre os conceitos.

Partiu-se dos serviços de busca *Google Search* e *Scholar* e passou-se a seleção da base de dados, nacionais e internacionais a ser consultada, com base

em descritores específicos sobre a temática. O levantamento bibliográfico foi realizado em diversas fontes⁶, as principais foram:

Quadro 1.2. Principais fontes nacionais e internacionais

(continua)		
Fonte	Endereço Eletrônico	Mapeamento Documental
<i>Open Access and Scholarly Information System – Oasisbr</i>	http://oasisbr.ibict.br/vufind/	O Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica – OASISBR é um serviço de busca que permite o acesso simultâneo à produção científica de autores vinculados a universidades e institutos de pesquisa brasileiros. Foram consultados os trabalhos nacionais na linha da Sociologia das profissões.
Scientific Electronic Library Online – SciELO	http://www.scielo.br/	Biblioteca eletrônica que abriga periódicos científicos brasileiros selecionados. Levantamento sobre as discussões atuais quanto à temática.
Bulletin des bibliothèques de France – BBF	http://www.enssib.fr	Revista profissional especializada em bibliotecas e na atividade bibliotecária editada pela <i>école nationale supérieure des sciences de l'information et des bibliothèques</i> (enssib). Consultou-se sobre as características da atividade bibliotecária ao longo da história.
Fonte	Endereço Eletrônico	Mapeamento Documental
<i>Bibliothèque numérique Gallica</i>	http://gallica.bnf.fr/	<i>Bibliothèque numérique Gallica</i> é a biblioteca digital da <i>Bibliothèque nationale de France – BnF</i> . Disponibiliza coleções internas e de mais de 90 bibliotecas parceiras dos programas de cooperação digital. Buscou-se documentos sobre a origem da Biblioteconomia e a influência da perspectiva francesa no Brasil.
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi	-	O SIBi tem por objetivo oferecer acesso informacional às bibliotecas institucionais. Consultou-se o acervo da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) para averiguar e inventariar produções similares à pesquisa. Além dessas, consultou-se catálogos de outras instituições que ofertam cursos de Biblioteconomia e Sociologia.

⁶ Além dessas fontes, contou-se ainda com documentos gentilmente enviados pelo prof. Dr. Edvaldo Carvalho Alves e pelas bibliotecárias Elaine Diamantino e Dr. Gabrielle Francinne Tanus. Aproveita-se a oportunidade para agradecê-los pela cooperação e ressaltam-se suas contribuições na etapa de levantamento bibliográfico.

Quadro 1.2. Principais fontes nacionais e internacionais

(continuação)		
Biblioteca Digital Brasileira De Teses e Dissertações – BDTD	http://bdtb.ibict.br/	Integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes no Brasil. Pesquisou-se acerca de produções sobre profissionais da Biblioteconomia na perspectiva da Sociologia das profissões.
<i>Networked Digital Library of Theses and Dissertations – NDLTD</i>	http://search.ndltd.org/index.php	Portal para pesquisar e localizar Teses e Dissertações Eletrônicas de universidades de todo o mundo. Pesquisou-se produções semelhantes à proposta da tese com o objetivo de assegurar o ineditismo da pesquisa.
Repositórios Institucionais – RI	https://repositorio.ufscar.br/ http://ri.abecin.org.br:8080/jspui/ http://rabci.org/rabci/	Os RI são sistemas de informação utilizados para a gestão e disseminação da produção científica de instituições de ensino e pesquisa. Utilizou-se o RI UFSCar, Repositório de Educação em Ciência da Informação da ABECIN (RECI) e Repositório Acadêmico de Biblioteconomia e Ciência da Informação (RABCI) quanto à busca por produções técnico-científicas dessas instituições.
<i>Journal Storage – JSTOR</i>	http://www.jstor.org/	É uma plataforma de pesquisa e ensino que disponibiliza mais de 10 milhões de arquivos digitais de artigos periódicos. Forneceu acesso a publicações acadêmicas internacionais sobre a temática da tese. Utilizou-se descritores específicos sobre a temática, a exemplo: <i>library science, librarian, documentation, information science, information professional, professionalism in librarianship, librarianship</i> , entre outros.
Fonte	Endereço Eletrônico	Mapeamento Documental
<i>Internet Archive's Wayback Machine</i>	https://archive.org/	É uma biblioteca digital de <i>sites</i> da <i>Internet</i> e outros artefatos culturais que mantêm arquivado versões retrospectivas de páginas da <i>World Wide Web</i> . Forneceu documentos a respeito da história da <i>Melvil Dewey's School of Library Economy</i> da <i>Columbia College</i> .
Periódicos Capes	http://periodicos.capes.gov.br	Biblioteca virtual que disponibiliza produção científica de mais de 21.000 periódicos internacionais e nacionais, além de inúmeras bases de dados. Consultou-se sobre produções específicas com base nos descritores: <i>system of professions, sociology of professions, professionalisation, professionalism, Andrew Abott, Eliot Freidson, Stuart Hall</i> (identidades culturais), "Claude Dubar" (identidades profissionais), "Zygmunt Bauman" (identidade na pós-modernidade" e <i>outras variações desses descritores</i> .

(conclusão)		
Portal <i>Persée</i>	www.persee.fr	Portal que reúne coleções de periódicos e documentos em especial nas áreas de Ciências Humanas, Sociais, da Terra e do Meio Ambiente. Buscou-se produções sobre a origem da Biblioteconomia no mundo, na França e nos Estados Unidos.
Bases de Dados especializadas na área de Biblioteconomia	http://www.brapci.inf.br/ http://eprints.rclis.org/ https://infobci.wordpress.com http://bases.eci.ufmg.br/	Base Referencial de Revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação (BRAPCI); <i>Eprints in Library and Information Science</i> (E-LIS); InfoBCI; Base de Dados ECI.
Archives nationales	www.archives-nationales.culture.gouv.fr	<i>Síte</i> oficial do Arquivo Nacional da França e que armazena os arquivos dos órgãos centrais do país. Buscou-se produções sobre a origem da Biblioteconomia na França.
Biblioteca Nacional Digital – BNDigital	http://bndigital.bn.gov.br/	A BNDigital faz parte da Fundação Biblioteca Nacional (Brasil). Disponibiliza em formato digital o patrimônio documental brasileiro que está em domínio público e compõe seu acervo. Foram consultadas reproduções e transcrições de documentos históricos; hemeroteca digital; dossiês: A França no Brasil, Periódicos e literatura, Projeto Resgate Barão do Rio Branco e Biblioteca Nacional 200 anos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)⁷.

Em uma segunda etapa do levantamento bibliográfico, realizada de julho a novembro de 2019, enfatizou-se a busca pelas bases conceituais sobre a identidade profissional e feminização na Biblioteconomia.

1.5.2 Organização e seleção do estado da arte

Após a sistematização inicial, realizou-se o aprofundamento nas leituras quanto aos seguintes eixos centrais: a) Quadro teórico da Sociologia das Profissões; b) Abordagens sobre o processo de profissionalização; c) Teorias sociológicas sobre identidade; d) Literatura relativa à Biblioteconomia em Mato Grosso.

⁷ As informações que descrevem o portal foram extraídas dos *sites* em que estão armazenados.

Na primeira vertente percebeu-se que os estudos sobre Sociologia das Profissões reconstróem seu percurso como disciplina, apresentando as principais escolas, abordagens e perspectivas. Outros enfatizam os estudos sobre determinadas profissões e como estas se organizaram e desenvolveram ao longo do tempo, em uma linha que aborda questões como poder, profissionalismo, sistema profissional, entre outros conceitos. A exemplo destacaram-se “Sociologia das Profissões” de Rodrigues (2002) e “Estudos sobre Profissões no Brasil” de Bonelli (1999), em que apresentam e exemplificam os modelos de debates existentes na área, a primeira com uma historicização das linhas predominantes na literatura internacional e a segunda, com o enfoque sobre a perspectiva de autores nacionais, o que favoreceu a escolha da vertente teórica com a qual o estudo vem dialogando.

No segundo eixo, percebe-se um conjunto de teorias que discutem a noção de profissão e ocupação e o processo de profissionalização da sociedade como um todo. Também se recorreu a estudos que focam nos processos de profissionalização no Brasil. Após identificar as teorias com similaridades, aproximações ou confrontos e estabelecer possíveis diálogos entre elas, os argumentos teóricos que passaram a fundamentar e contextualizar os debates da tese foram as aproximações tecidas sobre o profissionalismo como uma terceira lógica de organização do trabalho, o paradigma do poder profissional na perspectiva de Eliot Freidson (FREIDSON, 1998) e a vertente de Andrew Abbot (ABOTT, 1988) na abordagem das jurisdições no sistema das profissões.

As teorias sociológicas sobre identidade representaram um verdadeiro desafio, devido à gama de caminhos que vertem para diferentes áreas do conhecimento como a Sociologia, a Antropologia, a Filosofia, a Psicologia, a Teologia entre outras, mas que, em certos aspectos, moldam-se mutuamente. No extenso

cânone, dois elementos são comuns às teorias: a adoção de uma representação conceitual que defina identidade dentro de um quadro teórico da área específica e a existência da dualidade identitária (a identidade pessoal e a social). Com o intuito de alinhar a discussão contextual a uma reflexão da perspectiva teórico-metodológica da tese, adotaram-se teorias sociológicas em que a identidade é um processo construído socialmente, nesta embasou-se especialmente em Claude Dubar (DUBAR, 2005; 2006).

A prospecção de informações relativa à Biblioteconomia em Mato Grosso, com o objetivo de identificar as tendências dessas publicações e as características do profissionalismo no estado, revelou uma ínfima produção. As publicações constituíam-se, em grande maioria, em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que, devido ao caráter de tratamento de tema em uma constituição monográfica, não estabelecia informações para uma análise em profundidade. Localizou-se o estudo de Diniz, Pena e Gonçalves (2011)⁸ com enfoque no tipo de perfil de profissional da informação idealizado para um meio de comunicação específico. Os estudos de Gusmão e Araújo (2014), Gusmão e Socorro (2009) e Oliveira *et al.* (2013) enfocam a produção científica dos docentes do departamento de Biblioteconomia (UFMT) e as potencialidades do mercado de trabalho, o que não é foco do estudo, mas foi utilizado para entender a identidade profissional da região.

Assim, uma alternativa para entender o profissionalismo em MT foi a incorporação de dados quantitativos, obtidos através dos *sites* oficiais, boletins informativos e relatórios, oriundos do Sistema CFB/CRB.

⁸ O estudo é oriundo do projeto “Perfil de atuação do bibliotecário dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (2009-2012)” integrado pelo Dr. André de Souza Pena e coordenado pela Dra. Edileuda Soares Diniz.

Posteriormente à banca de qualificação, acresceu-se à sistematização inicial, que havia sido dividida em quatro eixos⁹, o balanço bibliográfico sobre “feminização na biblioteconomia” e a perspectiva adotada pela tese.

A partir da revisão bibliográfica, foi construída a perspectiva teórico-metodológica que norteou o estudo, apresentada na próxima seção. Baseada na historicização disponibilizaram-se fatos, representações do ideário e dados quantitativos que evidenciem o aspecto estrutural da profissão, dentro do sistema de profissões, contextualizando o perfil, as disputas intraprofissionais e interprofissionais, o que facilitará a compreensão dessas dinâmicas na Biblioteconomia.

1.5.3 Pesquisa de Campo

Na busca por mapear os sujeitos, partiu-se dos dados emitidos pelo CRB1 em seus relatórios de fiscalização. Acrescenta-se que os dados permitem obter apenas informações numéricas sobre o grupo no estado, uma vez que não fornece dados sobre o perfil social desses praticantes.

Tabela 1.1. Situação Funcional da Biblioteconomia em MT

Situação Funcional	ANO			
	2010	2012	2014	2016
Ativos	102	111	126	133
Transferidos	4	4	4	4
Suspensos	2	2	2	2
Cancelados	5	12	16	26
Em débito	62	-	-	-
Falecidos	-	3	4	4
Licenciados	-	6	6	6
Total	175	138	158	175

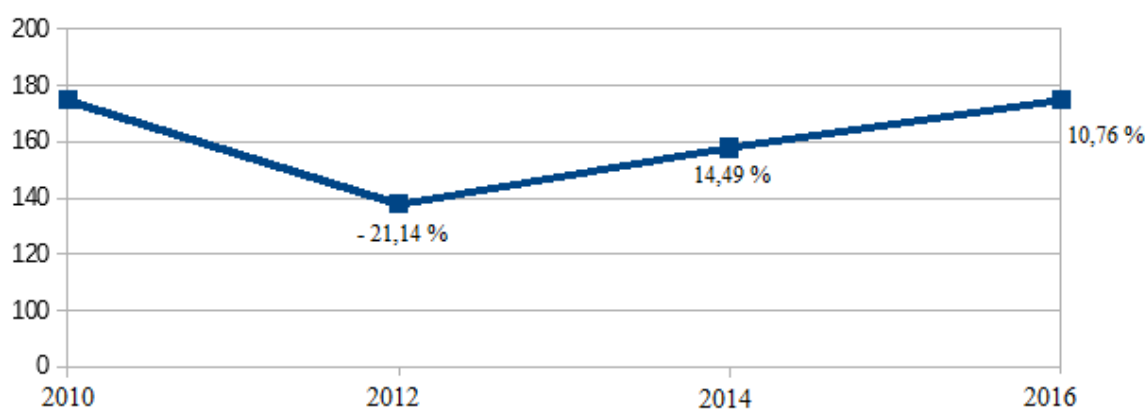
Fonte: Elaborado pela Autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016).

⁹ O aprofundamento nas leituras foi dividido nos seguintes eixos centrais: a) Quadro teórico da Sociologia das Profissões; b) Abordagens sobre o processo de profissionalização; c) Teorias sociológicas sobre identidade; d) Literatura relativa à Biblioteconomia em Mato Grosso.

Ao comparar o primeiro ano do relatório (2010) com o último (2016), percebe-se que o número de profissionais se manteve no mesmo patamar (175). A parte da variação decorreu do crescimento do número de profissionais em situação funcional ativa e a eliminação da categoria “Outros”, entretanto o relatório não estabelece o que seria essa categoria e se os seus dados foram, em algum momento, absorvidos por outras categorias.

A distribuição do número de profissionais da Biblioteconomia em Mato Grosso nos últimos seis anos (2010-2016) é representado no Gráfico 2.1.

Gráfico 1.1. Distribuição do número de bibliotecários (as) em MT



Fonte: Elaborado pela Autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016).

A partir desses dados é possível identificar que de 2010 para 2012 houve uma diminuição de 21,14% no número de biblioteconomistas; de 2012 a 2014 o número de profissionais aumentou, representando 14,49%; de 2014 a 2016 um pequeno crescimento de 10,76%. No caso de MT, o que mudou em relação aos demais estados da Região Centro Oeste (MS e GO) e ao Distrito Federal, é que a partir do ano 1999 passou a contar com um curso de graduação público em Biblioteconomia, inserindo o estado no contexto que alia a oferta de graduação ao aumento no número de profissionais existentes. Estudos na área de Biblioteconomia (NASCIMENTO; MARTINS, 2017; SANTOS *et al.*, 2016) apontam que o aumento da

oferta de cursos de Biblioteconomia no Brasil, impacta diretamente na inserção dos profissionais no mercado de trabalho.

Para o levantamento de dados necessário para identificar o perfil social dos bibliotecários do estado, no dia 19 de março de 2017, realizou-se uma entrevista com o Dr. André de Souza Pena¹⁰, docente do curso de Biblioteconomia da UFMT. A entrevista, que não compõe a amostra da pesquisa, durou uma hora e trinta minutos e teve como objetivo conhecer aspectos referentes à Biblioteconomia em Mato Grosso, identificar bibliotecários e bibliotecárias que atuam no Estado, estabelecer, avaliar e definir possíveis questionamentos aos sujeitos da pesquisa.

Com base na entrevista piloto, estabeleceu-se um roteiro com questões semiestruturadas (Quadro 2.3) que viabilizariam verificar a percepção de bibliotecários e bibliotecárias sobre a construção de sua identidade profissional.

Quadro 1.3. Roteiro de entrevistas

BLOCOS	OBJETIVOS
1 – Apresentação e legitimação do estudo.	– Informar sobre os aspectos principais da investigação e garantir a proteção das informações fornecidas.
2 – Perfil dos entrevistados	– Estabelecer as características comuns e díspares entre os sujeitos da pesquisa; – Averiguar aspectos sobre as trajetórias profissionais e carreiras.
3 – Relação do trabalho com a vida familiar	– Captar as percepções relativas ao profissionalismo e o espaço cotidiano de homens e mulheres.
4 – Representação da identidade	– Entender e estabelecer as percepções sobre a formação da imagem, identidade, sobre o conceito de competência profissional.

Fonte: Autoria própria (2018).

Na sequência, decidiu-se, para a seleção dos possíveis entrevistados, a definição de Bibliotecário como “o bacharel em Biblioteconomia” (BRASIL, 1962), utilizando-se dos seguintes critérios: *i)* atuar na profissão em MT; *ii)* ter atuado na

¹⁰Aproveita-se a oportunidade para agradecer ao professor Dr. André de Souza Pena pela cooperação com a pesquisa e ressalta-se suas contribuições no levantamento de informações sobre a Biblioteconomia em MT.

área, mas no momento não exercer a atividade; *iii*) apenas formou-se na área, mas ainda não atuou. Na subseção seguinte foi realizada uma relação informando que essa foi a seleção inicial e quantos respondentes se obteve de cada, o porquê dessa seleção ter mudado e o resultado do perfil.

Na fase seguinte, contatou-se unidades de informação, arquivos, museus, centros de referências, entre outros espaços de atuação de bibliotecários e bibliotecárias para verificar se havia profissionais em atividade. Em caso positivo, posteriormente enviou-se *e-mail* ao profissional, apresentando a pesquisa e solicitando a participação.

1.6 Sujeitos e o perfil da amostra

Por questões éticas, antes de dar início à entrevista, explicou-se os objetivos da investigação e como seriam utilizadas as informações. Solicitou-se que consentissem no uso dos dados e autorizassem a gravação. Na sequência, pediu-se que versassem sobre a trajetória acadêmica e profissional; depois sobre os aspectos da carreira, a vida familiar e sobre diferenças relacionais ao gênero na profissão. Ressalta-se que, na análise dos dados, são focalizadas as questões que permitem entender e estabelecer as percepções sobre a formação da identidade, de acordo com o objetivo da pesquisa.

Para a proteção dos sujeitos optou-se por não os identificar, omitindo qualquer informação que pudesse revelar sobre seu local de atuação profissional. A nomeação codificada ficou estabelecida por um número na ordem de entrevistas e a letra F ou M de acordo com o sexo.

Para averiguar as lógicas do sistema de profissões em que as relações entre os grupos profissionais podem ser representadas como uma relação interacional (BONELLI, 1993), solicitou-se aos entrevistados que indicassem bacharéis em

biblioteconomia que possivelmente respondessem à pesquisa, realizando amostragem não probabilística do tipo bola de neve (*snowball sampling*). Entretanto, as indicações resultaram em nomes de entrevistados que haviam retornando à solicitação de entrevista de forma positiva ou negativa. Em contato com o Conselho Regional de Biblioteconomia da 1º Região foi informado que o mesmo realizará Censo em 2020 para fazer um levantamento dos locais de atuação dos bibliotecários em Mato Grosso, não possuindo dados que permitissem à pesquisadora estabelecer outro tipo de relação interacional.

Devido à pequena representatividade do universo em MT chegou-se ao seguinte perfil da amostra:

I) Atuar na profissão em MT. Contataram-se 25 (vinte e cinco) profissionais: do sexo masculino, dois não responderam e um postergou para outro momento; do sexo feminino, oito não responderam. Assim foram realizadas 14 (catorze) entrevistas, sendo 10 (dez) mulheres e 4 (homens). As entrevistas totalizaram aproximadamente nove horas de gravação: a mais curta durou quase vinte e um minutos e a mais longa uma hora e dezessete minutos. Deixou-se em aberto a escolha para o local da realização das entrevistas e todos optaram pelo local de trabalho.

II). Ter atuado na área, mas no momento não exercer a atividade. Devido a não existência de uma base de dados com cadastro de formados que residam no estado e que permitia localizar outros respondentes, ou até um espaço de atuação concentrado em que é possível identificá-los, como no caso da primeira categoria, chegou-se, através da metodologia bola de neve aplicada à categoria: (i) a cinco possíveis entrevistados. Após sucessivos contatos, conseguiu-se apenas uma entrevista.

III) apenas formou-se na área, mas ainda não atuou. Após contato com recém-formados não se obteve entrevistados nesta categoria.

Nesse sentido, abandonou-se a seleção inicial e o tipo de relação profissional que resultou o perfil da amostra foi: (i) treze respondentes de instituições públicas; (ii) um de instituição privada; (iii) um que atuou em instituição privada, mas mudou de profissão. Embora o grupo profissional tenha atuações em áreas sujeitas às disputas por nomeação e mais diversidade de práticas profissionais, como mostrado nos capítulos precedentes, na parte das entrevistas, focou-se no material obtido que é o grupo estabelecido na profissão como servidor público, devido ao fato de que estes foram o que efetivamente responderam ao contato para entrevista.

A partir dessas entrevistas foram classificadas as lutas por nomeações, as hierarquizações e as resistências a essas distinções, no grupo central da profissão no MT, que foram os respondentes que aceitaram participar da pesquisa, configurando um perfil em que 93,33% atuam como servidor público, 73,33 % são mulheres e 93,33% são formados em Instituições de Ensino Superior Pública.

A construção amostral buscou ouvir as diferentes possibilidades de bacharéis em Biblioteconomia, em relação à atividade profissional, à instituição onde atua, o cargo que ocupa, onde estudou, faixa etária, sexo, cor/raça, enfim as características que possam captar a diversidade do grupo e o recorte do problema em estudo.

CAPÍTULO 2 – SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES, PROFISSIONALISMO E IDENTIDADE PROFISSIONAL: BASES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

2.1 Síntese do capítulo

Apresenta as perspectivas teóricas sobre as profissões que embasam as discussões propostas. Descrevem-se as abordagens mais relevantes à construção do estudo, enfatizando as perspectivas dentro da Sociologia das Profissões e o contexto dos múltiplos olhares sobre profissionalismo e identidade.

2.2 Contextualização da discussão

A pesquisa, embasada pela Sociologia das Profissões, objetivou analisar a percepção que bibliotecárias e bibliotecários têm sobre sua imagem e como estes profissionais constroem sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia.

O estudo inscreve-se no âmbito das questões que focalizam os aspectos sociais, culturais e econômicos das profissões. Em uma análise sociológica das profissões e das ocupações, diversos modelos analíticos destacam-se ao longo do percurso histórico do seu panorama teórico. Por conseguinte, o estudo está referido em um amplo conjunto de vertentes e formulações teóricas da Sociologia das Profissões em que se destacam aquelas relacionadas à dimensão histórica de uma profissão, às formações de suas instituições, à constituição das “reservas de mercado”, os aspectos do profissionalismo, com ênfase na construção da identidade, enfocada por meio dos discursos dos participantes do grupo.

Durkheim e Weber incluíram questões sobre as profissões em seus escritos. O tipo de dominação racional-legal apoiava-se na visão weberiana da autoridade legítima do *expert*. Durkheim viu nas associações profissionais uma forma de

superar a anomia da sociedade industrial, aproximando indivíduos por meio da solidariedade orgânica. A partir do século XX os fenômenos relacionados às profissões foram mais aprofundados pela sociologia, resultando em uma prolífica produção.

Para Gonçalves (2008) os diferentes estudos sobre a construção dessa especialidade teórica passam pela contínua reconstrução de quadros teórico-metodológicos, ora com pontos divergentes, ora com convergentes sobre o mesmo fenômeno, a profissão. A exemplo tem-se os textos de Evetts (2003; 2014), Gonçalves (2008), Nolin (2008), Rodrigues (2002), Rodriguez Ávila (2008), Rodriguez e Guillen (1992).

Ao revisar esse quadro teórico sobre a história da sociologia das profissões percebe-se que há similaridades nos apontamentos, embora haja elementos que os diferencie. Os estudos de Gonçalves (2008), Rodrigues (2002), Rodriguez Ávila (2008) dividem o percurso teórico em quatro fases. Evetts (2003; 2014) e Nolin (2008) indicam três e deixam em aberto a existência de uma quarta fase, indicando que há a possibilidade de um período temporal ser interpretado desse modo.

Dentro das visões predominantes na literatura recupera-se o estudo de Rodrigues (2002), embasando-a com os enfoques teóricos e correntes sociológicas sobre o estudo das profissões, com o objetivo de discernir o caminho pelo qual é conduzida a temática do estudo.

Em uma proposta de traçar o percurso da sociologia das profissões Rodrigues (2002) identifica seu surgimento, quanto às problemáticas e trajetória inicial, decorrida de uma estratégia de sociólogos americanos frente à crise de 1929 (governo Hoover), aliando-se com as políticas do Estado. Nesse contexto socioeconômico, constitui-se a profissionalização da sociologia, tornando sociólogos

uma comunidade profissional e científica, fazendo com que em seu surgimento a sociologia das profissões, estivesse vinculada a uma visão ideológica e social estabelecida.

Entretanto, essas fronteiras condicionantes de seu nascimento foram abandonadas e partiu-se para correntes que desenvolveram perspectivas sobre a relação do mundo profissional com a sociedade. Em seu enfoque sobre profissão, é recorrente o estabelecimento de fases de desenvolvimento:

1º Fase: Definição do campo ou a procura de um modelo (1934 até finais de 1960);

2º Fase: Crítica e reabilitação das profissões (Década de 70);

3º Fase: O poder das profissões e a pluralidade de paradigmas, abordagens e perspectivas (Décadas de 70 e 80);

4º Fase: Abordagem sistêmica e comparativa (busca por modelos complexos).

O Quadro 1.1 apresenta uma síntese dos apontamentos do percurso histórico dos estudos sobre o fenômeno das profissões com base em Evetts (2014), Freidson (1998) e Rodrigues (2002), para evitar constantes repetições sobre a mesma abordagem. O texto de Freidson (1998) não define fases da evolução e sim o periodiza por temáticas, entretanto, a partir da análise do texto é possível realizar essa divisão.

Quadro 2.1. Periodização da sociologia das profissões

(continua)
EVETTS (2014)
<p>Fase inicial: Profissionalismo como valor normativo (1920-1950). Nas primeiras análises sociológicas, marcada por estudos britânicos, o conceito-chave era profissionalismo e a ênfase estava na importância do profissionalismo para a estabilidade e civilidade dos sistemas sociais. Destaque para os trabalhos de Tawney (1921, em <i>The acquisitive society</i>), Carr-Saunders e Wilson (1933) e Marshall (1950). Entre os estudos norte-americanos, destacou-se Parsons (1939).</p>
<p>Fase Crítica: Profissionalismo como Ideologia (Durante as décadas de 1970 e 1980). Etapa mais crítica dos debates sobre profissões, durante esse período, o profissionalismo passou a ser descartado como uma ideologia bem-sucedida (JOHNSON, 1972), a profissionalização como um processo de fechamento de mercado e controle monopolista do trabalho (LARSON, 1977) e domínio ocupacional (LARKIN, 1983). Os conceitos marcantes da época foram o de “projeto profissional” de Larson (1977) e o de que a profissionalização se destinava a promover os interesses profissionais próprios dos profissionais em termos de seu salário, <i>status</i> e poder, bem como a proteção do monopólio de uma jurisdição ocupacional (ABBOTT, 1988).</p>
<p>Terceira Fase: Profissionalismo como Discurso. Envolve a análise do profissionalismo como um discurso de mudança e controle ocupacional - desta vez em organizações de trabalho, onde o discurso é cada vez mais aplicado e utilizado pelos gestores. Esta terceira interpretação é uma combinação dos dois anteriores e inclui tanto valor ocupacional quanto elementos ideológicos. O grupo é capaz de usar o discurso na construção de sua identidade, promovendo a sua imagem junto dos clientes e negociando com o estado para assegurar e manter suas responsabilidades (às vezes auto) reguladoras.</p>
FREIDSON (1998)
<p>Período pós-guerra (Início do pós-Segunda Guerra) Após a Segunda Guerra Mundial a expansão da sociologia americana passou à sistematização do conceito de profissão, até então marcada por textos que relatavam, em suma, apenas sobre sua importância para a sociedade. São exemplos dessa linha do período antes da guerra, os trabalhos de Herbert Spencer, Beatrice e Sidney Webb, R.H. Tawney, A. M. Carr-Saunders e T. H. Marshall. No período pós-guerra, o destaque vai para os estudos que procuraram desenvolver o conceito de profissão, como uma ocupação atinge o <i>status</i> de profissão e o que difere uma das outras: Talcott Parsons, Everett Hughes, William J. Goode e A. W. Moore.</p>
<p>Período revisionista (Década de 1960 até 1970). A partir de uma perspectiva “revisionista” e crítica das teorias funcionalistas, passou-se a negar a neutralidade das profissões e o altruísmo profissional. Há uma ênfase nas questões sobre conflitos, poder e mercado. A diversidade teórica foi expressa pelos estudos de Eliot Freidson, que enfatizavam o caráter ideológico profissional; Terence Johnson, que ressaltou aspectos sobre o poder e a manutenção do controle pelas profissões; Larson, em <i>The Rise of Professionalism</i>, enfatizou sobre a profissionalização como estratégia para a “mobilidade coletiva”; Pensadores britânicos e americanos passam a criticar o âmbito profissional da medicina.</p>
<p>Período comparativo (Anos 1980). A realização de estudos sobre as profissões por historiadores deu um novo enfoque ao modelo de conceituação do profissionalismo. Passou-se à análise dos processos de profissionalização a exemplo do estudo de Larson; aos estudos comparativos, ora com foco na comparação da posição de diversas profissões em um mesmo país, ora à comparação da mesma profissão em países diferentes, a exemplo, cita-se os estudos de Abel e Lewis (1988); o papel do Estado junto às profissões, com destaque para os estudos de Freidson (1986), Rueschemeyer (1986) e Halliday (1989).</p>

Quadro 2.1. Periodização da sociologia das profissões

(conclusão)
RODRIGUES (2002)
<p>1° Fase: Definição do campo ou a procura de um modelo (1934 até finais de 1960). Coexistência de três perspectivas: funcionalista, interacionista e integradora. Decorre desde os trabalhos iniciais de Carr-Saunders e Wilson (1934) até ao final da década de 60, sendo o pós-guerra o período mais produtivo. Com domínio de perspectiva funcionalista durante todo o período, com destaque para Parsons, Merton, Goode, Barber e Moore; na tradição da Escola de Chicago e perspectiva interacionista, destaque para Hughes, Strauss e Bucher e, em perspectiva que buscava integrar ambos paradigmas, destaque para Wilensky e Gross.</p>
<p>2° Fase: Crítica e reabilitação das profissões (Década de 70). Revisão dos paradigmas funcionalistas e adoção de uma perspectiva que relaciona como derivantes diretos da sociologia das profissões às condições sociais e ideológicas emergentes e de afirmação. Estudiosos de destaque: W. Mills, Gouldner e Gyarmati.</p>
<p>3° Fase: O poder das profissões e a pluralidade de paradigmas, abordagens e perspectivas (Décadas de 70 e 80). O debate sobre o fenómeno do poder profissional a partir de diversas abordagens, visões e interpretações. Destacam-se autores como Johnson, Freidson, Larson e Klegon. Além desses trabalhos destacam-se interrogações sobre a evolução das profissões, as transformações sociais e económicas, abrindo-se um debate em torno das teses da dominação e do declínio do poder profissional.</p>
<p>4° Fase: Abordagem sistêmica e comparativa (busca por modelos complexos). Destaca-se contribuições recentes, como os trabalhos comparativos desenvolvidos na Europa, a abordagem sistêmica e a busca pela construção de modelos de análise das profissões. Estudiosos de destaque: Torstendahl e Burrage (1990), Lucas e Dubar (1994) e Abbott. Analisam a evolução de diferentes profissões em uma mesma formação social, ou as mesmas profissões em diferentes países, não podendo ser determinada, pois continua em desenvolvimento.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2018) com base nas obras citadas.

Dito isso, interessa ao tema da pesquisa a compreensão da 1° fase, referente aos debates sobre o conceito de profissão; a 3° fase, quanto aos estudos sobre poder de Eliot Freidson (FREIDSON, 1998) e; a 4° fase, em que estão inseridas as discussões de Andrew Abbott (ABBOTT, 1988) e Claude Dubar (DUBAR, 2005; 2006).

2.3 Profissão ou ocupação

A partir dos estudos de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim, outros autores, em sua maioria ingleses, passaram a estudar as profissões quanto às consequências da Revolução Industrial com um enfoque na ocupação comercial.

Autores europeus, por sua vez, passaram a analisar a origem histórica das profissões tradicionais ligadas ao estado e iniciaram-se os estudos sobre os processos de profissionalização (SÁNCHEZ MARTÍNEZ, SÁEZ CARRERAS, SVENSSON, 2003).

Os textos específicos da sociologia das profissões remontam ao início do século XX, que, em uma busca por definir o tipo ideal de serviço, traziam questões como: “O que é uma profissão?”; “Esta ocupação é uma profissão?”; “O que as distingue de outras ocupações?”. Parte-se da análise das características únicas ou características dos profissionais para mensurar e classificar os grupos de ocupações. A questão mais relevante para os autores desse período era como alguns grupos ocupacionais específicos (Medicina, Engenharia, Advocacia) diferiam de outras formas de trabalho, sendo estabelecidos como ocupação, profissão ou “semiprofissão”. Destacaram-se as abordagens funcionalistas das obras de Carr-Saunders e Wilson e Talcott Parsons (NOLIN, 2008; RODRIGUES, 2002).

Os autores ingleses Carr-Saunders e Wilson, em sua obra *The professions*, publicada em 1933, selecionaram trinta ocupações com similaridades e discutiram o modo como eram construídas e organizadas, em suma, o intento era estabelecer características que distinguíssem uma profissão de uma ocupação. A profissão seria distinguida da ocupação a partir do momento em que ofertasse a especialização de serviços, criasse associações que garantisse a exclusividade do exercício qualificado da atividade e fosse exercida por membros com formação especializada (NOLIN, 2008; RODRIGUES, 2002).

A discussão teórica de Carr-Saunders e Wilson, considerados por alguns como estudos sociográficos, deu início à tentativa de estudar as profissões de forma sistematizada. Para a análise das profissões, fizeram uso da metodologia naturalista

e topológica, a qual atingiu o apogeu com o trabalho de Marshall (*Citizenship and Social Class and Other Essays*) que defendeu a ideia do altruísmo profissional. Outros estudiosos que enfatizaram essa perspectiva foram Wilensky, Greenwood, Barber, Parsons e Goode (EVETTS, 2003; RODRÍGUEZ, GUILLEN, 1992).

Autor mais influente do período, Parsons, rompeu com a metodologia sociográfica e elaborou estudos sobre as profissões, a partir da recuperação da visão durkheimiana da coesão social. Em seus trabalhos sobre a temática, apresenta a profissão como um meio de controlar a relação assimétrica profissional-cliente e preocupa-se em estabelecer seus atributos profissionais. Em 1939, o artigo publicado por Parsons, evidencia o altruísmo profissional, distanciando as profissões de interesses econômicos e as desenhando em uma dinâmica que favorece o interesse coletivo, em suma, constrói sua teoria, aliando aspectos que expliquem o funcionamento e a gênese da profissão (GONÇALVES, 2008; RODRIGUEZ ÁVILA, 2008).

É, portanto, uma abordagem normativa, que se propõe a estabelecer como o grupo deve agir, em vez de investigar como seus profissionais agem e pensam.

Dubar (2005, p. 172) explana que Parsons consolida o modelo do papel profissional “como articulador de normas sociais e valores culturais”, fundamentado em três dimensões que o legitima:

- Um saber prático, ou "ciência aplicada", articula uma dupla competência: a que é fundamentada no saber teórico adquirido no decorrer de uma formação prolongada e sancionada e a que se apoia na prática, na experiência de uma "relação benevolente". Ao valor do "universalismo da ciência", essa dimensão do papel associa a norma da "valorização da realização" (*achievement*);
- Uma competência especializada, ou "especificidade funcional", que se apresenta como uma dupla capacidade: a que repousa na especialização técnica da competência e que limita a autoridade do "profissional" unicamente à área legítima de sua atividade e a que funda seu poder social de prescrição e de diagnóstico, em uma "relação mais ou menos recíproca";
- Um interesse imparcial (*detached concern*), característica da dupla atitude do "profissional", que alia a norma de neutralidade afetiva ao valor de

orientação para o outro, de interesse empático pelo cliente e por sua expectativa incondicional (DUBAR, 2005, p. 172-173).

Nesse sentido, na visão de Parsons a legitimação profissional está relacionada à legitimação social da profissão. A partir do alinhamento de valores comuns entre cliente e profissional, esse último apresentaria um ideal de serviço que beneficiaria a sociedade, assegurando a conservação da solidariedade social.

Posto tudo isso, recuperou-se em linhas gerais, o modelo teórico de Parsons, uma vez que Abbott (1988), para a construção de seu quadro conceitual sobre profissões e profissionalização, acabou por fazer uso de contribuições funcionalistas e interacionistas e seu paradigma está contextualizado de forma intrínseca, em alguns momentos de modo extrínseco, nas discussões da tese. E para compreender as diferentes significações existentes nas abordagens que enfocam os processos interativos, formativos e de construção social da identidade profissional em Dubar (2005).

2.4 O poder das profissões

O período de 70 e 80 caracterizou-se pela pluralidade de abordagens e orientações metodológicas sobre o fenômeno do poder das profissões. Os estudos que tiveram destaque nesse momento foram os de Terence Johnson com *Professions and Power* (publicada em 1972), Magali Larson com *The rise of professionalism* (publicada em 1977) e diversos estudos de Freidson (EVETTS, 2014; RODRIGUES, 2002).

As discussões propostas por Johnson em *Professions and Power* foram as primeiras a pôr em prática a centralização da análise nas relações de poder. Sua tese pode ser expressa na premissa de que o alicerce do poder profissional é resultante da contribuição do grupo profissional às “funções globais do capital” e o

domínio de algumas ocupações é expresso nas redes que a ligam à classe dominante. Seriam a contribuição à manutenção do modo de acumulação capitalista que asseguraria a posição de uma ocupação na divisão do trabalho (RODRIGUES, 2002).

O conceito de destaque nos estudos de Magali Larson foi o de projeto profissional. Larson buscou compreender porque e como alguns grupos profissionais específicos (Medicina e Direito) alcançaram o monopólio de mercado em torno de seus serviços, bem como um *status* e mobilidade ascendente (tanto coletiva como individualmente) na ordem social. Para a autora, o monopólio da concorrência, legitimada pelo conhecimento prático oficialmente sancionado e o monopólio da credibilidade junto ao público seria a expressão do sucesso de um projeto profissional (EVETTS, 2003).

Os processos de profissionalização são determinados pelos grupos profissionais, sendo estes cruciais na delimitação do mercado de trabalho. Nesse sentido, o controle do acesso à profissão (controle do sistema de ensino) e a proteção do mercado (sistema de licenças) seriam os meios utilizados para definir e manter a segmentação monopolista. O processo de profissionalização ou de controle do mercado envolveria mecanismos de exclusão e diferenciação social, implicando na oposição ou exclusão de outros grupos, sendo a estratificação legitimada pelas instituições do Estado (RODRIGUES, 2002).

Foi a partir de diversos estudos de Eliot Freidson que o conceito de poder se consolidou no âmbito das análises sociais das profissões. Em seu quadro teórico-conceitual compreendeu-se que a sociedade, quanto ao universo do trabalho, é formada por ocupações, ofícios e trabalhos não reconhecidos como tal. A profissão, como um tipo especial de ocupação certificada, distingue-se por uma posição

elevada no sistema da força de trabalho e é reconhecida oficialmente. Os ofícios, por sua vez, não possuem especialização teórica fundamentada (conhecimento formal), sendo repassados de acordo com a competência e antiguidade dos seus praticantes. As outras formas de trabalho não reconhecidos como tal seriam aqueles que não são formalmente recompensados, ou são realizados em tempo parcial, ou ainda, quando realizados em tempo integral são executados à margem da economia (FREIDSON, 1996).

Partindo dessa perspectiva, a análise de Freidson estabelece uma relação entre conhecimento formal e poder. Para ele a questão a ser estabelecida não é a designação conceitual do agente portador do conhecimento, uma vez que a terminologia é ambígua e conflitante. No seu ponto de vista, a identificação como *intelligentsia*, intelectuais, *experts*, técnicos ou profissionais, designa as pessoas que criam, disseminam e empregam conhecimento formal. A questão apropriada seria a de como é possível para alguém ser um agente concreto ou portador de conhecimento formal e exercer poder. Desse modo, para produzir, transmitir ou aplicar tal conhecimento os membros das profissões devem ser submetidos à formação no ensino superior. Assim, ligado à ideia de profissão está a educação superior, cujas instituições são, sem dúvida, a principal fonte de transformação da sociedade e do papel dos agentes do conhecimento formal em todos os países avançados (FREIDSON, 1986).

Para Freidson, o fruto do poder profissional está ancorado na autonomia, no monopólio sobre o conhecimento (*expertise*) e no *gatekeeping* (credenciais) ou, em outros termos, no controle do mercado (RODRIGUES, 2002).

A autonomia estabelece um âmbito de atividade no qual a capacidade de decisão e controle parte do próprio indivíduo. É este trabalhador que, ao dominar informações, amplia o âmbito do poder profissional (RODRIGUES, 2002).

[...] a autonomia profissional é a antítese do proletariado: os próprios trabalhadores determinam que trabalho fazem e como o fazem. Autonomia profissional permite que os trabalhadores enfatizem o arbítrio em seu trabalho, afirmem seu próprio julgamento e responsabilidade como árbitros de suas atividades (FREIDSON, 1998, p. 208).

A *expertise* (monopólio sobre o conhecimento) é a característica daqueles que realizam atividades com competências oriundas do *know-how*, do saber-fazer e formação especializada. Esses profissionais distinguem-se por realizar tarefas que

[...] exigem ou um extenso treinamento, ou experiência ou ambos e, neste caso, os realizadores são verdadeiros especialistas com competência e conhecimento - isto é, com *expertise* - que é distintamente deles e não faz parte da competência normal dos adultos em geral (FREIDSON, 1998, p. 200).

Freidson (1998, p. 204), explica que “[...] O credencialismo cria [...] as condições protetoras pelas quais é possível conceber a manutenção de uma relação de compromisso com o trabalho [...]”. O credencialismo controlando o acesso, além da formação e do Estado, possui papel de institucionalizar e organizar a maioria das profissões.

2.5 Abordagem sistêmica de Abbott

Quanto aos estudos da Sociologia das Profissões, a partir da década de 90, para Evetts (2003), as teorias são construídas tendo o profissionalismo como discurso sobre o controle ocupacional. Gonçalves (2008) destaca a perspectiva comparativa, Nolin (2008) acredita que os estudos caminham para uma retomada da ênfase nos valores do profissionalismo. Rodrigues (2002) aponta para uma abordagem sistêmica e comparativa, em uma busca por modelos complexos.

Rodriguez Ávila (2008) define a existência de uma escola sociopolítica que se concentra em estudos sobre poder, prestígio e capacidade das profissões, em defesa da “reserva de mercado”.

Devido ao traçado metodológico do texto, opta-se por enfatizar os apontamentos de Rodrigues (2002), o qual afirma que os estudos da Sociologia das Profissões, a partir da década de 90, caracterizaram-se por abordar uma teórica sistêmica das profissões e análises comparativas, a partir de uma perspectiva que considera dimensões temporais e espaciais. Com ênfase no estudo de Andrew Abbott (1988) *The System of Professions: An Essay on Division of Expert Labor*, que transparece, ora de forma intrínseca, ora de maneira conceitual na condução e perspectivas da pesquisa.

No Sistema de Profissões, Abbott, concentrando-se na dinâmica, através da qual as profissões definem sua jurisdição ou o direito de controlar a provisão de serviços e atividades particulares, chama a atenção para um dos determinantes mais críticos da jurisdição, a concorrência interprofissional. Em sua análise, percebe a profissionalização das ocupações como um processo multidirecional em que exige o exame do contexto histórico particular das disputas jurisdicionais interprofissionais, na compreensão desse processo. Para ele, é a posse de um corpo de conhecimento abstrato, a base para reivindicar o direito exclusivo de controlar atividades de trabalho específicas (ABBOTT, 1988; DIMAGGIO, 1989).

Apoiando-se na abordagem de Abbott (1988), optou-se por um modelo de análise que partiu da contextualização histórica sobre os conflitos profissionais, as disputas por nomeações e as lógicas do profissionalismo que deram origem à profissão, para assim compreendê-la.

A obra *The system of professions: an essay on the division on expert labor*, escrita por Abbott em 1988, teoriza que as profissões seriam integrantes de um sistema no qual existem disputas intraprofissionais e interprofissionais relativas ao poder, ao conhecimento e ao mercado e cada profissão tem o domínio sobre determinada jurisdição. Para Abbott (1988), as disputas interprofissionais fazem parte dos aspectos centrais do profissionalismo, centrando-se em dinâmicas, que estabelecem para cada profissão, a jurisdição e o controle de determinado saber e atividades no mercado ao longo de sua construção histórica.

A partir dessa perspectiva, Abbott (1988) sugere que a chave para entender as mudanças na profissionalização pressupõe uma análise das tarefas ou atividades de trabalho das profissões. Como as trajetórias mudam ao longo do tempo em um sistema de ocupações, para compreender as lógicas internas é preciso uma análise que leve em consideração o contexto histórico particular das profissões e a dinâmica das mudanças ocupacionais em suas influências na sociedade.

Os argumentos de Abbott (1988) centram-se em cinco pilares (DIMAGGIO, 1989)¹¹:

1. As profissões constituem uma ecologia. As profissões crescem quando há nichos para que elas cresçam; elas mudam quando outras profissões ameaçam seu controle sobre determinados tipos de trabalho. A história das profissões é a história das batalhas recorrentes sobre o território;

2. O fenômeno central da vida profissional é a jurisdição. A jurisdição é “a ligação entre a profissão e o trabalho”¹² (ABBOTT, 1988, p. 20). Os principais eventos no desenvolvimento profissional são conflitos sobre jurisdições. As

¹¹As citações destes autores são apresentadas a partir de tradução nossa.

¹²“[...] *the link between a profession and its work*” (ABBOTT, 1988, p. 20. Tradução nossa).

principais mudanças ambientais são aquelas que criam jurisdições ou abolem as antigas;

3. As profissões constituem um sistema interdependente. As lutas sobre as jurisdições se difundem de forma ampla: uma profissão demovida de uma jurisdição pode perseguir um grupo mais fraco; uma profissão que abandona um espaço de atuação para invadir uma jurisdição mais prestigiada ou lucrativa abre uma vaga na qual outra profissão poderá emergir;

4. As lutas concorrenciais ocorrem em três níveis: mercado de trabalho, opinião pública e Estado. As profissões reivindicam legitimação e essas audiências ratificam ou não essas buscas pelo controle da jurisdição, tornando-as efetivas contra os concorrentes. Entretanto, esses “árbitros externos” de jurisdição extraem sua própria legitimidade de fora do sistema de profissões;

5. Monopólio estratégico sobre o conhecimento central existente na jurisdição. O *strategic heartland monopoly* é significativo quando o conhecimento especializado e a experiência são aplicados no contexto dos serviços que o profissional oferece aos seus clientes. É a capacidade de reivindicar esse monopólio que garante o sucesso da profissão para reter qualquer jurisdição.

Para Abbott a lógica da cultura profissional deve ser analisada a partir de três modalidades: diagnóstico, inferência e tratamento¹³. O diagnóstico e o tratamento são atos mediadores e a inferência, pelo contrário, é um ato puramente profissional.

1. Diagnóstico. O diagnóstico é o processo no qual a informação é levada para o sistema de conhecimento profissional, e o tratamento é onde a instrução é trazida de volta a ela (ABBOTT, 1988, 40). Durante o processo de diagnóstico, as

¹³ Os três níveis serão apresentados com base em Rodrigues (2002) e Abbott (1988. Tradução nossa).

informações relevantes sobre o cliente são reunidas em uma imagem das necessidades do cliente. Ela é então categorizada em um conjunto de categorias já diagnosticadas. Este processo consiste em dois subprocessos conhecidos como coligação e classificação. "A coligação é o primeiro passo em que o sistema de conhecimento profissional começa a estruturar os problemas observados" (ABBOTT, 1988, p. 41. Tradução nossa). A coligação é a formação de uma imagem do cliente e consiste principalmente em "[...] regras que declaram que tipos de evidências são relevantes e irrelevantes, válidos e inválidos, bem como regras especificando o nível admissível de ambiguidade" (ABBOTT, 1988, p. 41. Tradução nossa). A classificação é o encaminhamento do "retrato coligado ao dicionário dos problemas legítimos profissionais" (Abbott, 1988, p. 41. Tradução nossa). A coligação e a classificação ajudam a definir quais tipos de problemas se enquadram no corpo da profissão e, especificamente, que tipo de problema é essa profissão em particular. Abbott menciona que às vezes surgem problemas de classificação. Alguns problemas estão mudando constantemente de classificações e se enquadram em mais de uma classificação, devido a seus traços definidores. Isso pode levar à intervenção ou competição por outras profissões que querem assimilar o problema pouco claro em seu próprio repertório profissional (ABBOTT, 1988, p. 44. Tradução nossa);

2. O procedimento de "tratamento é organizado em torno de um sistema de classificação e um processo de intermediação", segundo o qual os resultados são dados ao cliente e a prescrição é oferecida (ABBOTT, 1988, p. 44. Tradução nossa) Um dos principais problemas associados ao tratamento é a disposição do cliente em aceitar o tratamento. Uma profissão que força os clientes a se submeterem ao tratamento corre o risco de perdê-los para a concorrência, que

podem ser mais flexíveis aos desejos de seus clientes (ABBOTT, 1988, p. 47. Tradução nossa);

3. A inferência é o processo que ocorre “quando a conexão entre diagnóstico e tratamento é obscura” (ABBOTT, 1988, p. 49. Tradução nossa). A inferência pode funcionar de duas maneiras, seja por exclusão ou construção. Com relação aos ideais de inferência, é o fato de que profissões que têm várias chances de inferir soluções para um problema terão, conseqüentemente, mais fracassos do que uma profissão que tem apenas uma chance. Além disso, profissões com múltiplas chances são geralmente mais vulneráveis à intervenção e competição, ou o que é conhecido como *ceteris paribus*, pois o fracasso do tratamento é o principal ponto de ataque para profissões invasoras (ABBOTT, 1988, p. 49. Tradução nossa). Outro fator que deixa as profissões propensas a ataques externos é a existência de um problema no qual nenhum tratamento pode ser inferido.

O diagnóstico, tratamento, inferência e trabalho acadêmico fornecem o mecanismo cultural de jurisdição. Entretanto, isso não é suficiente para que um campo profissional reivindique jurisdição, ainda é necessário que a sociedade reconheça sua estrutura por meio de direitos exclusivos. A reivindicação jurisdicional pode ser alcançada em três campos, dentro do sistema legal, da opinião pública e do mercado de trabalho (ABBOTT, 1988; RODRIGUES, 2002).

Abbott (1988) menciona que reivindicar a jurisdição é apenas um meio de superar as disputas jurisdicionais por parte das profissões e que existe, ainda, a necessidade de investir em módulos de organização profissional, que, trabalhados em uníssono, criariam uma estrutura profissional. São eles:

- Primeiro: quanto mais organizada é uma profissão, mais eficaz é alegar jurisdição;

- Segundo: a organização de uma profissão em “uma única associação nacional identificável é claramente um pré-requisito de reivindicações públicas ou legais” (ABBOTT, 1988, p. 83. Tradução nossa);
- Terceiro: em algumas condições, estranhamente, algumas profissões relativamente menos organizadas, devido às suas estruturas internas, têm certa vantagem na competição no local de trabalho. Essas organizações profissionais carecem de um foco rígido e, portanto, têm liberdade de ir e voltar de tarefas diferentes, enquanto profissões mais organizadas não têm essa flexibilidade para se aventurar em outras áreas de trabalho e aumentar a diversidade, para se tornarem mais competitivas;
- Quarto: profissões que possuem estruturas internas altamente organizadas são mais resistentes aos ataques de profissões menos organizadas.

Em suma, o sistema de profissão de Abbott implica que diversas condições competitivas atingem as profissões de forma diferente e de acordo com seu grau de organização. Portanto, o sistema seria interdependente e a maneira como os grupos profissionais se desenvolverão segue um padrão dinâmico estruturado, um movimento a favor de uma profissão inevitavelmente afetaria as outras (ABBOTT, 1988).

Levando-se em consideração os apontamentos de Abbott (1988), os percursos da tese se baseiam no entendimento de que a forma como bibliotecárias e bibliotecários percebem sua imagem pode ser parte do processo identitário, mas não é a identidade. A imagem varia em função de quem ganha ou perde a luta pela jurisdição nesse sistema, do controle do conhecimento e do mercado. A imagem é parte da luta e é construída a partir da força para influenciar a visão/opinião sobre a profissão, uma vez que os membros do grupo participam de relações interacionais

em que a construção identitária é parte do processo de formação desse grupo profissional.

A tese não aprofunda na bibliografia sobre as relações com o Estado e as disputas com outras profissões, discutindo o papel do Estado nos processos de profissionalização. Embora parte dessa literatura argumente que países de origem anglo-americana construíram as profissões a partir da sociedade e não do Estado, portanto de baixo para cima, é reconhecido no campo como nos países europeus e latino-americanos, o Estado foi impulsionador e parceiro indispensável para garantir às profissões o controle e regulamentação do mercado, como também para vetá-los. A tese, portanto, reconhece esta atribuição, e as menciona nas questões postas no texto, a partir dos debates sobre as instituições reguladoras da profissão. Com enfoque em suas relações internas, nos aspectos identitários e sobre a autoimagem nos discursos dos profissionais de Biblioteconomia, partindo do pressuposto de que o processo de profissionalização da Biblioteconomia em Mato Grosso ainda não está consolidado.

A consolidação do profissionalismo envolve um conjunto de critérios, como a teoria aponta, tais como ter curso superior, produzir seu próprio conhecimento, não necessitar de conhecimento de outros campos disciplinares, ter força para garantir o controle do mercado com o apoio do Estado (FREIDSON, 1998).

A pesquisa adota o entrecruzamento entre identidade e profissão, compreendendo a noção de identidade e o processo de identificação como eixos de discussão, marcados por um contexto relacional. Reconhecendo a identidade como algo dinâmico e multifacetado (DUBAR, 2005), o que pressupõe o entendimento de que a pesquisa retrata um determinado momento da identidade das bibliotecárias e

bibliotecárias, em outro momento, em outra conjuntura, provavelmente a percepção de sua identidade não será a mesma.

No caso da Biblioteconomia brasileira, percebe-se que a análise baseada nas perspectivas apontadas permite compreendê-la como uma profissão em construção e mudança. Historicamente, baseia-se em dois modelos, o humanista francês e o pragmático americano, que deram origem ao curso no país, estabelecendo suas jurisdições, percorrendo os caminhos de interação com os clientes, dos serviços prestados e os percursos das lutas concorrenciais que aconteceram interna e externamente.

A perspectiva norte-americana influenciou o direcionamento dos conteúdos curriculares dos cursos de Biblioteconomia do Brasil que privilegiam uma formação acadêmica e profissional e que valoriza os aspectos técnicos e práticos. Nesse sentido, parte da construção identitária de bibliotecários e bibliotecárias é influenciada pela memória das instituições formadoras e pela atividade prática. Assim, quanto à herança cultural europeia ou americana, é uma memória com ressignificação e, no caso da escola que o profissional cursou, a graduação tem relação com a experiência efetiva.

Juntando-se à diversidade e amplitude das abordagens sociológicas sobre os grupos profissionais, estudos realizados pelo próprio grupo sobre a Biblioteconomia como espaço profissional apontam para análises que evidenciam as características da profissão ligadas à sua nomenclatura, às escolas e currículos de formação, à adoção de habilidades, competências e saberes no cotidiano profissional, ao reconhecimento de modelos exportados de outros países com experiências em contextos de informação e ambientes de promoção da leitura.

O pressuposto da pesquisa é que a configuração identitária de bibliotecários e bibliotecárias é influenciada por diversos fatores, entre eles pelas instituições formadoras e pelo exercício profissional. O argumento central é de que as (os) profissionais realizam uma constante reconfiguração de sua identidade profissional. Representam sua identidade a partir de negociações nas quais enfatizam a compreensão de sua identificação, ora nos processos biográficos - quem eu digo que sou - ora nos processos relacionais, nos quais o grupo (outros profissionais, órgãos de classe, instituições de formação) diz o quê o bibliotecário é.

2.6 As formas identitárias e as crises das identidades a partir de Claude Dubar

Em uma pesquisa do tipo estado da arte com o tema identidade seria possível recuperar estudos com perspectivas nas diferentes áreas do conhecimento humano, com significações e pontos de vistas marcados por aproximações, distanciamentos ou, até mesmo, oposições nos métodos e discursos. Dito isso, alinhando aos objetivos da pesquisa às teorias adotadas, até o momento e os dados coletados, optou-se por compreender a identidade no universo da Biblioteconomia à luz dos estudos de Claude Dubar.

A posição da pesquisa ancora-se no pressuposto da identidade em movimento, compreendendo a constituição da identidade como interação entre os parceiros e a sua trajetória pessoal e social (DUBAR, 2005).

Para Dubar (2005), a identidade é resultado de diversos processos de socialização, no qual não há distinção entre identidade individual e identidade coletiva. A identidade para si é correlata à identidade para o outro, entretanto, essa relação é problemática, uma vez que a identidade é construída e reconstruída diversas vezes e não se pode viver a experiência do outro ou conhecer a identidade que nos atribui o outro.

[...] a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições. [...] Ela se justifica pela tentativa de compreender as identidades e suas eventuais cisões como produtos de uma tensão ou de uma contradição interna ao próprio mundo social (entre a ação instrumental e comunicativa, a societária e a comunitária, a econômica e a cultural etc.) e não essencialmente como resultados do funcionamento psíquico e de seus recalques inconscientes (DUBAR, 2005, p. 136-137).

Deste ponto de vista, a divisão do eu é considerada como uma forma primordial de manifestação de identidade e esta, por sua vez, seria a expressão subjetiva da dualidade social. É a partir dos mecanismos de identificação que se manifesta a dualidade e o que leva à construção de uma identidade para si e uma identidade para os outros. Entretanto, nessa articulação, a identificação que vem do outro pode ser recusada e o eu assumir outra identificação.

Dubar (2005) compreende que a formação identitária decorre do encontro de dois processos heterogêneos: (i) atribuição da identidade (processo relacional) e (ii) incorporação da identidade (processo biográfico). No processo relacional ou “identidade para o outro” ocorrem os atos de atribuição (quem o outro diz que eu sou) e no processo biográfico ou “identidade para si” ocorrem os atos de pertencimento (quem eu digo que sou).

Quadro 2.2. Categorias de análise da identidade

(continua)	
FORMA SOCIETÁRIA	FORMA COMUNITÁRIA
Processo relacional * * Identidade para o outro * * Atos de atribuição: “que tipo de homem ou de mulher você é” = dizem que você é * * Identidade – numérica (nome atribuído) - Genérica (gênero atribuído) * *	Processo biográfico * * Identidade para si * * Atos de pertencimento: “que tipo de homem ou de mulher você quer ser” = você diz quem você é * * Identidade predicativa de Si (Pertencimento reivindicado) * *

(conclusão)	
Identidade social “virtual” * * Transação objetiva entre - Identidades atribuídas/propostas - Identidades assumidas/incorporadas * * Alternativa entre - Cooperação – reconhecimento - Conflitos – não-reconhecimento * * “Experiência relacional e social do PODER” * * Identificação com instituições consideradas estruturantes ou ilegítimas * *	Identidade social “real” * * Transação subjetiva entre - Identidades herdadas - Identidades visadas * * Alternativa entre - Continuidades → reprodução - Rupturas → produção * * “Experiência de estratificações, discriminações e desigualdades sociais” * * Identificação com categorias consideradas atraentes ou protetoras * *
Identidade social marcada pela dualidade	

Fonte: Dubar (2005, p. 142).

No primeiro processo há a atribuição de identidade pelas instituições e agentes, diretamente em interação com o indivíduo e só pode ser analisado em um sistema de ação resultante das relações de poder entre os sujeitos envolvidos. É através e na relação com os outros que ocorre a rotulagem, produzindo o que Goffman expressou como “identidades sociais virtuais”. O modo como o sujeito é identificado oriunda da atribuição como uma espécie de reconhecimento da rotulagem exercida pelas instituições (DUBAR, 2005).

No outro processo há a incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, de acordo com a trajetória social de um grupo de referência (que pode ser diferente do grupo ao qual ele pertence, inicialmente). No processo biográfico, que também poderia ser denominado como “identidades sociais reais”, atribuição de Goffman é o sentimento de pertença que legitima a reivindicação de quem o sujeito escolhe ser (DUBAR, 2005).

[...] o processo biográfico pode ser definido como uma construção no tempo, pelos indivíduos, de identidades sociais e profissionais a partir das

categorias oferecidas pelas instituições sucessivas (família, escola, mercado de trabalho, empresa...) e consideradas, a um só tempo, acessíveis e valorizadoras (transação 'subjéitiva'), o processo relacional concerne ao reconhecimento, em um momento dado e no interior de um espaço determinado de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação (DUBAR, 2005, p. 155-156).

Seguindo a perspectiva de Dubar (2005), esses dois processos possuem como elemento comum, a tipificação em que os tipos identitários implicam a existência de categorias particulares utilizadas na autoidentificação e na identificação do outro e devem ser considerados os contextos históricos e temporais das trajetórias. Isso não significa renunciar à noção de identidade social, uma vez que essas categorias

[...] influenciam necessariamente o processo de construção das identidades para si. Mas elas não as determinam mecanicamente nem as fixam de uma vez por todas. De um lado os indivíduos de cada geração devem reconstruir suas identidades sociais 'reais' a partir: 1) das identidades sociais herdadas das gerações anteriores 'nossa primeira identidade social nos é sempre conferida' [...]; 2) das identidades virtuais (escolares...) adquiridas durante a socialização inicial ('primária'); 3) das identidades possíveis (profissionais...) acessíveis no decorrer da socialização "secundária". De outro lado, as próprias categorias pertinentes de identificação social evoluem no tempo e permitem antecipações recíprocas sobre as quais podem se enxertar as negociações identitárias (DUBAR, 2005, p. 145).

Com base nisso Dubar (2006) relaciona quatro tipos de combinação da balança nós-eu. A forma de identidade "biográfica para os outros"; a forma "relacional para os outros", a forma "relacional para si" e a forma "biográfica para si".

i. Biográfica para os outros, forma identitária comunitária/cultural, é aquela em que os indivíduos estão inscritos em uma linhagem geracional. Designa a pertença a um grupo local e à sua cultura herdada (língua, crenças, tradições). Predomina enquanto perdurar, simultaneamente, a supremacia do Nós sobre o Eu, as formas místicas de crenças sobre as formas racionais e as formas pré-capitalistas de produção;

ii. Relacional para os outros, forma identitária estatuária, implica em um “eu socializado” pelo desempenho de papéis. Define-se pelas e nas interações no seio de um sistema instituído e hierarquizado. Constrói-se sob pressões de integração às instituições: a família, a escola, os grupos profissionais, o Estado e define-se através de “categorias de identificação” nas diversas esferas da vida social;

iii. Relacional para si, forma identitária reflexiva (Eu reflexivo), origina-se da consciência reflexiva que põe em ação o compromisso em um projeto com significação subjetiva e que implica a identificação a uma associação de pares, partilhando o mesmo projeto. O “eu reflexivo” que deseja ser reconhecido pelos “outros significativos” que pertencem à sua comunidade de projeto;

iv. Biográfica para si, forma identitária narrativa (Eu narrativo), questiona as identidades atribuídas e um projeto de vida longo. É a “história que cada um conta a si mesmo sobre aquilo que ele é”, o “eu narrativo” que cada um tem a necessidade de ver reconhecido, tanto pelos “outros significativos”, como pelos “outros generalizados”¹⁴. Expressa uma busca pela autenticidade, acompanhado por crises. É a continuidade de um eu projetado nas pertencas sucessivas, perturbado pelas mudanças exteriores e abalado por abundantes vicissitudes (DUBAR, 2006, p. 51-52).

Avançando um pouco mais nos estudos de Dubar (2006; 2011), o autor enfatiza que com o advento da modernidade aspectos, até então pouco percebidos sobre a identidade, passaram a ser revisitados e o que anteriormente era

¹⁴ O conceito do “outro generalizado” criado por Mead faz parte do elemento de sua teoria do *self*. “A comunidade ou grupo social organizado que proporciona ao indivíduo sua unidade de pessoa pode ser chamada de ‘o outro generalizado’. A atitude do ‘outro generalizado’ é a atitude de toda a comunidade (MEAD, 1982, p.184. Tradução nossa). Para entender a teoria *self* e as relações com os “outros significativos” e “outro generalizado ver MEAD, G. H. *Espiritu, persona y sociedad*: desde el punto de vista del conductismo social. Barcelona: Paidós, 1982.

denominado de identidade passa a ser percebido como formas identitárias. Quanto a este aspecto, a crise da modernidade¹⁵ afetou diretamente a forma de pensar sobre identidade, relacionando-se de forma indissociável à crise das identidades.

Dubar (2006) contextualiza que a crise da modernidade afetou as identidades pessoais, em consequência de mutações sofridas nas relações sociais, provocando sua desestabilização, deslegitimação e desestruturação. Sobre a socialização incidiriam aspectos do equilíbrio econômico, as rupturas e reestruturações das relações sociais e as subjetividades individuais. Neste sentido, a “crise das identidades”

[...]. Trata-se, assim, da passagem dolorosa, para a maior parte das pessoas, de uma forma dominante de relações sociais a outra. É, mais precisamente, a transição complexa de uma forma de vínculos de tipo dominante ‘comunitário’ (em alemão, *Vergemeinschaftung*) a uma forma de tipo dominante ‘societário’ (*Vergesellschaftung*), tal como teorizaram, em parte, sociólogos como Max Weber ou Norbert Elias. Não se trata da passagem do coletivo ao individual (‘não há ‘eu’ sem ‘nós’), nem do triunfo do indivíduo sobre o coletivo (‘não há identidade sem alteridade’), mas sim da passagem, nas crises específicas, de formas sociais de tipo dominante comunitário (Nós > eu) para formas sociais de tipo dominante societário (Eu > nós). Pode-se esquematizar esse processo de individualização como uma longa marcha histórica pontuada por crises (mas também por retrocessos e acelerações), passando pela dupla questão dos pertencimentos coletivos e dos reconhecimentos individuais. Se quisermos resumi-la, é preciso inventar uma expressão paradoxal: ‘Quem somos eu?’ (DUBAR, 2011, p.178-179).

Essas “mutações” afetam: (i) as dinâmicas familiares (crise das identidades sexuais); (ii) as dinâmicas das relações de trabalho (crise das identidades profissionais) e; (iii) as dinâmicas ideológicas (crise das identidades simbólicas) (DUBAR, 2006).

i. A crise das identidades sexuais está ligada às relações de gênero e às mudanças que afetam a instituição familiar. Dubar (2006) utilizou a expressão

¹⁵ Há um debate sobre o fim ou não da modernidade, em que alguns teóricos compreendem o período apenas como uma mudança em direção à crise da modernidade e outros como pós-modernidade. A tese não adentrará nesta exaustiva discussão, seguindo a teorização de Dubar que utiliza o termo crise da modernidade. Para uma introdução sobre o tema sugere-se a leitura de WAGNER, P. *A crise da modernidade: a sociologia política no contexto histórico*. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_31/rbcs31_02.htm. Acesso em: 10 abr. 2019.

“identidades sexuadas” para indicar as formas identitárias na esfera da vida privada, inseparáveis das relações sociais de sexo. Ligada ao processo de emancipação das mulheres, à evolução da divisão de trabalho entre os sexos, às transformações da família e às mudanças das relações amorosas. A pluralidade dessas combinações visibiliza a crise nos modelos anteriores;

ii. Já, a crise das identidades profissionais relaciona-se ao trabalho, emprego e as relações profissionais. Dubar (2006, p. 85) estabelece como identidades profissionais as “[...] maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e emprego”. Essa crise estaria relacionada às evoluções do emprego, às transformações do trabalho e, de forma oculta, às relações de classe;

iii. A crise das identidades simbólicas aborda as ideologias. Marcada pela falta de crença nas doutrinas, no que diz respeito ao ponto de vista religioso, às crenças e práticas religiosas e à política, com a instauração da desconfiança nas representações dos sistemas ideológicos.

As três crises incidem em uma mutação na identidade pessoal. Há a necessidade da reconfiguração da identidade, que deixa de ser comunitária, mas não chega a ser societária. Neste percurso, o indivíduo passa a ser definido por seus papéis que, muitas vezes, não coincidem nas instituições familiar, profissional e simbólica, produzindo uma crise de identidades.

2.7 A dimensão da identidade profissional

Adentrando no campo profissional, as dinâmicas identitárias fazem com que a trajetória profissional seja inseparável da identidade pessoal (DUBAR, 2006). A “identidade no trabalho” ou identidade profissional é uma das dimensões da identidade pessoal em que o emprego e a formação continuada intervêm na

construção da identidade social. A identidade profissional seria então definida na confluência entre as experiências no mercado de trabalho, na trajetória profissional e a formação (incluindo aspectos relativos ao aprendizado sobre como realizar sua atividade) (DUBAR, 2005).

Neste sentido, têm-se, no campo profissional, quatro processos identitários típicos ancorados em uma esfera sócio profissional, mas que não se reduzem à esfera do trabalho (DUBAR, 2005):

Quadro 2.3. Os quatro processos identitários típicos

Identidade para si (Pertencimento)	Identidade para o outro (Atribuição)	Transação objetiva	
		Reconhecimento	Não reconhecimento
Transação Subjetiva	Continuidade	PROMOÇÃO (interna) IDENTIDADE DE EMPRESA	BLOQUEIO (interno) IDENTIDADE DE OFÍCIO
	Ruptura	RECAPACITAÇÃO (externa) IDENTIDADE DE REDE	EXCLUSÃO (externa) IDENTIDADE DE FORA DO TRABALHO

Fonte: Adaptado de Dubar (2005, p. 326).

As formas identitárias resultam da articulação entre transação objetiva e subjetiva (DUBAR, 2005). A partir da combinação destas dimensões, na transação objetiva (identidade para o outro) pode haver um reconhecimento social ou um não reconhecimento; e na transação subjetiva (identidade para si) pode resultar na continuidade ou ruptura entre identidades herdada e visada. Assim, mesmo com transações independentes, é possível visualizar uma articulação, em que uma transação objetiva com reconhecimento, estabeleça uma transação subjetiva de continuidade na identidade da empresa ou ruptura na identidade de rede ou, ainda, em outra transação mobilizada, por exemplo.

Na transação subjetiva, quando há uma articulação entre continuidade e reconhecimento, é estabelecida a identidade de empresa. “As identidades

profissionais (de empresa) são construídas por projeção no espaço de poder hierárquico, implicando reconhecimentos de 'responsabilidades', estruturantes da identidade" (DUBAR, 2005, p. 324). Se a associação for entre continuidade e não-reconhecimento "os indivíduos constroem uma identidade profissional (de ofício) projetando-se em um plano de qualificação, o que implica reconhecimentos de 'profissionalidades' estruturantes" (DUBAR, 2005, p. 324).

Já, quando as identidades são construídas em articulação com a ruptura, ainda na transação subjetiva, há uma desvalorização ou supervalorização da identidade projetada, envolvendo uma dualidade entre dois espaços e impossibilitando a construção de uma "identidade de futuro no interior do espaço produtor de sua identidade passada" (DUBAR, 2005, p. 324). Nessas dimensões tem-se a identidade de rede (reconhecimento) ou identidade de fora do trabalho (não-reconhecimento).

Na transação objetiva, resultante da articulação entre continuidade e reconhecimento, a identidade visada é legitimada pelas instituições. Já, na articulação entre rupturas e não-reconhecimento, as interações são conflituosas e o reconhecimento não é atingido (DUBAR, 2005).

Ainda, para Dubar (2005), cada configuração identitária poderia ser associada a um tipo de saber, nos quais se baseiam as lógicas salariais e de racionalidades:

Os **saberes práticos**, provenientes diretamente da experiência de trabalho, não vinculados a saberes teóricos ou gerais, são estruturantes da identidade hoje ameaçada de exclusão; associada a uma lógica instrumental do trabalho pelo salário (TER), essa identidade esbarra no novo "modelo da competência" difundido nas empresas. Os **saberes profissionais** que implicam articulações entre saberes práticos e saberes técnicos estão no cerne da identidade estruturada pelo ofício e hoje bloqueada em sua consolidação; associada a uma lógica da qualificação no trabalho (FAZER), essa identidade atualmente é incitada a se recapacitar ou a se reestruturar em função dessas novas normas de competência. Os **saberes de organização** que implicam outras articulações entre saberes práticos e teóricos estruturam a identidade de empresa que implica

mobilização e reconhecimento; associada a uma lógica da responsabilidade (SER), essa identidade é hoje valorizada pelo modelo da competência, tornando-se ainda mais dependente das estratégias de organização. Os **saberes teóricos**, enfim, não vinculados a saberes práticos nem profissionais, estruturam um tipo de identidade marcado pela incerteza e pela instabilidade e consideravelmente orientado para a autonomia e acumulação de distinções culturais (SABER); associada a uma lógica da recapacitação permanente, é ao mesmo tempo produto e alvo das incitações à mobilidade amplamente desenvolvidas nas empresas (também nas públicas) atuais (DUBAR, 2005, p. 328-329, grifo do autor).

O autor conclui que as identidades sociais e profissionais estão em constante movimento no processo de socialização diversificado e, nesse sentido, a dinâmica de estruturação ou reestruturação assume, em muitos aspectos, a aparência de uma “crise das identidades”.

CAPÍTULO 3 – PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE BIBLIOTECÁRIA NO BRASIL: PANORAMA HISTÓRICO E SOCIOLÓGICO

3.1 Síntese do capítulo

Este capítulo apresenta uma revisão histórica descritiva sobre a Biblioteconomia no Brasil, apresentando o modelo humanista francês e o pragmático americano, que deram origem às escolas de formação profissional da área, além das disputas que persistem até hoje na profissão.

O objetivo desta seção é fornecer um panorama histórico sobre o tema e possibilitar ao leitor reconhecer com quais modelos os entrevistados e entrevistadas tecem aproximações ou distanciamentos e os hibridismos que fragmentam essa identidade.

O balanço teve como base principal os estudos de Almeida (2012), Almeida e Baptista (2013), Anjos *et al.* (2014), Castro (2000), Cunha (1998a; 1998b), Kremer (1983), Mueller (1985), Sabbag (2012) e Souza (1990; 1993; 1997).

3.2 Trajetória da Biblioteconomia no Brasil

Ao traçar os marcos históricos da Biblioteconomia no Brasil, seu cânone, referência aspectos históricos que alinham sua existência à chegada dos primeiros livros no Brasil percorrendo os aspectos sobre a atividade, como o ofício de bibliotecário¹⁶ até a expansão dos cursos de pós-graduação e o estabelecimento do currículo mínimo exigido para o curso.

¹⁶ Sobre o período do estabelecimento dos jesuítas no Brasil, Rodrigues (2011) afirma que os

Nessa perspectiva é traçado uma historicização que pode ser dividida em duas fases: a da ocupação e a do ensino. A primeira, que marcaria os aspectos do ofício de bibliotecário¹⁷ partiria das informações sobre os primeiros acervos bibliográficos no Brasil Colonial, enfatizando o papel das ordens religiosas nas quais atuavam o *bibliothecarius*, evidenciaria a instalação da Real Biblioteca (1810, que seria nomeada Biblioteca Nacional em 1876), passando pela instalação das primeiras bibliotecas públicas (de 1811 a 1883). A segunda que partiria dos fatos ligados à criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Rio de Janeiro (1915) e do segundo em São Paulo (1929), caminhando pelos processos de expansão do ensino de Biblioteconomia no país (1940-1961), enfatizando a regularização da profissão em 1962, ano em que se tornou de nível superior; evidenciando a diminuição dos cursos de graduação e ampliação dos cursos de pós (1970-1995), devido à busca por uma avaliação qualitativa dos cursos amplamente criados no período de 1940 a 1961. Nessa segunda, também, são inseridos os aspectos sobre os movimentos associativos (ALMEIDA, 2012; CASTRO, 2000; FONSECA, 1979; PINTO, 2015; VALENTIM, 1995). No Quadro 3.1 recuperam-se os marcos históricos quanto ao ensino da Biblioteconomia no Brasil.

catálogos registravam as seguintes nomeações para os que exerciam seu ofício nas livrarias da Companhia de Jesus no Brasil: “*bibliothecae custos* (conservador da biblioteca); *bibliothecae praefectus* (prefeito da biblioteca); *bibliothecarius* (bibliotecário); *bibliopola, librarius* (livreiro); *librorum instaurador, bibliopegus* (encadernador); *typographus* (tipógrafo) e, finalmente, *impressor* (impressor)” (RODRIGUES, 2011, p. 290. Grifo nosso) e que estes exerciam inúmeras outros ofícios como enfermeiros, instrutores, administradores, entre outros. O autor afirma ainda que o *Archivum Romano Societatis Iesu* registra oficialmente nove jesuítas no ofício de bibliotecário, sobre esse documento afirma que traz a declaração do padre Antônio Vieira informando ter realizado o ofício de bibliotecário em todos os colégios em que esteve no Brasil e em Portugal e menciona que sobre o irmão coadjutor Antônio da Costa “[...] dele a informação de 1694 se referia como bibliotecário ‘diligente e hábil’. Era bibliotecário, encanador e tipógrafo, e sabia latim” (RODRIGUES, 2011, p. 290).

¹⁷ Ressalta-se que devido à perspectiva inserida na tese, menciona-se essa fase como ocupação, entretanto nos documentos da Biblioteconomia é comum à menção de profissão e denominação de bibliotecários para aqueles que apenas exerciam o ofício.

Quadro 3.1. Panorama histórico da Biblioteconomia brasileira

(continua)	
FASE I (1911-1928)	
Fase I (1911-1928)	Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil de influência humanista francesa, sob a liderança da Biblioteca Nacional.
1911	A Biblioteconomia passa a existir no Brasil como área do conhecimento com a criação do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, segundo na América Latina, terceiro do mundo (funcionava nos porões da BN). Antecedido apenas pelos cursos da <i>École de Chartes</i> na França e pelo curso do <i>Columbia College</i> , em Nova York nos Estados Unidos respectivamente.
1915	O curso da Biblioteca Nacional tornou-se efetivo e funcionou na biblioteca por mais de cinco décadas.
1920	O ensino da Biblioteconomia passaria ao nível superior nos Estados Unidos. O que influenciaria a Biblioteconomia Brasileira e a criação do segundo curso do país em 1929.
1921-1922	Em 02/08/1921 é estabelecido o regulamento do Museu Histórico Nacional (MHN) que cria o Curso <i>Technico</i> com o objetivo de formar profissionais para atuar no próprio museu, na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional.
1923	Extinção do curso da Biblioteca Nacional.
FASE II (1929-1939)	
Fase II (1929-1939)	Predomínio do modelo pragmático americano em relação ao modelo humanista francês.
1929	Estrutura-se o segundo curso do país, no Instituto Mackenzie em São Paulo, com as seguintes matérias básicas: Catalogação, Classificação, Referência e Organização. O curso marca o início da influência tecnicista.
1931	Restabelecido com novas bases o curso da Biblioteca Nacional pelo Decreto 20.673 em 17/11/1931, agora com a duração de dois anos.
1935	Deixa de existir o curso oferecido pelo Instituto Mackenzie.
1936	Criação do curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal da São Paulo, por Rubens Borba de Moraes.
1938	Foi fundada a primeira associação profissional: Associação Paulista de Bibliotecários, atual SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO – SINA/Info.
1939	Fechamento do curso do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal da São Paulo.

Quadro 3.1. Panorama histórico da Biblioteconomia brasileira

FASE III (1940-1961)		(continuação)
Fase III (1940 – 1961)	Consolidação e expansão do modelo pragmático americano.	
1940	Curso do Instituto Mackenzie ressurgiu como Escola de Biblioteconomia, hoje Fundação Escola de Sociologia e Política (FESP). O curso visava dar sustentação à rede de bibliotecas públicas da capital paulista. Com o estímulo da difusão da visão americana em São Paulo, houve a difusão das bibliotecas públicas na cidade de São Paulo e a criação da Escola de Biblioteconomia.	
1942	Implantado o curso da Escola de Biblioteconomia da Bahia – Salvador, BA (integrada à Universidade da Bahia em 1958), fundada pela engenheira civil professora Bernadete Sinay Neves.	
1944	Implantado o Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientae", São Paulo – SP, cujas atividades foram encerradas em 1960. Implantado o curso de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, SP. Esse curso era conhecido como <i>Curso do Sr. Aquiles Raspantin</i> . As atividades do curso foram encerradas e não existe uma data referencial para tal fato na documentação encontrada. Reforma do curso da BN.	
1945	Implantado o curso da Faculdade de Biblioteconomia da Universidade Católica de Campinas – Campinas, SP por um grupo de bibliotecários paulistas.	
1947	Implantado o curso da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Porto Alegre, RS.	
1948	Implantado o Curso de Biblioteconomia Nossa Senhora de Sion – São Paulo, SP, cujas atividades foram encerradas em 1949. Neste mesmo ano, foi implantado o Curso de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal do Recife – Recife, PE, cujas atividades foram encerradas em 1950. Posteriormente vinculado à Universidade Federal de Pernambuco.	
1950	Implantado o Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Pernambuco – Recife, PE. Implantado o curso da Escola de Biblioteconomia de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG cuja fundadora foi Dona Etelvina Lima (a escola foi incorporada à Universidade de Minas Gerais em 1963). Implantado o Curso de Biblioteconomia e Documentação da UFPR, pelo esforço de alguns bibliotecários do Paraná.	
1951	Implantado o Curso de Biblioteconomia do Instituto Caetano de Campos – São Paulo, SP (Atividades encerradas em 1972 ou 1953; divergência na documentação consultada).	
1952	Implantado o Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná – Curitiba, PR.	
1953	Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal, em Brasília.	
1954	Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (e Documentação) - em Recife – o CBBBD, sob os auspícios do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura da Cidade. A partir do segundo, realizado em Salvador, eles se dizem de Biblioteconomia e Documentação. [Em 2002, o nome mudou para Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação]. Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), com o apoio da UNESCO.	

(continuação)	
1955	O Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) lança o primeiro curso de pós-graduação (especialização) na área, o Curso Documentação Científica (CDC). Implantado o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Pública do Amazonas – Manaus, AM. As atividades foram encerradas e não existe referência à data na documentação consultada.
1957	Implantado o curso da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Associação da Companhia de Santa Úrsula – Rio de Janeiro, RJ.
1958	A Portaria no. 162 do Ministério do trabalho, de 07.10.1958, reconhecia a Biblioteconomia como profissão liberal.
1959	Criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB). Implantado o curso da Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos – São Carlos, SP. Atual curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação
FASE IV (1962–1969)	
Fase IV (1962-1969)	Uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão.
1962	Decreto n. 550, de 1 de fevereiro de 1962, alterou o Regulamento dos cursos da Biblioteca Nacional e estabeleceu as disciplinas dos mesmos. O curso passou de 2 para 3 anos de duração elevando-o a Nível Superior. A Lei n. 4.084, de 30/06/1962, regulamentada pelo Decreto no. 56.725, de 16/08/1965, passou a dispor sobre as atividades profissionais dos bibliotecários em todo o Brasil, e consagra a expressão Bacharel em Biblioteconomia e Doutor em Biblioteconomia.
1963	Primeiro código de ética do bibliotecário.
1965	Regulamentação da profissão através do Decreto n. 56.725, de 16 de agosto de 1965. Eleição do primeiro Conselho Federal de Biblioteconomia.
1969	O Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional passou a pertencer a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
FASE V (1970–1995)	
Fase V (1970- 1995)	Paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca da maturidade teórica da área a partir de novas abordagens.
1970	É introduzida a Ciência da Informação no Brasil e cria-se a primeira pós-graduação da área de Biblioteconomia, o Mestrado em Ciência da Informação ofertado pelo IBBD (atualmente denominado IBICT), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
1972	Criada a revista Ciência da Informação resultado da implantação do mestrado.
1975	Primeira Reunião brasileira de Ciência da Informação.
1978	Primeiro Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU)
1979	Segunda Reunião brasileira de Ciência da Informação.

(conclusão)	
1980 – 1995	Houve 2 (dois) Encontros Nacionais de Ensino em Biblioteconomia e Documentação, 5 (cinco) Encontros do CBBB e 8 (oito) Encontros Nacionais de Estudantes de Biblioteconomia e Documentação (ENEED). Fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que também viria a ser uma forte propulsora da produção de conhecimentos em Biblioteconomia e CI no Brasil. Nesse mesmo ano, houve a criação de duas revistas: a Transinformação da PUCCAMP e a Revista de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.
1982	Aprovação do segundo currículo mínimo de graduação em Biblioteconomia (Resolução 08/82 do Conselho Federal de Educação, em vigor).
FASE VI (2001 até os dias atuais)	
2001	Foram estabelecidas as diretrizes curriculares e as escolas de Biblioteconomia brasileiras adquiriram mais flexibilidade e autonomia para estabelecer seus projetos pedagógicos.
2003	O Parecer CNE/CES 67, de 11 de março de 2003, eliminou a exigência de currículos mínimos nacionais.

Fonte: Almeida (2012); Anjos *et al.* (2014, p. 3-7); Castro (2000, p. 26-29); Pinheiro e Loureiro (1995).

O recorte temporal que interessa à pesquisa delimita-se à revisão sobre a criação oficial dos cursos de Biblioteconomia, os períodos históricos referentes aos modelos que deram origem ao curso no país, o curso de *Archiviste Paléographe* da *École Nationale des Chartes* e *Melvil Dewey's School of Library Economy* da *Columbia College*, a criação do primeiro curso no Rio de Janeiro (1915), do segundo em São Paulo (1929), a consolidação do modelo americano (década de 40) e o reconhecimento legal da profissão pelo Estado (1962). Isso porque entende-se que observar os modelos educacionais que influenciaram a Biblioteconomia no país possibilitam uma dimensão de análise mais ampla sobre o profissional e a profissão, evidenciando características que podem passar despercebidas em outro foco.

Para Castro (2000):

As dimensões educativas da Biblioteconomia brasileira podem ser compreendidas sob várias perspectivas, sendo a principal, a técnica e a que diz respeito aos métodos de influência (ensino humanista e ensino pragmático). [...] os modelos de influência evidenciam o currículo e a

inserção política, social, cultural e educacional do bibliotecário (CASTRO, 2000, p. 21-22).

3.2.1 *École Nationale des Chartes* e primeiro curso de Biblioteconomia no país

Chartier (1994; 1998), historiador francês, insere que há uma relação de existência entre escrita, leitura, leitores e bibliotecas. Por sua vez, Santos e Rodrigues (2013) afirmam que as raízes Biblioteconomia estão ligadas intrinsecamente a da biblioteca. Nesse sentido, é comum os textos biblioteconomistas inserirem sua historicização entrelaçando essas diversas relações.

A história da atividade bibliotecária na França está interligada, igualmente com a da biblioteca, do livro e da Biblioteconomia (BAYLE, 1973). O que a faria sobressair-se no contexto histórico é que foi neste país, que ocorreram eventos primordiais para a sistematização das práticas bibliotecárias (BEAUDRY, 2012; SABY, 1998).

No debate sobre a criação da Biblioteconomia como ciência, alguns autores consideram a França como seu berço fundador, devido a dois fatores principais: (i) ao tratado *Advis pour dresser une bibliothèque*, escrito por Gabriel Naudé, em 1627, o considerando como o pai da Biblioteconomia moderna¹⁸; (ii) a fundação da *École Nationale des Chartes*, em 1821, voltada especificamente para a formação de pessoas que trabalhavam em bibliotecas e arquivos públicos. Entretanto, existem aqueles que entendem que a *School of Library Economy* da *Columbia College*, fundada por Melvil Dewey, em 1887, foi de fato a primeira escola de Biblioteconomia

¹⁸ A obra de Gabriel Naudé é considerada como os princípios da Biblioteconomia Moderna, entretanto o termo Biblioteconomia só foi utilizado em 1839 por Léopold-Auguste-Constantin Hesse na obra "*Bibliothéconomie: instructions sur l'arrangement, la conservation e l'administration des bibliothèques*". E a sistematização das técnicas a partir da *École des Chartes*.

no mundo, e, por seu impacto na profissão, seria Dewey o fundador da Biblioteconomia moderna¹⁹.

Consubstancialmente, existem diversos aspectos da história da França que culminaram no desenvolvimento da Biblioteconomia. Para Riché (2009) qualquer tentativa em traçar a história dos bibliotecários na sociedade deve incluir os *manuels de bibliothécaire*, uma vez que na ausência de cursos de formação, revistas especializadas e órgãos de classe foram estes que orientaram as atividades e práticas biblioteconômicas por décadas.

No início do século XIX, os bibliotecários eram recrutados sem exigir um diploma²⁰, a criação da *École Nationale des Chartes* formalizou as condições de recrutamento e incluiu a profissão em um quadro legal e institucional. Partindo de uma proposta do ministro do Interior Conde Joseph Jerome Simeon e do Barão Joseph-Marie de Gérando, um decreto-lei foi assinado por Luís XVIII no dia 22 de fevereiro de 1821 criando a *École des Chartes*. O documento previa dois ensinamentos, paleografia e filologia, professados, respectivamente, na Biblioteca Real e nos Arquivos do Reino (BEDAGUE, 2012a; 2012b).

No contexto histórico, a França passava por um período nacionalista em que buscava redescobrir suas raízes, para tanto procuravam localizar, recuperar e preservar diversos textos e documentos espalhados pelo país. Em 1807, o filósofo Barão Joseph-Marie de Gérando concebeu a ideia de um instituto voltado a compreender os legados do passado, um local onde seria possível superar as

¹⁹ Para mais detalhes sobre essa discussão ver Boeuf (1998), Quinn (2014), Rodríguez Gallardo (2001) e Verzegnassi (2011).

²⁰ O bibliotecário não era escolhido através de exames de admissão, mas por alguns critérios socialmente estabelecidos, como: fazer parte da classe média burguesa, possuir formação clássica, conhecimento em latim, ser um homem da Igreja (Católica ou Jansenista) e celibatário (LAËTITIA, 2016, p. 20).

dificuldades de acesso aos textos históricos, onde se aprenderia sobre a história literária da França e a tradução de antigas línguas francesas.

O contexto político francês da época não permitiu que o pensador continuasse o projeto. Em 1809 iniciou uma carreira administrativa que o levaria a tornar-se conselheiro do Estado e foi nessa função que comunicou seu projeto ao conde Simeon (1749-1842), um jurista do sul erudito e ministro efêmero do interior, seu amigo (BERCÉ, 2005).

Durante todo o século XIX, a Biblioteconomia na França baseou-se nos fundamentos ensinados na *École Nationale des Chartes*, única instituição francesa na época a ofertar formação aos bibliotecários. Durante este século, houve pouca evolução nas atividades dos bibliotecários, que tinham como principal responsabilidade a preservação dos imensos fundos confiscados pelos revolucionários²¹, e, muitas vezes, empilhados nas bibliotecas municipais²². Para alguns críticos, por muito tempo, o ensino sobre bibliotecas ficou relegado ao segundo plano, tendo uma maior ênfase os estudos sobre arquivo (RICHÉ, 2009).

Em 1847 foi criado o primeiro curso de *Classement des archives et des bibliothèques publiques* (Classificação de arquivos e bibliotecas públicas), ministrado por um antigo arquivista, Vallet de Virille. Entre 1869 e 1895, a bibliografia torna-se mais específica com a contribuição de Anatole de Montaiglon, que atuava como bibliotecário. Mas é especialmente Charles Mortet, conhecido por lutar em favor da profissão, que profissionalizou o treinamento em 1895 com o curso *Bibliographie et service des bibliothèques* (Bibliografia e serviço de bibliotecas).

²¹ De 1789 a 1783 a França passou por 3 ondas de confiscos de patrimônios: 1789 – Confisco de bens clérigos; 1792 – Confisco de bens de emigrantes; 1783 – Confisco de propriedade de escolas, faculdades, universidades, paróquias, comunidades religiosas entre outros (LAËTITIA, 2016, p. 20-21).

²² Em muitos casos, *le conservateur* dos patrimônios alocados nesses espaços eram nomeados por amizade e não tinham experiência no ofício de bibliotecário o que foi um dos motivos pelo qual eruditos franceses passaram a preocupar-se com a preservação desse material e, por consequência, dar uma formação apropriada a esses guardadores (LAËTITIA, 2016).

Charles Mortet é, de fato, o primeiro a conceber seu curso como uma preparação científica, técnica e prática para a profissão de bibliotecário, facilitada pela divisão da cadeira entre arquivos e bibliotecas (RICHÉ, 2009).

Em 1907, Manuel Cícero Peregrino da Silva realizou uma longa viagem pela Europa e Estados Unidos da América, com o objetivo de conhecer e aprender técnicas aplicadas às bibliotecas públicas locais. Para Caldeira (2017), o intento maior era compreender as concepções técnicas do modelo europeu que seriam aplicadas à Biblioteca Nacional, em reforma prevista para inauguração do novo prédio.

Segundo a Biblioteca Nacional (BRASIL, sem data) a viagem durou oito meses e o então diretor Manuel Cícero, visitou grandes bibliotecas públicas, para adquirir matérias que não existiam no Brasil e conhecer as novas tecnologias que se aplicassem às atividades da biblioteca.

Carta ao Ministro das Relações Exteriores – Dr. José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco, ordena a todas as autoridades, tanto civis como militares da República e roga as dos países amigos ou aliados que deixem passar livremente o Sr. Manuel C. P. da Silva, Director da Bibliotheca Nacional de Rio de Janeiro o qual vae para a Europa em Comissão do Governo e lhe prestem todo o socorro e proteção de que precisar: leva em sua companhia sua esposa e filho menor Antônio Cícero. Secretaria das Relações Exteriores. 4/3/1907 (DIVISÃO DE MANUSCRITOS / FBN. Loc. I-09, 33, 2 *apud* CALDEIRA, 2017, p. 7).

Para Lemos (2015) é difícil estabelecer os motivos que levaram a opção por um curso aos moldes humanista francês, levando-se em consideração os deslocamentos realizados por Manoel Cícero durante sua viagem, uma vez que não se encontra documentado a justificativa pela aproximação teórica. O autor explica que, além disso, na época a BN assinava o *Library Journal* e a revista da *Bibliothèque de l'École des Chartes* o que supostamente permitia encontrar informações sobre o ensino da Biblioteconomia, tanto nos Estados Unidos, como na França, respectivamente. Já para Fonseca (1957) e Massi (1989), o Brasil registrava

um intenso contato com as ideias francesas, o que justificaria a adoção de tal perspectiva.

O Decreto 8.835 de 11 de julho de 1911 estabeleceu a criação do primeiro curso de *Bibliothconomia*, instituído na Biblioteca Nacional que passaria a funcionar efetivamente só a partir de 1915, devido à desistência dos inscritos em sua maioria funcionários da BN (CASTRO, 2000; RUSSO, 1966). Após realizar um exame de admissão, composto por prova escrita de português e provas orais de geografia, literatura, história universal e de línguas (francês, inglês e latim), vinte e um alunos foram admitidos no processo²³ (CASTRO, 2000).

Vale destacar que os estudos que relatam a história da Biblioteconomia brasileira informam que o curso da BN foi o terceiro do mundo e o primeiro da América Latina. Dos documentos brasileiros, apenas Castro (2000), em uma nota de rodapé na página 53, informa que o primeiro curso da América Latina seria um curso fundado em 1903 pelo *Consejo de Mujeres de la República Argentina*, informação que também consta na *Encyclopedia of Library and Information Science: Volume 14* (KENT *et al.*, 1975).

Entretanto, quanto a essa informação apontada por Kent *et al.* (1975), De Marco (2013) explica que o que ocorreu em 8 de outubro de 1903 foi a inauguração da *Biblioteca del Consejo de Mujeres de la República Argentina* que ofertava anualmente cursos literários e de leitura durante a *Fiesta del Libro*. Estudos sobre *Historia da Ensenanza Bibliotecológica* na América Latina apontariam o curso realizado na *Escuela Normal de Profesores*, nº 2, Mariano Acosta, entre 1909-1910, como o primeiro da América Latina, entretanto esses mesmos autores ressaltam que

²³ Castro (2000) explica que era dispensado desses exames candidatos que anteriormente foram admitidos em escolas superiores ou aprovados para a carreira de bibliotecário. Entretanto, o autor faz uma crítica à entrada posterior ao exame de admissão de mais seis alunos por recomendação de Dr. Carlos Maximiliano Pereira dos Santos, Ministro da Justiça e Negócios Interiores na época.

esse curso teria sido de *escuela normal* (segundo grau) com o objetivo de treinar os alunos para criar uma biblioteca infantil na própria instituição (DÍAZ-JATUF, 2012; PRADA, DÍAZ-JATUF, 2011). Coria (2014) volta a mencionar o curso ofertado pelo *Consejo de Mujeres de la República Argentina* como um marco na história da Biblioteconomia Argentina, sendo denominado como Curso de *Bibliotecarias y Auxiliares Bibliotecrias*, realizado em 1937. Assim, esclarecidos os fatos, a ordem de criação dos primeiros cursos seria 1821 na França, 1887 nos Estados Unidos, 1911 no Brasil (primeiro da América Latina).

Em 1923, o curso deixou de funcionar, fato que estaria ligado à criação do *Curso Technico*, estabelecido pelo Regulamento do Museu Histórico Nacional (MHN) de 2 de agosto de 1921. Assim, a admissão dos funcionários da BN passou a ter como requisito ter cursado o *Curso Technico* (CASTRO, 2000). Em 1931 o curso foi reestabelecido pelo Decreto n. 20.673, de 17 de novembro e para ingressar era exigido

[...] além de apresentação de requerimento ao diretor geral, certificado de aprovação nos exames da 5ª série do Curso Secundário, prestados no Colégio Pedro II ou em estabelecimento sob o regime de inspeção oficial ou certidões de aprovação nos exames de português, francês, inglês, latim, aritmética, geografia, história universal, corografia e história do Brasil [...] atestados de identidade, sanidade e idoneidade moral e recibo da taxa de matrícula (CASTRO, 2000, p. 60-61).

Vale ressaltar que no mesmo período de criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil, a formação nos moldes chartistas sofria diversas críticas na França e os próprios bibliotecários franceses passavam “a debater e referenciar a Biblioteconomia americana”. Assim, a estrutura fundamental no formato francês, que durou por quase trinta anos no Brasil, era alvo de debates anteriores à sua importação (CASTRO, 2000, p. 200).

3.2.2 Modelo pragmático americano

A história da Biblioteconomia nos Estados Unidos da América (EUA) perpassa pela biografia de Melvil Dewey (1851-1931), quanto à sua trajetória profissional. Devido à condição financeira de sua família, Dewey estudava e trabalhava na universidade *Amherst College* (Massachusetts) para custear suas despesas. Em 1872 passou a ocupar o cargo de assistente de biblioteca na instituição, desenvolvendo um plano para reorganizá-la (1873). Em 1874 foi promovido a *Assistant College Librarian* e em 1876 publicou de forma anônima o *Classification and Subject Index for Cataloguing and Arranging the Books and Pamphlets of a library*, obra que revolucionou a Biblioteconomia da época (BÉTHERY, 2012; SILVA, 200?).

Em 1876, juntamente com Justin Winsor (*Boston Public, Harvard*), William Frederick Poole (*Chicago Public, Newberry*), Charles Ammi Cutter (*Boston Athenaeum*) e Richard Rogers Bowker, fundou a *American Library Association*, cujo objetivo era facilitar e permitir que o trabalho de bibliotecários tivesse menos custo. Foi secretário da associação de 1876-1890 e presidente, por dois mandatos (1890 - 1891 e 1892 -1893). Ainda, no mesmo ano, fundou a *Library Journal* que atualmente é considerada uma das publicações mais relevante para a área (BÉTHERY, 2012; KREMER, 1983).

Em 1883 tornou-se Bibliotecário-chefe na *Columbia University* implantando mudanças que, até então, não eram vistas em bibliotecas: tornou o acervo aberto permitindo que os usuários tivessem acesso aos livros na prateleira, criou o primeiro sistema de catálogo de cartões para localização de materiais, organizou palestras sobre o uso da biblioteca; instituiu uma caixa de sugestões para obter *feedback*, criou o primeiro departamento de referência para auxiliar os leitores e delimitou uma

área da biblioteca onde os leitores pudessem conversar e contratou seis mulheres²⁴ (WEINER, 2005).

Em 5 de janeiro de 1887, Melvil Dewey estabeleceu a *School of Library Economy* na *Columbia University*. O curso que matriculou dezessete estudantes do sexo feminino e três do sexo masculino contrariou determinações internas da universidade que não permitia mulheres, fato este que levaria à futura demissão de Dewey e mudança do curso, poucos anos depois²⁵.

Antes da fundação do curso, os bibliotecários aprendiam a ocupação na prática ou em visitas a outras bibliotecas, ou ainda, com a leitura de publicações, voltadas para a atividade. A exemplo, a “*Norton’s Literary Gazette* (desde 1851), *American Journal of Education* (desde 1855) e *Publishers’ Weekly* (desde 1872)” (KREMER, 1983, p. 7). O curso instituído durava quatro meses e eram ensinadas técnicas profissionais, através de conferências ministradas por bibliotecários famosos (KREMER, 1983; WEINER, 2005).

Em 1889, devido à oposição da *Columbia* em admitir mulheres, Dewey transferiu o curso para a *University of the State of New York* em *Albany*, e este passou a ter dois anos e ser de graduação.

Em 1900 já existiam quatro escolas — Albany, Pratt, Drexel e Illinois. Em 1901, a *Round Table on Professional Instruction in Bibliography* da ALA reclamou do excesso de ênfase dado nos programas aos aspectos técnicos da profissão. Em 1906 a ALA estabeleceu seus primeiros padrões para as escolas e, com base neles, as escolas foram visitadas e avaliadas em 1914-15 (KREMER, 1983, p. 17).

²⁴ Kremer (1983) explica que naquela época as universidades não admitiam mulheres e muitas bibliotecas não aceitavam nem mesmo sua frequência. A primeira biblioteca dos EUA a contratar uma mulher foi a *Boston Public Library*, mas para um cargo subalterno. Em 1857, a *Boston Athenaeum* contratou a primeira bibliotecária.

²⁵ Apesar de não ser o foco da tese não é possível deixar de registrar que, independente da notável contribuição profissional de Melvil Dewey, seu comportamento pessoal quanto às mulheres foi deplorável e a Biblioteconomia não pode silenciar sobre os inúmeros casos de assédio sexual que acompanham sua trajetória (para mais informações ver ARÉVALO, 2018). Além das críticas que apontam que o “investimento” na formação de mulheres devia-se por Dewey entender que, tanto as mulheres como a Biblioteconomia, tinham características de subalternidade (BATTLES, 2003).

No Brasil, em 1870, o casal de missionários presbiterianos George e Mary Ann Annesley Chamberlain fundou a Escola Americana voltada para a educação básica. No final do século XIX passou a ser denominada como *Mackenzie College*, ofertando os cursos superiores de Filosofia (1885), de Comércio (1890) e a Escola de Engenharia (1896). Foi a primeira instituição a ofertar oficialmente, em parceria com a *University of the State of New York*, uma cotitulação internacional.

Em 1926, houve a primeira biblioteca do país a inserir o Sistema Decimal de Dewey (CDD) sob a coordenação de Adelpha Rodrigues de Figueiredo e fundou-se o primeiro curso de Biblioteconomia do Brasil, com base no modelo americano (1930) (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, 200?).

Ao mesmo tempo, na década de 1920 e 1930, os intelectuais brasileiros estavam fascinados pelos ideais de progresso norte-americano e os bibliotecários do país debatiam se a biblioteca deveria ter um perfil de armazenadora do acervo ou de livre acesso, similarmente aos debates ocorridos na França, desde o começo do século XX (CASTRO, 2000; SOUZA, 1990).

A partir do Quadro 3.2 é possível verificar as influências históricas dos currículos dos primeiros cursos franceses na Biblioteconomia brasileira e como, aos poucos, houve um distanciamento da perspectiva original do curso no país.

Quadro 3.2. Comparativo entre as matrizes francesas e os currículos dos primeiros cursos brasileiros

ÉCOLE ROYALE DES CHARTES 1821	ÉCOLE NATIONALE DES CHARTES 1869	CURSO DE BIBLIOTECOMIA BIBLIOTECA NACIONAL 1911	CURSO TÉCNICO MHN 1922	CURSO DE BIBLIOTECOMIA BIBLIOTECA NACIONAL 1932	CURSO DE BIBLIOTECOMIA INSTITUTO MACKENZIE 1929
Numismática	-	Numismática	Numismática e Sigilografia	-	-
Sigilografia	-	-			-
Paleografia	Paleografia	Paleografia	Paleografia e Epigrafia	Paleografia	-
-	-	-			-
-	-	-	Cronologia e Diplomática	-	-
-	Diplomática	Diplomática		Diplomática	-
Arqueologia	Arqueologia da Idade Média	-	Arqueologia	-	-
-	Bibliografia	Bibliografia	Bibliografia	Bibliografia	-
-	-	Iconografia	Iconografia e Cartografia	Iconografia	-
-	-	-		Cartografia	-
Classificação de Arquivos e Bibliotecas	Classificação de Bibliotecas e Arquivos	-	-	-	Classificação
História das Instituições Políticas da França	Instituições Políticas, Administrativas e Jurídicas da França	-	História Política e Administrativa do Brasil	-	-
-	-	-	História da Arte	-	-
-	-	-	História Literária	História Literária	-
Direito Civil, Canônico e Feudal	Direito Civil e Direito Canônico da Idade Média	-	-	-	-
Geografia Histórica	-	-	-	-	-
Sistema Monetário de Pesos e Medidas	-	-	-	-	-
Filologia	Lingua Romanas	-	-	-	-
-	-	-	-	-	Catálogo
-	-	-	-	-	Referência
-	-	-	-	-	Organização de Bibliotecas

Fonte: adaptado de Sá (2007; 2013, p. 44-45).²⁶

Em 1929 a bibliotecária norte-americana Dorothy Muriel Geddes Groop passa a exercer a atividade no *Mackenzie College*. Sua vinda para o Brasil teve

²⁶ Sá (2013) apresenta as disciplinas do curso de Biblioteconomia do ano de 1932. Entretanto, o decreto que restabelece, na Biblioteca Nacional, o curso de Biblioteconomia foi publicado no Diário Oficial da União – Seção 1 – 20/11/1931, Página 18475 (Publicação Original).

como objetivos: auxiliar Adelpha Rodrigues de Figueiredo em seu preparo para concorrer a uma bolsa de estudos de Biblioteconomia nos EUA, substituí-la enquanto estivesse fora e ministrar um Curso Elementar de Biblioteconomia (CASTRO, 2000; SABBAG, 2012; OLIVEIRA, CARVALHO, SOUZA, 2009).

Em outubro de 1929 teve início a primeira turma, composta por 6 alunos. Em maio de 1930, Adelpha foi a única a concluir o curso. No mesmo ano, foi estudar Biblioteconomia na *American Association of University Women* e ao retornar, em 1931, reassume suas atividades na biblioteca de dirigir o curso que estava com sua segunda turma em andamento. A turma, composta por cinco alunas, tinha como disciplinas ministradas a catalogação, classificação, referência e organização de bibliotecas (RODRIGUES, 1945).

A partir desse panorama histórico é possível perceber que a Biblioteconomia brasileira se desenvolveu com base em dois modelos: humanista francês e pragmático americano. Nesse sentido, a identidade profissional de bibliotecários e bibliotecárias incorporou algumas das características de cada um, adaptando-se e modificando-se de acordo com a realidade social do país.

3.2.3 Do *bibliothecário* ao *profissional da informação*

A questão das disputas por nomeações, características dos diversos grupos profissionais (FREIDSON, 1996; 1998), no caso do bibliotecário, está relacionada à trajetória de ensino da Biblioteconomia no país. E suas diversas variações, ao longo do tempo, estiveram ligadas aos debates iniciados em dimensões educativas e transpostos para o mercado de trabalho, ou exigidos pelo mercado de trabalho e respondidos pelas instituições de ensino.

Como mencionado, nas seções anteriores, a história da profissão está ligada à historiografia da leitura, dos livros, das bibliotecas e no caso do Brasil às ordens

religiosas. Documentos do período colonial já apresentam a nomeação de bibliotecário²⁷ nas bibliotecas jesuítas.

Dando continuidade ao percurso histórico, parte-se da denominação profissional descrita na instituição que primeiro ofertou o curso no país para, posteriormente, alicerçado na Sociologia das Profissões, apontar o momento em que a denominação deixou de designar apenas um ofício para referir-se a uma profissão regulamentada e os debates que fomentaram sua reclassificação dentro do grupo profissional.

Em 13 de setembro de 1824 o imperador aprovou a decisão n. 191 que “Aprova o regimento interno para a Bibliotheca Imperial e Publica desta Côrte” (BRASIL, 1886, p. 135-138). O regulamento determinava sobre o funcionamento da biblioteca e passava a usar o termo bibliotecário para administrador geral em substituição ao de prefeito e zelador (BRASIL, [1960]; CASTRO, 2000).

OBRIGAÇÕES INDIVIDUAES

O Bibliothecario tem a seu cargo o total governo deste estabelecimento em todas, e em cada uma das suas relações, e partes. Regula, compra, vende, fiscalisa, e promove tudo quanto a elle convem. Responde e dá contas a S. M. o Imperador pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negocias do Imperio. Todos os empregados lhe estão sujeitos, e lhe obedecem em tudo relativo ao serviço da Bibliotheca (BRASIL, 1886, p. 137).

Relatórios, posteriores expedidos internamente pela biblioteca, trarão de forma específica as funções dos funcionários da biblioteca, incluindo o bibliotecário (SLAIBI, 2019), mas somente a partir de 1911 é que a profissão dá seus primeiros passos no caminho da profissionalização.

PROVIMENTO DOS CARGOS

Art. 25. O director geral, os bibliothecarios e os sub-bibliothecarios serão nomeados por decreto, que designará as secções em que devam servir os primeiros; os officiaes, amanuenses, auxiliares, o porteiro, os ajudantes deste e o mecanico electricista, nomeados por portaria do ministro.

Art. 26. O director geral será de livre escolha do Governo, que poderá designar um dos bibliothecarios para servir em comissão.

²⁷ Ver nota de rodapé número 15, p. 74.

Art. 27. Os cargos de bibliothecario e sub-bibliothecario serão providos por meio de promoção por merecimento e os de official e amanuense na razão de 2/3 por merecimento e 1/3 por antiguidade no cargo, determinada pelo tempo effectivo de serviço, com exclusão de faltas e licenças.

Art. 28. **Os auxiliares serão nomeados mediante concurso de documentos comprobatorios da aptidão e boa conducta dos candidatos**, que não poderão ter menos de 18, nem mais de 30 annos de idade, não sendo admittidos aquelles que soffrerem de molestia contagiosa ou tiverem defeito physico que prejudique o exercicio do cargo, **devendo ser preferidos os que houverem sido habilitados no curso de bibliothconomia.**

[...]

Art. 32. Os empregados nomeados independentemente de **habilitação no curso de bibliothconomia não poderão chegar a bibliothecarios, sem que se habilitem naquelle curso, circunstancia que deverá ser levada em conta nas demais promoções por merecimento.**

Art. 33. Nas promoções por merecimento e nas nomeações de auxiliares effectivos deverão ter ao mesmo tempo em attenção as habilitações, a assiduidade, o procedimento, a dedicação ao trabalho e a importancia dos serviços prestados (BRASIL, 1911, sem paginação, grifo nosso).

No ano de 1962, após anos de empenho de bibliotecárias e bibliotecários, na busca pela regulamentação profissional (CÔRTE *et al.*, 2015), foi promulgada a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 que dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício (BRASIL, 1962). O que estabeleceu por legislação o grupo que fazia parte da profissão, bem como quem poderia ser designado com essa nomeação.

Segundo Souza (2006), os debates sobre identidades e visibilidade profissional na biblioteconomia são historicamente ligados às nomeações, que ao longo de sua trajetória o/a bibliotecário/a recebeu. Na década de 90 um “sentimento de inferioridade” (SOUZA, 2006, p. 24) acompanhava os profissionais que eram rotulados como “Moderno Profissional da Informação”, o que, para Souza (2006), agravou-se ainda mais com a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO de 2002.

Na CBO 94 bibliotecários eram identificados no código 1-91.20 e eram considerados sinônimos desta profissão²⁸:

²⁸ A primeira estrutura da CBO foi elaborada em 1977 com base na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações - CIUO de 1968. Sofreu atualizações em 1982 e 1994 que não alteraram

Responsável de biblioteca ■ Bibliotecário-chefe ■ Bibliotecário de divisão técnica ■ Biblioteconomista ■ Bibliotecônomo ■ Chefe de biblioteca ■ Chefe de biblioteca e documentação científica ■ Chefe de documentação e biblioteca ■ Chefe de documentação e registro ■ Chefe de setor de biblioteca ■ Classificador bibliográfico ■ Coordenador de biblioteca ■ Diretor bibliotecário ■ Diretor de biblioteca ■ Encarregado de biblioteca ■ Supervisor de biblioteca (BRASIL, 1994).

A CBO 2002 (BRASIL, 2002) passou a identificar os profissionais da informação no código 2612, pertencendo a esta família: Bibliotecário (2612-05), Documentalista (2612-10), Analista de informações (2612-15). No caso específico do bibliotecário, apresenta como sinônimos, “Biblioteconomista, Bibliógrafo, Cientista de informação, Consultor de informação, Especialista de informação, Gerente de informação, Gestor de informação” (BRASIL, 2002, sem paginação).

Pena e Crivellari (2018) apontam problemáticas em decorrência dessas mudanças, a saber: *(i)* inferência estatística que engloba na mesma apuração todo um grupo ocupacional e não apenas bibliotecários; *(ii)* uma classificação em áreas e subáreas baseada em questões político-institucionais e não na teoria das classificações²⁹. Para os autores o impacto negativo da amplitude da nomenclatura pode ser identificado em concursos, vagas e planos de carreira que substituem o nome de bibliotecário para outro, facilitando a redução salarial e por consequência um “processo de desregulamentação do trabalho” (PENA; CRIVELLARI, 2018, p. 4162).

Ainda, sobre as mudanças, Pereira e Oliveira (2004) reconhecem a importância da CBO, mas questionam o fato de que as demais profissões equiparadas à de bibliotecário, na prática não conseguem atuar de forma

sua metodologia ou estrutura, somente em 2002 foi apresentada uma nova versão baseada na Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO-88) publicada em 1988 (BRASIL, 2002).

²⁹ Para compreender a história e base teórica dos sistemas de classificação a partir da perspectiva biblioteconomia ver as bibliografias, a saber: DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. 12-17 de setembro de 1972. Anais... Brasília: IBICT/ABDF, 1979. v. 1, p. 352-370; BARBOSA, A. P. *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica*. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

regulamentada, uma vez que a Lei nº 4.084 (BRASIL, 1962) não sofreu alteração. Para as autoras, sem a mudança na legislação bibliotecária os profissionais “afins” ou as diversas nomeações do profissional, apenas criam uma gama de ocupações excluídas no âmbito legal da área de informação.

Hoje o nosso quadro é o seguinte.

Temos um diploma de bacharel em ciência da informação, cujo projeto pedagógico aprovado pelo Ministério da Educação diz que podemos atuar e gerir bibliotecas.

O CRB diz que não é assim que a banda toca.

A faculdade solicita há SETE ANOS a mudança de nome do curso. O MEC sequer responde, mesmo sendo cobrada uma resposta em juízo. Não podemos ter carteira assinada como cientista da informação, pois segundo a classificação brasileira de ocupações, cientista da informação é um sinônimo de bibliotecário que é o título da profissão, assim nossa carteira de trabalho deve ser assinada como bibliotecário, mas se isso acontecer vocês já sabem o que o CRB faz com a gente.

Assim, o diploma que a faculdade me deu serve apenas para enfeitar a parede da sala da minha mãe que o tem numa moldura bem bonita e que ela faz questão de mostrar pra todo mundo que vai na casa dela, que tem um filho bacharel. Tadinha, mal sabe ela o que esse tal bacharelado já me fez passar e que até hoje não me explicou afinal o que faz, ou melhor, o que pode fazer um cientista da informação (CARVALHO, 2014, sem paginação).

Por sua vez, os debates nas instituições de ensino superior, no mercado e nas relações de trabalho, adotaram em muitos momentos o termo “profissional da informação” para designar bibliotecários, cientistas da informação³⁰, arquivistas, museólogos, entre outros com o objetivo de agrupar as diversas ocupações da área da informação e resolver a problemática sobre as nomeações, entretanto, devido a sua abrangência as discussões apenas ganharam novo foco (SOUZA, 2006).

Um desses debates é expresso por Targino (2000, p.64) que aponta

[...] o profissional da informação refere-se àqueles que se dedicam à informação, o que implica atualização, capacidade de pesquisa e de

³⁰ A Ciência da Informação (CI) foi introduzida no Brasil como mestrado na década de 70 implementado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), com o tempo passou a contar também com graduação e doutorado sendo por muitos anos apenas os cursistas designados como cientistas da informação. A versão lançada em 1984 da Tabela de Áreas do Conhecimento (TAC) do CNPQ trouxe como Grande Área do Conhecimento a Ciências Sociais Aplicadas, a CI como área do conhecimento e suas subáreas a Teoria da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia. Nas TACs anteriores a CI era listada em 1976 como subárea da Comunicação e entre suas especialidades listava-se a Biblioteconomia; em 1982 como Grande Área do Conhecimento a Ciências Humanas, Sociais e Artes e área do conhecimento denominada Ciência da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia (SOUZA, RIBEIRO, 2009; SOUZA, STUMPF, 2009).

manuseio de suportes variados, tendo em vista, sempre, as demandas informacionais do público. É o que justifica, cada vez mais, assegurar que profissional da informação é quem adquire informação registrada, não importa em que tipo de suporte, organiza, descreve, indexa, armazena, recupera e distribui essa informação, tanto em sua forma original, como em produtos elaborados a partir dela, excluindo os produtores de informação, quais sejam, os cientistas e tecnólogos. **Assim, todos os bibliotecários são ou deveriam ser profissionais da informação, mas nem todos os profissionais da informação são bibliotecários** (TARGINO, 2000, p. 64, grifo nosso).

Na concepção de Crivellari e Cunha (2004) para definir uma profissão é preciso observar a escola, as associações de classe e a organização dos processos de trabalho. Neste sentido, apesar de os termos “bibliotecário” e “profissional da informação” serem descritos como sinônimos em muitas literaturas da área e pela CBO 2002, a última denominação requer uma maior reflexão. Isso porque, o insumo informação possibilita a generalização das atividades de tal forma que agrupa um conjunto de categorias profissionais comprometendo a jurisdição de bibliotecários/as sobre o campo.

Compreendendo que todas as classificações (bibliotecário ou profissional da informação) têm suas subjetividades, seus conteúdos ideológicos e demonstram as lutas discursivas em torno da nomeação do campo, na tese, partiu-se em todos os aspectos da forma como os entrevistados se nomeiam.

Ao tratar de Mato Grosso, os dados da pesquisa demonstram que as nomeações que apareceram com mais constância são bibliotecário-documentalista, biblioteconomista e bibliotecário, as três designando bacharéis em Biblioteconomia com registro no conselho de classe.

3.2.4 A feminização e feminilização no campo da Biblioteconomia

Postulamos a existência de dois significados diferentes de feminização das profissões, observáveis com estratégias metodológicas diferentes: a) Significado quantitativo (feminilização): refere-se ao aumento de mulheres (pessoas de sexo feminino) na composição da mão de obra em uma determinada ocupação ou profissão. b) Significado qualitativo (feminização

propriamente dita): refere-se às transformações num determinado tipo de ocupação ou profissão, vinculadas às práticas sociais e simbólicas, predominantes na época ou na cultura especificamente analisadas, e que rebatem numa mudança no significado da profissão ou ocupação (YANNOULAS, 2013, p. 37-38).

Matos (2002) esclarece que muitos aspectos sobre a feminilização³¹ são recentes, porque somente nos últimos cinquenta anos é que os estudos incorporaram as mulheres em suas investigações. Os dados estavam lá, mas o foco era outro.

[...] na década de 1970, as mulheres entraram em cena e se tornaram visíveis na sociedade e na academia, na qual os estudos sobre a mulher se encontravam marginalizados na maior parte da produção e na documentação oficial. [...]. As novas tendências de abordagem, emergentes nesse momento, possibilitavam uma abertura para os estudos sobre a mulher, ao ampliarem áreas de investigação, ao renovarem a metodologia e os marcos conceituais tradicionais, apontando para o caráter dinâmico das relações sociais e modificando os paradigmas estabelecidos. Contudo, a influência mais marcante para essa abertura parece ser a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade; o funcionamento da família; o papel da disciplina e das mulheres; o significado dos fatos, lutas e gestos cotidianos. Assim, a expansão dos estudos sobre a mulher vinculou-se a uma redefinição do político, ante o deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano (MATOS, 2002, p. 240).

Ainda sobre essa perspectiva, a autora aponta que a obra de Heleieth Saffioti “A mulher na sociedade de classes: mito e realidade”, de 1969, foi a referência que marcou a busca por uma nova abordagem de estudos sobre mulheres (MATOS, 2002).

No início do século XXI houve uma aproximação entre os estudos sobre gênero e trabalho. Os resultados apontavam uma divisão de trabalho por sexo e a segmentação do mercado de trabalho em um nível horizontal e vertical³² que

³¹ Apesar de usar o termo feminilização a análise do texto deixa claro que o termo foi utilizado englobando os sentidos de feminilização e feminização concentrados na mesma terminologia.

³² [...] a segmentação horizontal em que poucas profissões e ocupações absorvem a maioria das trabalhadoras e a segmentação vertical em que poucas mulheres em altos cargos, inclusive em setores de atividade com participação feminina predominante como são a educação formal, a enfermagem e o serviço social (YANNOULAS, 2013, p. 32).

resultavam em uma “parede ou teto de vidro”, impedindo mulheres de transitar de forma igualitária pelas organizações e mercado de trabalho (YANNOULAS, 2013).

Aos poucos, o foco do debate passou das questões sobre segmentação em níveis para a desvalorização produtiva da mulher, percebendo a relação entre a presença ou ausência da mulher no mercado de trabalho, com as relações familiares baseada no sistema patriarcal.

No Brasil, a obra de Heilborn e Sorj sobre os “Estudos de gênero no Brasil: 1975-1995”, publicado em 1999 e o de França e Fachinni “Estudos de gênero no Brasil: 20 anos depois”, publicado em 2017, apontam variadas abordagens com diferentes aspectos sobre a questão.

Segundo Heilborn, Sorj (1999) e França, Facchini (2017) as frequentes abordagens sobre gênero ao longo dos anos nos estudos brasileiros podem ser descritas com intersecções com “trabalho”, “violência”, “sexualidade”, “família”, “poder e participação política”.

Os registros oficiais sobre a entrada das mulheres no mercado de trabalho datam do final do século XVIII e início do século XIX. No Brasil, a feminização da Biblioteconomia tem início na década de vinte, quando Adelpha Rodrigues de Figueiredo adentrou no campo exercendo suas atividades e realizando seus estudos no *Mackenzie College*³³, sendo a primeira mulher brasileira a atuar nessa área.

Ferreira (2003) evidencia o fato de que a institucionalização do curso, a facilidade de ingresso e a curta duração, faziam com que as mulheres procurassem o curso que era recomendado para “moças de boa família” e percebido como curso “espera marido”, “[...] quem fazia Biblioteconomia, de certa maneira, o fazia dado o

³³ Ver seção 3.2.2 Modelo pragmático americano.

curso ser mais curto (três anos), o que facilitava a profissionalização das jovens, que naquele período se casavam mais cedo” (FERREIRA, 2003, p. 197).

Quando focamos no campo da Biblioteconomia, uma profissão majoritariamente formada por mulheres, um dos aspectos que chama a atenção é a escassa produção científica dos estudiosos a respeito do recorte de gênero na área.

Ferreira (2003), considerada referência nos estudos de gênero na Biblioteconomia brasileira, aponta que desde 1970 os estudos sobre gênero têm crescido no país, entretanto a produção e debate sobre essas questões na e pela Biblioteconomia são exíguos. O problema seria o de que não há um debate sobre a desvalorização de a profissão estar ligada ao fato de a categoria ser formada predominantemente por mulheres, e, assim, a evidenciação de que o mercado de trabalho é um reflexo da sociedade. Como a Biblioteconomia enquadra-se nos níveis máximos ou de extrema feminização³⁴ e a sociedade vem favorecendo profissões com predomínio masculino, excluindo as que possuem mais ocupantes femininas, essas profissionais precisam provar que são competentes a todo o momento.

Em alguns momentos há a negação da abertura de um debate, a partir desse ponto, mesmo reconhecendo que historicamente, no Brasil, as bibliotecárias assumiam apenas cargos subalternos e os homens eram reconhecidos pela sua inteligência. A exemplo, a obra “História da Biblioteconomia Brasileira” de Castro (2000), cânone e bibliografia básica de cursos e concursos da área:

Não aceitamos, todavia, os discursos que atribuem a baixa valorização e o *status* social do bibliotecário ao caráter feminino da profissão. Estes são falares sem expressão para uma profissão que teve sua gênese dominada pelos homens e, nem por isso, neste período, lhe foi dado o real valor. Vale ressaltar que aos homens bibliotecários cabiam os cargos de coordenação e, às mulheres bibliotecárias, os de subordinação, exceção para Lydia Sambaquy, que dirigiu, por muitos anos, o IBBB; Jannice Monte-Mór, Maria Alice Barroso e Celia Zaher, a *Biblioteca Nacional*; Yone Chastinet, no

³⁴ Para mais informações sobre estes dados ver OLINTO, G. Biblioteconomia como profissão feminina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18, 1997, São Luís. Anais [...]. São Luís: CBBB, 1997.

comando do *Programa Nacional de Bibliotecas Universitárias-PNBU*, dentre poucas outras. Interessa observar que os homens bibliotecários eram reconhecidos mais pela sua capacidade intelectual, geralmente grandes literatos, do que pelas suas práticas bibliotecárias, com ressalva a Peregrino da Silva, Ramiz Galvão e Rubens Borba de Moraes (CASTRO, 2000, p.156-157).

É necessário enfatizar que a atribuição de valor à profissão, em decorrência de sua composição de sexo, entre mulheres e homens, não resulta de uma característica da profissão, mas sim, dos padrões dominantes em relação aos gêneros na sociedade, marcada pela dominação masculina e pela ordem patriarcal. Qualquer estratégia de profissionalização, por si só, não tem como mudar esse valor social sem enfrentá-lo, sem se opor a essa suposta “essência” atribuída a homens e mulheres, para sustentar a divisão sexual do trabalho.

Em 2008 a estudiosa Espírito Santo publicou um levantamento das pesquisas, com enfoque nos estudos de gênero, na área da Ciência da Informação e Biblioteconomia, em publicações nacionais, internacionais e em evento específico da área, com um recorte do período de 2000 a 2007 e constatou que havia poucas produções sobre a temática: “18 artigos publicados por autores de outros países em 14 revistas internacionais; 6 artigos publicados em 5 revistas nacionais; e 4 em 5 edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB)” (ESPÍRITO SANTO, 2008, p 1).

No trabalho de Bufrem e Nascimento (2012), as autoras partiram do método bibliométrico para analisar como o gênero era trabalhado na CI no Brasil, definindo o recorte temporal de 1972 a 2011, além de investigar a presença da mulher como produtora de informação científica. O resultado foi a identificação da existência de 74 artigos, escritos por 102 autores distintos, com a predominância de artigos publicados individualmente sobre a temática.

Após realizar um levantamento nas principais bases de dados nacionais e internacionais, além de fontes específicas da Biblioteconomia, Sousa (2014) destaca o que foi exposto anteriormente, a mínima quantidade de estudos sobre a temática. Entretanto, a autora traz um novo dado ao destacar que a maioria dos estudos se limita a apresentar quantitativos por sexo masculino e feminino e poucas pesquisas sobre a perspectiva de gênero na profissão. Critica a invisibilidade das questões de gênero na Biblioteconomia, apontando a marcante hierarquia do poder existente na área, percebida pelo fato das gestões e cargos com melhor remuneração serem ocupados por homens. Para a autora, a história da Biblioteconomia é marcada pela desvalorização das mulheres, a exemplo, a campanha apoiada pela Associação Americana de Bibliotecas (ALA), após a II Guerra Mundial, que recrutava ex-combatentes para formarem uma categoria de profissionais do sexo masculino que validassem a imagem profissional, bem como auxiliassem a garantir *status* e melhores salários para profissão.

Outro ponto de destaque, apontado por Sousa (2014) é a imposição da culpa à mulher bibliotecária pela imagem negativa da profissão. Imputando à profissional a responsabilidade pelos inúmeros estereótipos ligados à sua imagem (LIMA, ALMEIDA JÚNIOR, 1998; SOUTO, 2005; WALTER, 2008). Além disso, os homens ocupantes da profissão são rotulados com aspectos ao tocante de sua masculinidade

[...] dizem que na Biblioteconomia só há mulheres e homossexuais. Os homens dizem que estão fartos de terem que justificar sua masculinidade, sua condição de macho [...] aqueles que afirmam ser homens estariam mentindo, enrustindo suas reais convicções sexuais (LIMA, ALMEIDA JÚNIOR, 1998, p. 81 *apud* SOUSA, 2014, p. 98).

O estudo de Pires (2016) aponta que a partir de 1980, foram graduados nas cinco regiões do país, 8635 mulheres e 1889 homens³⁵. Quando incluem em sua pesquisa os dados relativos às universidades que ofertam o curso desde 1950, os números passam a ser de 10921 e 2014 para mulheres e homens, respectivamente. O autor aponta que o aumento do número de pessoas do sexo masculino é resultado da expansão da área e que a análise isolada desses números cria a ilusão de que a feminilização está diminuindo, entretanto, o quantitativo de entrada de pessoas do sexo masculino e feminino nos cursos são proporcionais. Além disso, segundo o autor, “observou-se que há pouca percepção dos bibliotecários quanto às relações de gênero presentes na sociedade e na profissão de bibliotecário” (PIRES, 2016, sem paginação).

O recente estudo de Trevisol Neto (2018) aponta que a Biblioteconomia, quanto à questão de gênero, tem despontado por dois caminhos: (i) as questões de gênero da construção da identidade da área e; (ii) a atuação dos profissionais junto aos seus espaços de trabalho. Enfocando em estudos que debatem a primeira dimensão, aponta que desde 2010 o número de pesquisas sobre esse enfoque tem aumentado.

Partimos da primeira dimensão, constatamos que o principal discurso relacionado a gênero na Biblioteconomia e, conseqüentemente, na Ciência da Informação, recai no fato da expressiva quantidade de mulheres na área e seus efeitos relacionados à desvalorização profissional. Em segundo plano, encontramos outras associações, como o estereótipo profissional atrelado à figura da senhora de óculos e coque, e que os homens que atuam como bibliotecários apresentam uma orientação sexual distinta, ou seja, são homossexuais (TREVISOL NETO, 2018, p. 160).

Ainda, se baseando nas duas dimensões apontadas por Trevisol Neto (2018), um levantamento sobre as questões de gênero no mercado profissional de

³⁵ Pires (2016) opta por diferenciar os dados a partir de 1980, por considerar que a partir desse período a inserção do uso de tecnologias na área pode ter sido responsável pelo aumento na procura do curso pelo sexo masculino.

bibliotecários (as) em Mato Grosso não recupera nenhum resultado até 2018. Entretanto, Basílio (2019) publicou um artigo com apontamentos da pesquisa que realizará em sua tese sob a perspectiva de gênero, a partir das instituições de ensino superior públicas, localizadas na região Centro-Oeste, denominada “Gênero na Biblioteconomia: Região Centro-Oeste (1962-2018)” que é possível de ser inserida na primeira dimensão.

Sobre a segunda dimensão, destaca-se que desde a década de 1960, a Associação Americana de Bibliotecários (ALA) passou a debater sobre a responsabilidade social da Biblioteconomia e a necessidade de os profissionais estarem envolvidos em ações que garantam o atendimento às minorias pelas unidades de informação. Entretanto, no Brasil, são recentes os debates sobre a temática e estão inseridos dentro da biblioteconomia social conceituada como “uma corrente de pensamento e ação, dentro das ciências do livro e da informação, que reivindica uma biblioteconomia crítica e socialmente comprometida, tanto na teoria quanto na prática” (CIVALLERO, 2016, tradução nossa).

3.3 Reserva de mercado na Biblioteconomia

Na década de 50, um grupo de bibliotecárias, entre elas Lydia de Queiróz Sambaqui e Laura Garcia Moreno Rosa, essa última reconhecida como uma das lideranças do movimento, passaram a atuar na luta para que a Biblioteconomia fosse regulamentada.

A primeira vitória veio em 1958, com a Portaria nº 162 do MTPS – Ministério do Trabalho e Previdência Social, através da qual a profissão de bibliotecário foi regulamentada no Serviço Público Federal, tendo sido incluída no 19º Grupo das profissões liberais. Em 1962 veio a coroação de todos esses esforços, com a aprovação da Lei nº 4084, que regula, até hoje, o exercício da profissão de bibliotecário no Brasil e estabelece as prerrogativas dos portadores de diploma em biblioteconomia no país. [...]. Ainda em 1962, outro importante fato aconteceu; a Resolução nº 3261 do Conselho Federal de Educação estabeleceu o currículo mínimo para o ensino da biblioteconomia, fixando a duração do curso em 3 anos e em 12,

o número de disciplinas obrigatórias a serem ministradas (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, sem data, *online*).

A Lei nº 4.084 de 1962 reconheceu a atividade de bibliotecária como profissão e a regulamentou (BRASIL, 1962). Além disso, foi a partir daí que suas entidades de fiscalização foram criadas e passaram a ser validadas oficialmente pelo Estado.

A legislação garante que, a partir do momento em que se possui o diploma de bacharel em Biblioteconomia o (a) graduado (a) torna-se bibliotecário, no substantivo masculino. No entanto, a mesma regulamentação explicita que, para atuar e exercê-la na prática, é necessário o registro profissional no órgão fiscalizador da região em que desempenhará a função.

3.3.1 Representações político-institucionais da categoria

Os órgãos de classe constituem-se como entidades que auxiliam a articulação do grupo, de forma individual ou coletiva, com mecanismos formais e informais, frente à égide das “leis de mercado”, regulando, representando e estabelecendo determinadas competências profissionais³⁶.

No Brasil, as principais entidades que representam os órgãos de classe podem ser divididas em conselhos, associações, sindicatos e cooperativas. No caso da Biblioteconomia, as organizações classistas que atuam quanto à reserva de mercado, ainda são às mesmas que participaram das primeiras iniciativas em institucionalizar a profissão.

Essas associações refletem a competição intraprofissional, organizando grupos com visões diferentes sobre a profissão. Isso se reflete na identidade, que

³⁶ O relatório *Competencies for Special Librarians of the 21st Century*. SLA, publicado pela *The Special Libraries Association* em 1996 (revisado em 2003) é citado em inúmeras publicações da área ao definir quais as competências profissionais bibliotecárias. Disponível em: https://www.sla.org/wp-content/uploads/2013/01/0_LRNCompetencies2003_revised.pdf

não é um “compartilhamento” de valores e *ethos*, mas disputas, seja pelas formas de conceber a profissão, seja pelo tipo de inserção no mercado, e outras.

3.3.1.1 Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB)

Em 1950 a América Latina vive um movimento pela organização dos centros de documentação e informação. Neste momento, influenciado pelos organismos internacionais, o Brasil procura dar acessibilidade à produção intelectual existente (CÔRTE *et al.*, 2015).

A década de 50 marca um proeminente desenvolvimento da ciência brasileira, caracterizado por um período em que deram início às suas atividades, órgãos que objetivavam sistematizar e institucionalizar o conhecimento científico no país, tais como: “Conselho Nacional de Pesquisa (1951), Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – Inpa (1952), Instituto de Matemática Pura e Aplicada – IMPA (1953), [...] Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD (1954)” (CASTRO, 2000, p.116).

Influenciado por esse ambiente de expansão “dos serviços bibliotecários no Brasil e na região latino-americana” ocorrem os primeiros eventos da área. Em 1954, realiza-se o primeiro CBBB, na Universidade de Pernambuco em Recife (UFPE) e o segundo, cinco anos depois, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) (CÔRTE *et al.*, 2015, p. 222).

Durante o 2º CBBB, a bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo e o bibliotecário Rodolfo Rocha Júnior apresentaram uma tese em que abordavam a criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB). Apresentado à plenária do dia 26 de julho de 1959, o anteprojeto foi aprovado por unanimidade e São Paulo escolhida como sede (ARAGÃO, 1977).

[...] a tese pedia a criação da Federação para congregar todos os bibliotecários brasileiros, através das associações existentes, 'com o objetivo de defender a classe nos terrenos técnico, cultural, social e econômico; contribuir para a solução dos problemas atinentes à classe, quer regionais ou nacionais; prestar toda assistência possível às Associações filiadas; servir como centro de documentação e informação das atividades biblioteconômicas do país, contribuindo, dessa maneira, para o aprimoramento cultural e técnico da classe e desenvolvimento das bibliotecas brasileiras' (ARAGÃO, 1977, p. 38).

A partir de 1996, com o Decreto Federal no 59.593/66, a FEBAB ficou estabelecida como uma sociedade civil, sem fins lucrativos.

É constituída por entidades-membro – associações de bibliotecários e cientistas da informação, instituições filiadas e pelos órgãos: deliberativos – Assembleia Geral e Conselho Diretor; executivo – Diretoria Executiva; de fiscalização – Conselho Fiscal; de assessoria – Comissões Brasileiras e Assessorias Especiais. [...] tem como principal missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão. Tem como objetivos congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais; apoiar as atividades de seus filiados e dos profissionais associados; atuar como centro de documentação, memória e informação das atividades de biblioteconomia, ciência da informação e áreas correlatas brasileiras; interagir com as instituições internacionais da área de informação; desenvolver e apoiar projetos na área, visando o aprimoramento das bibliotecas e dos profissionais; contribuir para a criação e desenvolvimento dos trabalhos das comissões e grupos de áreas especializadas de biblioteconomia e ciência da informação (FEBAB, 2018, sem paginação).

Além da FEBAB, os profissionais da área, ainda contam com quatorze associações estaduais em atividade no país³⁷: Associação Alagoana dos Profissionais em Biblioteconomia – AAPB, Associação dos Bibliotecários do Ceará – ABC, Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal – ABDF, Associação dos Bibliotecários de Goiás – ABG, Associação Profissional de Bibliotecários de Mato Grosso do Sul – APBMS, Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais – ABMG, Associação Profissional de Bibliotecários da Paraíba – APBPB, Associação Bibliotecária do Paraná – ABPR, Associação Profissional de Bibliotecários de Pernambuco – APBPE, Associação de Bibliotecários do Estado do Piauí – ABEPI,

³⁷ Em seu *Directorio de Asociaciones de Bibliotecarios y Profesionales Afines de América Latina y el Caribe* a IFLA (2006) lista dezoito associações brasileiras <https://archive.ifla.org/VII/s27/pub/Directorio-LAC.pdf>.

Associação Profissional de Bibliotecários do Rio Grande do Norte – APBERN, Associação Rio-Grandense de Bibliotecários – ARB, Associação Catarinense de Bibliotecários – ACB e Associação Profissional dos Bibliotecários e Documentalistas de Sergipe – APBDSE.

Ainda, visando à promoção, crescimento e debates na área, existem duas associações de ensino voltadas para a qualificação do corpo profissional: Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação – ABECIN, em nível de graduação e a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação – ANCIB.

3.3.1.2 Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)

Em 1962, a Lei nº 4.084, a mesma que regulamentou a profissão no país, criou o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e os Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB), estabelecendo como suas funções, a fiscalização do exercício da profissão, em esfera nacional e regional, respectivamente. Tanto o Conselho Federal como os Regionais possuem a mesma estrutura administrativa e “são dotados de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e patrimonial” (BRASIL, 1962).

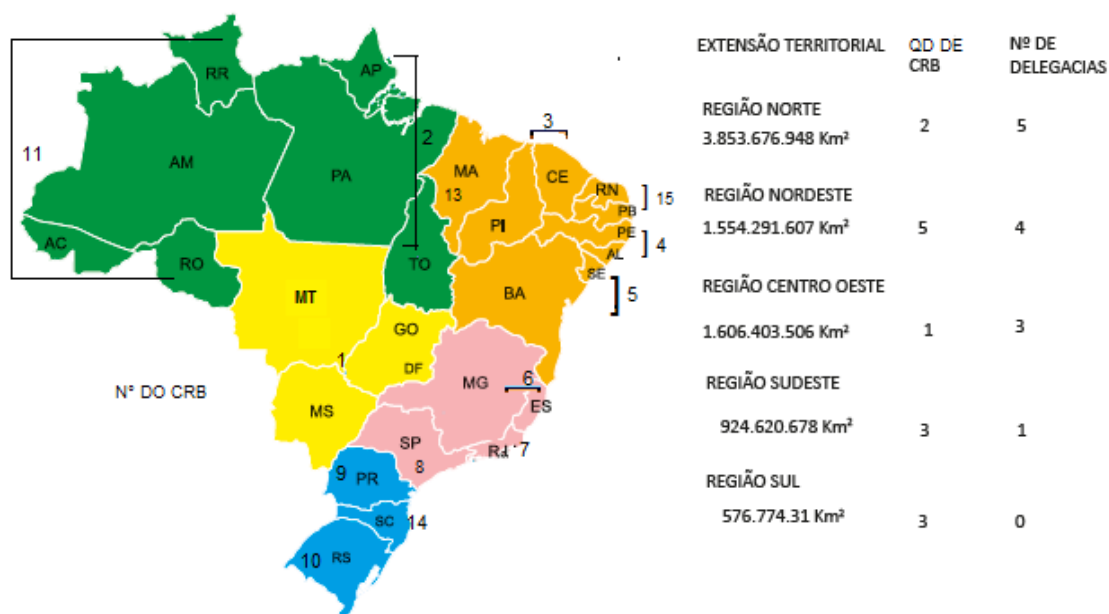
Entretanto, apenas em 1966, o CFB deu início oficial às suas atividades, através da posse da primeira gestão (1966/1969), presidida pela bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo³⁸. No mesmo ano, a Resolução 04/66 estabeleceu a criação de 10 (dez) Conselhos Regionais de Biblioteconomia e, posteriormente, fundou-se outros 5 (cinco). A partir da segunda gestão (1969/1972), o órgão passou a funcionar em Brasília, sem sede própria.

³⁸ A bibliotecária ocupava concomitante a essa presidência a da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB).

A regulamentação da Lei nº 4084, veio através do Decreto nº 56725, de 1962 que, entre outras coisas, possibilitou a instalação do Conselho Federal e dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia, alguns anos depois, pelas mãos das mesmas bibliotecárias que conseguiram a aprovação da Lei do Bibliotecário. Assim, em 22 de outubro de 1965, através da Portaria nº 585 do MTPS, foi instituído o Grupo de Trabalho para coordenar a realização da eleição da primeira Diretoria do CFB. Esse Grupo de Trabalho era formado por Péricles de Faria M. Carvalho, representante do MTPS e pelos bibliotecários: Nair Fortes Abu-Mehri, Francisco Luna de Albuquerque, Antônio Caetano Dias, Maria Alice de Toledo Leite e Laura Garcia Moreno Russo. [...] Conforme a Portaria nº 675 de 1965 do MTPS, que foi complementada por outra, a de nº 761, também de 1965 e do mesmo Ministério, a eleição aconteceu no Auditório do MTPS, no Rio de Janeiro no dia 16 de dezembro de 1965, tendo sido indicada, como 1ª Presidente, por unanimidade, a Sra. Laura Garcia Moreno Russo, que foi nomeada, por Decreto Federal, em 28 de fevereiro de 1966 (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, sem data, *online*).

Em 2010, o CRB12 com jurisdição no Espírito Santo foi extinto, transferindo-se todos os profissionais desta jurisdição para o CRB6. Atualmente, os Conselhos Regionais de Biblioteconomia atuam em 14 jurisdições.

Mapa 3.1. Representação Geográfica dos Conselhos por Extensão Territorial



Fonte: Adaptado de Pinheiro (2015, p. 196).

3.3.1.3 Sindicato Nacional dos Profissionais da Informação (SINAINFO)

Em meados de 1970 foi fundado na Bahia o primeiro sindicato de bibliotecários e funcionou até 2005. Em 1977 foi fundada em São Paulo a Associação Paulista de Bibliotecários que viria a ser o segundo sindicato da categoria: Sindicato dos Bibliotecários no Estado de São Paulo (SINBIESP). Em 1985 alguns diretores da Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado de São Paulo (APBESP) enviaram ao Ministério do Trabalho a proposta que transformava a associação em sindicato (SANTANA, NUNES, 2018; SPUDEIT, FÜHR, 2011).

Em 2015, o SINBIESP transformou-se em sindicato nacional e passou a ser denominado SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO – SINAInfo, estando incluídos em sua representação Bibliotecários, Documentalistas, Cientistas da Informação, Historiadores, Museólogos, Arquivistas, Auxiliares/Atendentes de Biblioteca e de Centros de Documentação. O sindicato tem como objetivos:

Defender a categoria profissional liberal dos Bibliotecários, composta de profissionais autônomos, servidores públicos, trabalhadores assalariados e aposentados; propor e participar de negociações coletivas; instaurar dissídios coletivos de trabalho; amparar a classe, através de serviços de assessoria jurídica e promover apoio às iniciativas que priorizem a educação, o desenvolvimento e a valorização do profissional no mercado de trabalho. Direcionando-se pela melhoria contínua dos processos e serviços, o SinBiesp busca, cada vez mais, estreitar o relacionamento com a classe Bibliotecária, disponibilizando diferentes canais de comunicação, visando manter os profissionais informados quanto às ocorrências relevantes, bem como, orientá-los quanto aos diferentes aspectos do mercado de trabalho, objetivando sua valorização e embasamento legal para negociações salariais junto aos empregadores (SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO, 2018).

Segundo Santana e Nunes (2018), o Brasil conta hoje com mais dois outros sindicatos, registrados oficialmente: Sindicato dos Bibliotecários no Estado do

Rio de Janeiro (SINDIB-RJ), fundado em 1989, e o Sindicato dos Bibliotecários do Estado do Paraná (SINDIB-PR), fundado em 1991.

3.4 Panorama atual da oferta de cursos e vagas

Atualmente, segundo o sistema eletrônico do Ministério da Educação (e-MEC), o Brasil conta com 3901 vagas ofertadas pelos cursos de Biblioteconomia presenciais no país (Quadro 3.3). Sendo 3 cursos na Região Norte, 10 na Região Nordeste, 4 na Região Centro-Oeste, 16 na Região Sudeste e 7 na Região Sul.

Quadro 3.3. Oferta de cursos de Biblioteconomia presenciais no Brasil (em atividade)

(continua)				
Região	Instituição (Natureza Jurídica / Nome)		Vagas Autorizadas	
Cidade/Estado	Pública	Particular	Bacharelado	Licenciatura
Região Norte	3	-	166	-
Manaus / AM	UFAM	-	56	-
Belém / PA	UFPA	-	60	-
Porto Velho / RO	UNIR	-	50	-
Região Nordeste	10	-	647	-
Teresina / PI	UESPI	-	60	-
Salvador / BA	UFBA	-	60	-
João Pessoa / PB	UFPB	-	90	-
Maceió / AL	UFAL	-	50	-
Recife / PE	UFPE	-	55	-
São Cristóvão / SE	UFS	-	50	-
Fortaleza / CE	UFC	-	70	-
Juazeiro do Norte / CE	UFCA	-	50	-
São Luís / MA	UFMA	-	92	-
Natal / RN	UFRN	-	70	-
Região Centro-Oeste	3	1	263	-
Campo Grande / MS	-	IESF	90	-
Brasília / DF	UNB	-	80	-
Goiânia / GO	UFG	-	50	-
Rondonópolis / MT	UFMT	-	43	-
Região Sudeste	9	7	1500	80
São Paulo/SP	-	UNIFAI	120	-
	-	FABCI	300	-
	USP	-	40	-
Santo André/SP	-	FAINC	80	-
Lorena/SP	-	FATEA	40	-
Campinas/SP	-	PUC-	60	-
		CAMPINAS		

Quadro 3.3. Oferta de cursos de Biblioteconomia presenciais no Brasil
(em atividade)

				(conclusão)	
Região Sudeste	9	7	1500	80	
Marília/SP	UNESP	-	35	-	
São Carlos/SP	UFSCAR	-	48	-	
Ribeirão Preto / SP	USP	-	40	-	
	UNIRIO	-	200	80	
Rio de Janeiro / RJ	-	USU	120	-	
	UFRJ	-	90	-	
Niterói / RJ	UFF	-	80	-	
Formiga / MG	-	UNIFORMG	45	-	
Belo Horizonte / MG	UFMG	-	122	-	
Vitória / ES	UFES	-	80	-	
<hr/>					
Região Sul	5	2	435	-	
Florianópolis / SC	UDESC	-	40	-	
	UFSC	-	80	-	
Rio Grande / RS	FURG	-	40	-	
Porto Alegre / RS	UFRGS	-	75	-	
Cascavel / PR	-	UNIVEL	100	-	
Dois Vizinhos	-	FAED	60	-	
Londrina / PR	UEL	-	40	-	
			Total	3091	

Fonte: e-Mec (2018).

Os cursos das instituições USU, UNIR, FABCI, anteriormente eram denominados Ciência da Informação; os da UFBA, UFS, UFF, USP (Ribeirão Preto / SP), são denominados Biblioteconomia e Documentação; o da UFSCar é denominado Biblioteconomia e Ciência da Informação, o da UFRJ é Biblioteconomia e Gestão de Unidade de Informação; o da UDESC é Biblioteconomia com habilitação em Ciência da Informação.

Outro dado interessante é que o Brasil conta atualmente com 7 (sete) instituições que ofertam o curso a distância com um total de 1.1600 vagas autorizadas.

Tabela 3.1. Oferta de cursos de Biblioteconomia no Brasil - EAD
(em atividade)

Instituição	Natureza Jurídica	Vagas Autorizadas
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS	Particular	200
CENTRO UNIVERSITÁRIO CLARETIANO – CEUCLAR		300
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA – UNIVERSO		2000
CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI – UNIASSELVI		2000
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JAGUARIÚNA – FAJ		7000
UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ – UNOCHAPECÓ		100
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL ³⁹	Pública	-
Total		11600

Fonte: e-Mec (2018).

Com base no e-MEC, sistema do Ministério da Educação, existem atualmente em Mato Grosso 4 (quatro) cursos de Biblioteconomia, sendo 1 (um) em universidade federal e 3 (três) em universidades particulares (BRASIL, 2018), distribuídos da seguinte forma:

Tabela 3.2. Cursos de Biblioteconomia em Mato Grosso

Universidades	Modalidade	IES	Vagas Autorizadas (QD)
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT) ⁴⁰	Presencial	Pública	43
CENTRO UNIVERSITÁRIO CLARETIANO (CEUCLAR)	Distância	Privada	300
UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA (UNIVERSO)	Distância	Privada	2000
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIC (UNIC)	Presencial	Privada	160

Fonte: Elaborado pela Autora (2018) com base em Brasil (2018).

As instituições UFMT, CEUCLAR e UNIVERSO, ofertam vestibular para o curso, a UNIC mesmo com autorização do Ministério da Educação, não faz concurso vestibular para Biblioteconomia e nem lista em sua página o curso como ofertado.

³⁹ O curso é resultado de uma parceria entre a CAPES, o Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Vagas de acordo com a legislação vigente da IES promotora (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA 2018).

⁴⁰ Atualmente, o curso de Biblioteconomia é sediado no *campus* de Rondonópolis da UFMT. No dia 27/02/2018 foi aprovado o projeto de lei que dará autonomia ao Campus e criará a Universidade Federal de Rondonópolis a partir da estrutura administrativa e organizacional existente. Em 2019 o curso de Biblioteconomia foi autorizado a ofertar turmas à distância.

O último Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que avaliou a área de Biblioteconomia, foi realizado em 2009. O Relatório Síntese Biblioteconomia (INEP, 2009) adotou como perfil do profissional, que o graduado apresente uma formação integradora, composta pelo conhecimento humanístico, científico, técnico e cultural (INEP, 2009), realizando um hibridismo entre as formações originárias do curso no país.

A prova adotou como referência o seguinte perfil do profissional: o graduado em Biblioteconomia deve ter formação humanística, científica, técnica e cultural, de modo a desempenhar atividades intelectuais, tradutoras das necessidades informacionais de indivíduos, grupos e comunidades, e mediadoras do uso e da apropriação da informação, tanto em contextos tradicionais quanto virtuais, em bibliotecas, centros de documentação ou informação, centros culturais, serviços ou redes de informação e na gestão do capital intelectual, da inovação, da memória e do patrimônio cultural, entre outros. A observação de padrões éticos de conduta, a reflexão crítica sobre o seu papel social, a criatividade na resolução de problemas e a preocupação com seu aprimoramento profissional devem sublinhar o desempenho de suas atividades (INEP, 2009, p.11).

Os dados expostos no capítulo retratam a realidade da formação e ensino da Biblioteconomia no Brasil, da sua origem aos dias atuais, o que se acredita que facilitará a compreensão das lutas intraprofissionais e as disputas pelas formas de conceber a profissão e pelo tipo de inserção no mercado, entre outras.

CAPÍTULO 4 – IDENTIDADE PROFISSIONAL DA BIBLIOTECONOMIA CONTEMPORÂNEA: DAS CONCEPÇÕES NACIONAIS AO ESPAÇO MATOGROSSENSE

4.1 Síntese do capítulo

Esta seção apresenta dados sobre o profissionalismo da Biblioteconomia, parte do sistema profissional no Brasil, posteriormente aponta a situação na Região Centro-Oeste, na sequência em Mato Grosso e finaliza apresentando o perfil social dos entrevistados. As fontes de informações são relatórios publicados pelo Sistema CFB/CRB, e a transcrição parcial das entrevistas. Fez-se o uso de recursos ilustrativos, devido ao fato de que as instituições da área não disponibilizam informações que permitam estabelecer o perfil social do grupo, em caráter nacional, regional ou estadual.

O objetivo do capítulo é caracterizar o profissionalismo na área de Biblioteconomia, a partir da dominação por parte de suas instituições (FREIDSON, 1998). Os dados quantitativos ilustram a participação da categoria no mercado de trabalho e as falas nas entrevistas expressam a multiplicidades de olhares de bibliotecárias e bibliotecários sobre a imagem da profissão e suas identidades. Os trechos de entrevistas facilitarão a análise dos aspectos referentes à profissionalização em MT, os caminhos que enredaram o processo de compreensão das identificações e as imagens sobre a profissão.

4.2 A profissionalização da Biblioteconomia no Brasil em uma perspectiva contemporânea

Cada área, ao debater sobre sua profissionalização no país, parte das disputas por legitimação das visões existentes no grupo. As disputas para afirmar o que é o profissionalismo e o que daria mais poder ao grupo. Já, na Sociologia das Profissões, uma profissão vai se construindo e legitimando em um processo histórico, relacionado à organização do trabalho e às necessidades sociais (ABBOTT; DINIZ, 2001; FREIDSON, 1998; RODRIGUES, 2002). Essa é a perspectiva adotada na tese, em que a investigação mostrará como bibliotecários e bibliotecárias lutam para constituir uma visão dominante sobre si e sobre a atividade, ou como esta é contestada, resistindo a uma hegemonia em seu interior.

No caso do debate, realizado pelo grupo, sobre o profissionalismo existente na Biblioteconomia, recupera-se os apontamentos de Oliveira (1983) e Bundy, Wasserman (1968). Oliveira (1983) destaca que, no contexto desses debates, era comum encontrar dois tipos de enfoques: o primeiro categorizando a Biblioteconomia como uma ocupação que se tornou profissão a partir do momento em que incorporou características já estabelecidas na Medicina, Direito ou Engenharia (debate dos anos 60 e 70); a outra abordagem, que a substituiu nos estudos e segue até os dias atuais, afirma que o profissionalismo na Biblioteconomia decorreu da adoção de novas atitudes profissionais por parte de seus ocupantes.

No primeiro contexto, a Biblioteconomia foi categorizada no *status* de ocupação em busca do *status* de profissionalização e teve o *status* alterado somente porque incorporou características comuns às profissões já estabelecidas como Medicina, Direito ou Engenharia. As características seriam:

Elaboração de código de ética; Criação de associações profissionais;
Elaboração de currículo acadêmico; Prolongado treinamento especializado;

Desenvolvimento de corpo de teoria; Volume significativo de publicações; Monopólio de trabalho assegurado; Fornecimento de serviço distinto à comunidade; Aceitação da autoridade profissional por parte da comunidade; Prerrogativa de julgamento de trabalho de seus próprios membros (OLIVEIRA, 1983, p. 15).

No segundo contexto, o profissionalismo teria decorrido da incorporação pelo grupo de novos valores, normas e padrões de comportamento, a partir de suas relações com os clientes, as instituições onde ele atua e o grupo profissional (BUNDY, WASSERMAN, 1968). As características incorporadas seriam “[...] autoridade, autonomia, criatividade, dinamismo, disposição para mudança e consciência social” (OLIVEIRA, 1983, p. 16).

Aludidos os enfoques específicos da área, parte-se para a abordagem que foi adotada na pesquisa. O texto desta seção versa sobre o profissionalismo da Biblioteconomia, a partir da abordagem de Freidson (1998), quanto ao pilar do “credencialismo” como controle de acesso por parte das associações, intrínseco à regulamentação e com o apoio do Estado. O profissionalismo articula também a visão da “melhor pessoa para o trabalho”, e no caso da Biblioteconomia, atribuem às mulheres esse perfil. A profissão tem essa “marca”, permeando a ideologia do profissionalismo. Nesse sentido, ressalta-se que na tese é apresentada a interface gênero no profissionalismo biblioteconomista, olhando o pilar credencialismo com a dimensão genderizada.

Os documentos que relatam a história da Biblioteconomia no Brasil reconhecem sua existência enquanto área de formação profissional no país, a partir da criação do primeiro curso no Rio de Janeiro – RJ, em 1911, que passou a funcionar em 1915. No entanto, apesar de mais de 100 anos de existência como área do conhecimento e da trajetória de seus órgãos de representações político-institucionais terem a acompanhado desde o início, as informações sobre o perfil

social de bibliotecários e bibliotecárias no país são ínfimas.

Os documentos resultantes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados - CAGED, Relação Anual de Informações Sociais - RAIS, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, para citar alguns, apresentam dados gerais sobre os profissionais da informação, nos quais estão incluídos bibliotecários, assim como demais sujeitos identificados na categoria.

Em 2009 o sistema CFB/CRB informou que seria implantando um programa que permitiria acompanhar a trajetória profissional de bibliotecários em todo o país (CFB, 2009), disponibilizando “[...] dados capazes de compor a identidade do bibliotecário brasileiro e, sobretudo, divulgue a contribuição desse profissional para a sociedade” (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA, 2009). Em 2018, decorridos nove anos do início do projeto, ainda não é possível identificar o perfil social desses profissionais no país ou mesmo informações básicas como sexo, cor/raça, faixa etária ou escolaridade. Ressalta-se que o sistema CFB/CRB não repassa dados específicos sobre os profissionais registrados, o que inviabiliza que outros pesquisadores possam estabelecer o perfil desses profissionais.

Nesse sentido, para visualizar o panorama do perfil profissional bibliotecário no país recorreu-se aos dados quantitativos ilustrativos do mapeamento, realizado pelo sistema CFB/CRB. As informações disponibilizadas por Barbalho e Rozados (2009) são dados parciais do grupo de trabalho, responsável pelo censo disponibilizado em 2013. O boletim esclarece que os dados apresentados em 2013 sobre o CRB1 e o CRB15 são de 2009 (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA, 2013).

O boletim publicado em 2013 informa que os dados se referem à quantidade

de profissionais registrados nos conselhos regionais por estado e jurisdição (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA, 2013). O levantamento apresentado por Barbalho e Rozados (2009) não estabelece se a quantidade de profissionais registrados é a de inscritos no Conselho ou apenas a de ativos. Já os CRBs reconhecem como modalidades de profissionais registrados: os ativos, cancelados, falecidos, licenciados, suspensos e transferidos. Para fins de análise, consideraram-se os dados sobre o número de profissionais registrados de 2007 e 2013.

Tabela 4.1. Distribuição de profissionais registrados no país

C R B	Jurisdição	Profissionais registrados (quant.)			% Variação (2007 a 2013)
		2007	2013		
			Inscritos	Ativos	
1	Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul	2269	2581	1463	14
2	Pará, Amapá e Tocantins	1197	1445	940	21
3	Ceará e Piauí	606	989	684	63
4	Pernambuco e Alagoas	1121	1246	748	11
5	Bahia e Sergipe	1481	1761	931	19
6	Minas Gerais e Espírito Santo (este último desde 2010) ⁴¹	2528	3939	2296	56
7	Rio de Janeiro	5.896	6515	3185	10
8	São Paulo	7.639	9239	4778	21
9	Paraná	1.488	1344	797	- 10
10	Rio Grande do Sul	1.811	2247	1139	24
11	Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima	415	884	775	113
12	Espírito Santo	464	-	-	-
13	Maranhão	555	708	480	28
14	Santa Catarina	1.025	1387	801	35
15	Paraíba, Rio Grande do Norte	399	520	496	30
	Total	28894	34805	19513	20

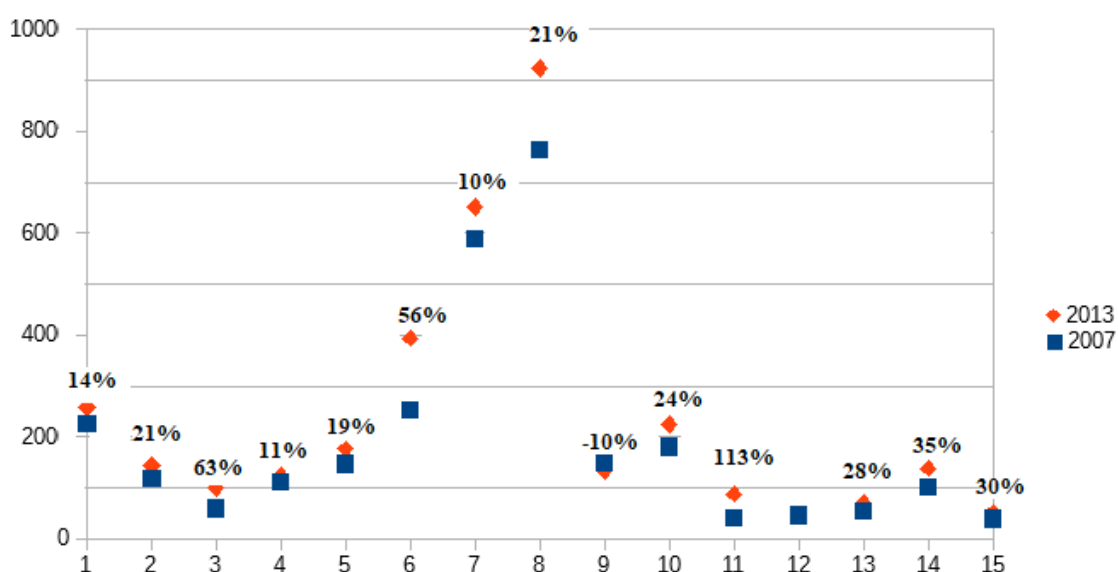
Fonte: Elaborada pela autora com base em Barbalho e Rozados (2009) e Conselho Federal de Biblioteconomia. Conselhos Regionais de Biblioteconomia (2013).

⁴¹ As informações do CRB 6 em 2007 referem-se somente ao do Estado de Minas Gerais, já o de 2013 a Minas e Espírito Santo. Isso porque a partir de 2010 a RESOLUÇÃO CFB n.111 /2010 transferiu todos os profissionais da jurisdição do Espírito Santo para o CRB6, extinguindo o CRB12 e o transformando em uma delegacia.

No que tange às informações sobre a quantidade de profissionais registrados no país, os dados expostos no Gráfico 4.1 fornece o retrato dos biblioteconomistas registrados nos Conselhos no Brasil. A partir dos dados, pode-se visualizar o aumento de profissionais de 2007 para 2013, de acordo com a jurisdição do conselho regional.

Os dados apontam que, das quatorze jurisdições existentes em 2013, treze tiveram crescimento no número de profissionais registrados. Apenas o CRB9, que é composto pelo Paraná teve um decréscimo de 10% em relação a 2007. Não se localizou justificativa para a diminuição da quantidade de profissionais, os boletins do CRB9 apenas informam “Notícias: Bibliotecários: o CRB-9 é o estado do Sul que tem menos profissionais Ativos” (CRB9, 2013).

Gráfico 4.1. Distribuição do número de bibliotecários (as) por Jurisdição



Fonte: Elaborado pela Autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016).

Na Região Centro-Oeste, o CRB1 apresentou um crescimento de 14% no período analisado. O relatório de 2013 contava com 1463 profissionais em atividades. Destacando que, segundo o sistema CFB/CRB, esses últimos dados eram do ano de 2009 (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA.

CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA, 2013).

Na Região Norte, o CRB2 (Pará, Amapá e Tocantins) teve um aumento quantitativo de 21% de profissionais registrados. Sendo os ativos contabilizados em 940 bibliotecários e bibliotecárias. O CRB11 (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima) teve um crescimento de 113% no número de registrados. Os dados chamam a atenção por três fatores: (i) a Região Norte possui dois conselhos regionais (CRB2 e CRB11) e, assim, o número de profissionais acaba sendo distribuído pelas duas jurisdições; (ii) a Região Norte oferece apenas 4,19% das vagas na graduação de Biblioteconomia, com três cursos de graduação (ver Quadro 3.1); (iii) de 2007 a 2013 o CRB11 foi o único do país a apresentar um crescimento acima da média, o que pode sugerir mudanças na fiscalização, na contabilização dos inscritos, ou ainda, resultados parciais do levantamento que estava sendo realizado. Em nenhum documento localizou-se justificativas sobre os dados.

Na Região Nordeste, o CRB3 (Ceará e Piauí) apresentou um crescimento de 63% e o número de inscritos ativos era de 684. O CRB4 (Pernambuco e Alagoas), por sua vez, teve um aumento percentual de 11% e a quantidade de profissionais ativos de 748. O CRB5 (Bahia e Sergipe) cresceu em número de registrados 19% com um quantitativo de 931 ativos. O CRB13 (Maranhão) teve um aumento quantitativo de 28% e 480 ativos. Quanto ao CRB15 (Paraíba, Rio Grande do Norte) o crescimento no período analisado foi de 30% e a quantidade de ativos representou 496 profissionais.

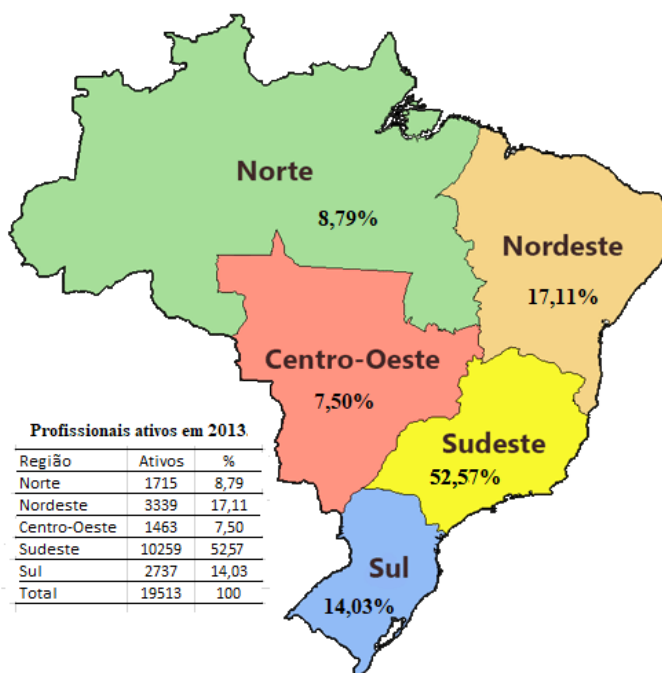
Na Região Sudeste, o CRB6 (Minas Gerais e Espírito Santo) apresentou um crescimento de 56%, sendo os ativos o número de 2296. Vale ressaltar que, a partir de 2010, os bibliotecários e bibliotecárias do antigo CRB12, que era composto pelo Espírito Santo, passaram a estar registrados no CRB6, nesse sentido, para estimar

o real crescimento dessa jurisdição seriam necessários os dados de um novo censo. O CRB7 (Rio de Janeiro) cresceu 10% e apresentou um quantitativo de 3185 profissionais em atividade. O CRB8 (São Paulo) cresceu 21% e conta com 4778 ativos.

Na Região Sul, o CRB9 (Paraná) foi a única jurisdição que teve um decréscimo de 10% e os ativos são de 797 profissionais. O CRB10 (Rio Grande do Sul) apresentou um crescimento de 24% no período analisado e a quantidade de ativos era de 1139. O CRB14 (Santa Catarina) apresentou um crescimento de 35%, sendo os ativos o número de 801.

O Mapa 4.1 permite observar a diferença quantitativa no crescimento de profissionais registrados no país. A partir dos dados analisados, identifica-se que a Região Sudeste tem a maior quantidade de profissionais em atividade e a Região Centro-Oeste o menor percentual.

Mapa 4.1. Distribuição de percentual dos profissionais ativos por Região



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do Conselho Federal de Biblioteconomia. Conselhos Regionais de Biblioteconomia (2013).

A observação da distribuição profissional por região geográfica (Mapa 4.1) mostra que na Região Sudeste há um predomínio de profissionais ativos, com 52,57% dos inscritos. Em seguida, a Região Nordeste que conta com 17,11% de bibliotecários e bibliotecárias em atividade. Na Região Sul há 14,03% de profissionais em situação funcional ativa. A Região Nordeste concentra 8,79% e, por último, a Região Centro-Oeste, com apenas 7,50% de profissionais inscritos como ativos.

4.3 A Região Centro-Oeste e o perfil profissional do bibliotecário

Tendo como base os dados disponibilizados pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 1º Região, em seus relatórios de fiscalização, elaborou-se a Tabela 4.2. Os relatórios de fiscalização do CRB1 de 2014 e 2016 apresentam o quantitativo descrito como “Outros Estados” sobre a situação dos profissionais registrados na jurisdição. Esses números não foram considerados para expressar a quantidade de inscritos, devido ao fato de que o documento não esclarece o que vem a ser “Outros Estados” e os registros no sistema CFB/CRB são por jurisdição. Em 2014 a categoria “Outros Estados” representava 308 profissionais e em 2016 o número era de 132.

Tabela 4.2. Distribuição dos profissionais da jurisdição CRB1

UF	ANO							
	2010		2012		2014		2016	
	Inscritos	Ativos	Inscritos	Ativos	Inscritos	Ativos	Inscritos	Ativos
DF	2433	1610	1725	1056	1809	1059	1886	1049
GO	420	254	381	294	421	326	439	324
MT	175	102	136	111	158	126	175	133
MS	170	105	146	118	162	128	175	130
Total	3198	2071	2388	1579	2550	1639	2675	1636

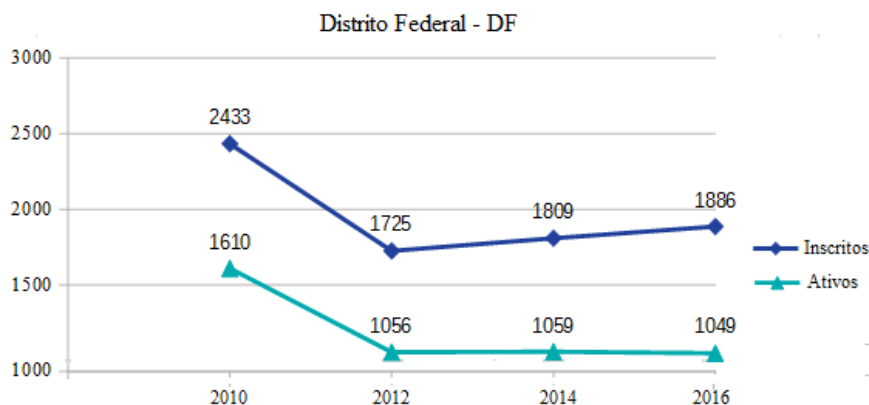
Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados dos relatórios do Conselho Regional de Biblioteconomia (2010; 2012; 2015; 2016)

Ao comparar os dados apresentados na Tabela 4.2 com as informações identificadas sobre o quantitativo nacional verifica-se que o número de profissionais inscritos e ativos diminuiu no período de 2010 a 2016. Vale ressaltar que, apesar de ser a segunda em extensão territorial, a Região Centro-Oeste é a menos populosa do país e com menor densidade populacional (IBGE, 2010b).

Em 2010 o número de inscritos era de 3198 e o de ativos 2071, em 2012 o número de profissionais diminuiu em ambas as situações: 2388 inscritos e 1579 ativos. Ao comparar o ano de 2012 com o de 2014, identifica-se o acréscimo de 162 profissionais inscritos e 60 ativos. De 2014 para 2016 o número de inscritos que era de 2550 passou a de 2675 e o de ativos de 1639 para 1636. Percebe-se que nesse último período comparado houve um crescimento no número de inscritos (125 profissionais) e o número de ativos diminuiu menos de 1%.

Os dados do Gráfico 4.2 expressam a distribuição dos membros filiados ao Conselho no Distrito Federal. Em 2010 contava com 2433 inscritos e 1610 ativos, em 2012 houve uma diminuição, tanto no número de inscritos como no de ativos, respectivamente, contando com 1726, redução de 708 profissionais e 1056 com redução de 554. No ano de 2014 o número de inscritos passou a ser de 1809 e o de ativos 1059, representando aumento absoluto de 84 e de 3 casos, respectivamente. Em 2016 houve um crescimento no número de inscritos em comparação com 2014, que passou a ser de 1886, enquanto o de ativos passou a ser de 1049 com a redução de 10 profissionais em atividade.

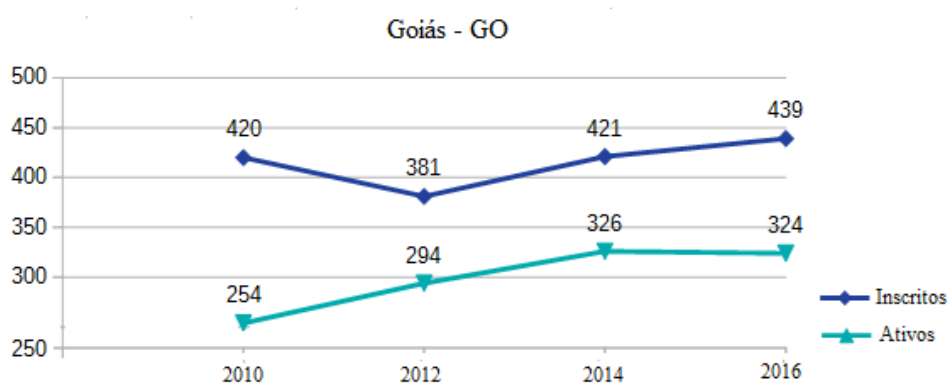
Gráfico 4.2. Distribuição de bibliotecários no Distrito Federal (2010-2016)



Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016).

Os dados do Gráfico 4.3 expressam a distribuição dos membros filiados ao Conselho em Goiás. Em 2010 contava com 420 inscritos e 254 ativos, em 2012 houve uma diminuição no número de inscritos, que passou a ser de 381 e um aumento no número de ativos, que passou a ser 294. No ano de 2014 o número de inscritos passou a ser de 421 e o de ativos 326, representando um aumento absoluto de 40 e de 32 casos, respectivamente. Em 2016 houve um crescimento no número de inscritos em comparação com 2014 que passou a ser de 439, enquanto o de ativos passou a ser de 324, com a redução de menos de 1% dos profissionais em atividade.

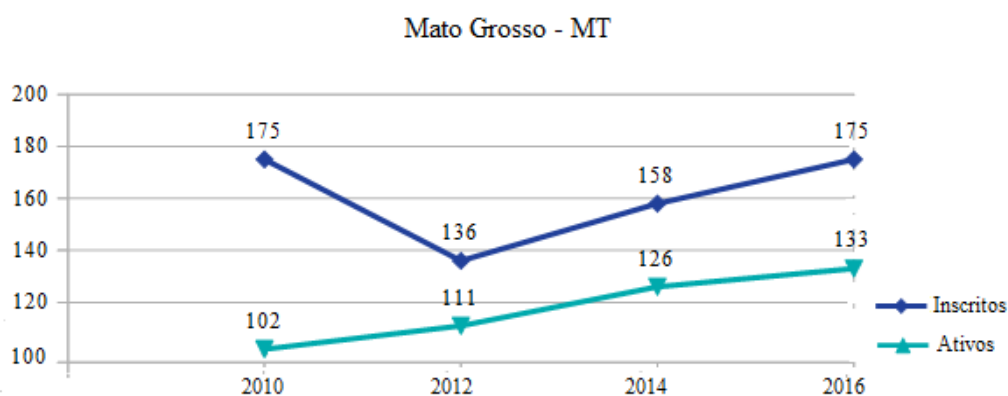
Gráfico 4.3. Distribuição de bibliotecários em Goiás (2010-2016)



Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016).

A partir dos dados do Gráfico 4.4 percebe-se a inserção dos profissionais em Mato Grosso. Em 2010 contava com 175 inscritos e 102 ativos, em 2012 houve uma diminuição no número de inscritos que passou a ser de 136 com um aumento no número de ativos que passou a ser 111. No ano de 2014 o número de inscritos passou a ser de 158 e o de ativos 126, representando um aumento absoluto de 22 e de 15 casos, respectivamente. Em 2016 houve um crescimento, tanto no número de inscritos como no de ativos, que passou a ser de 175, enquanto o de ativos passou a ser de 133 profissionais.

Gráfico 4.4. Distribuição de bibliotecários em Mato Grosso (2010-2016)

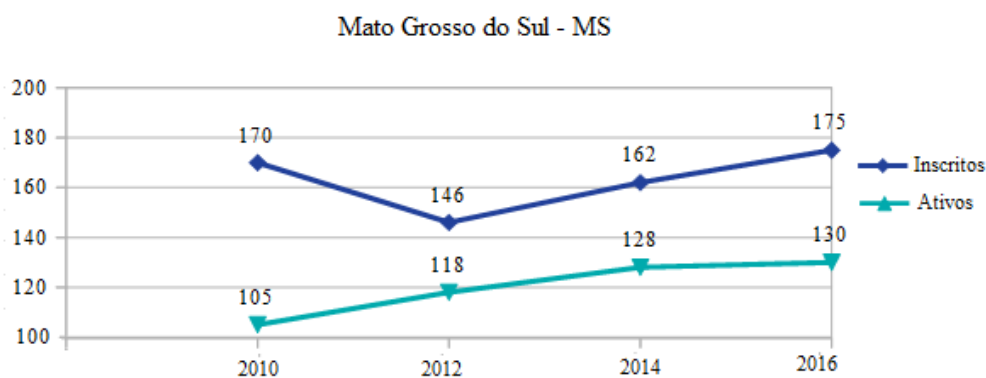


Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016)

Os dados do Gráfico 4.5 evidenciam aspectos quantitativos da distribuição dos membros filiados ao Conselho em Mato Grosso do Sul. Em 2010 contava com 170 inscritos e 105 ativos, em 2012 houve uma diminuição no número de inscritos que passou a ser de 146 e um aumento no número de ativos que passou a ser 118. No ano de 2014 o número de inscritos passou a ser de 162 e o de ativos 128, representando um aumento absoluto de 16 e de 10 casos, respectivamente. Em

2016 houve um crescimento, tanto no número de inscritos como no de ativos, que passou a ser de 175, enquanto o de ativos passou a ser de 130.

Gráfico 4.5. Distribuição de bibliotecários em Mato Grosso do Sul (2010-2016)



Fonte: Elaborada pela autora (2018) com base nos relatórios do CRB1 (2010; 2012; 2014; 2016)

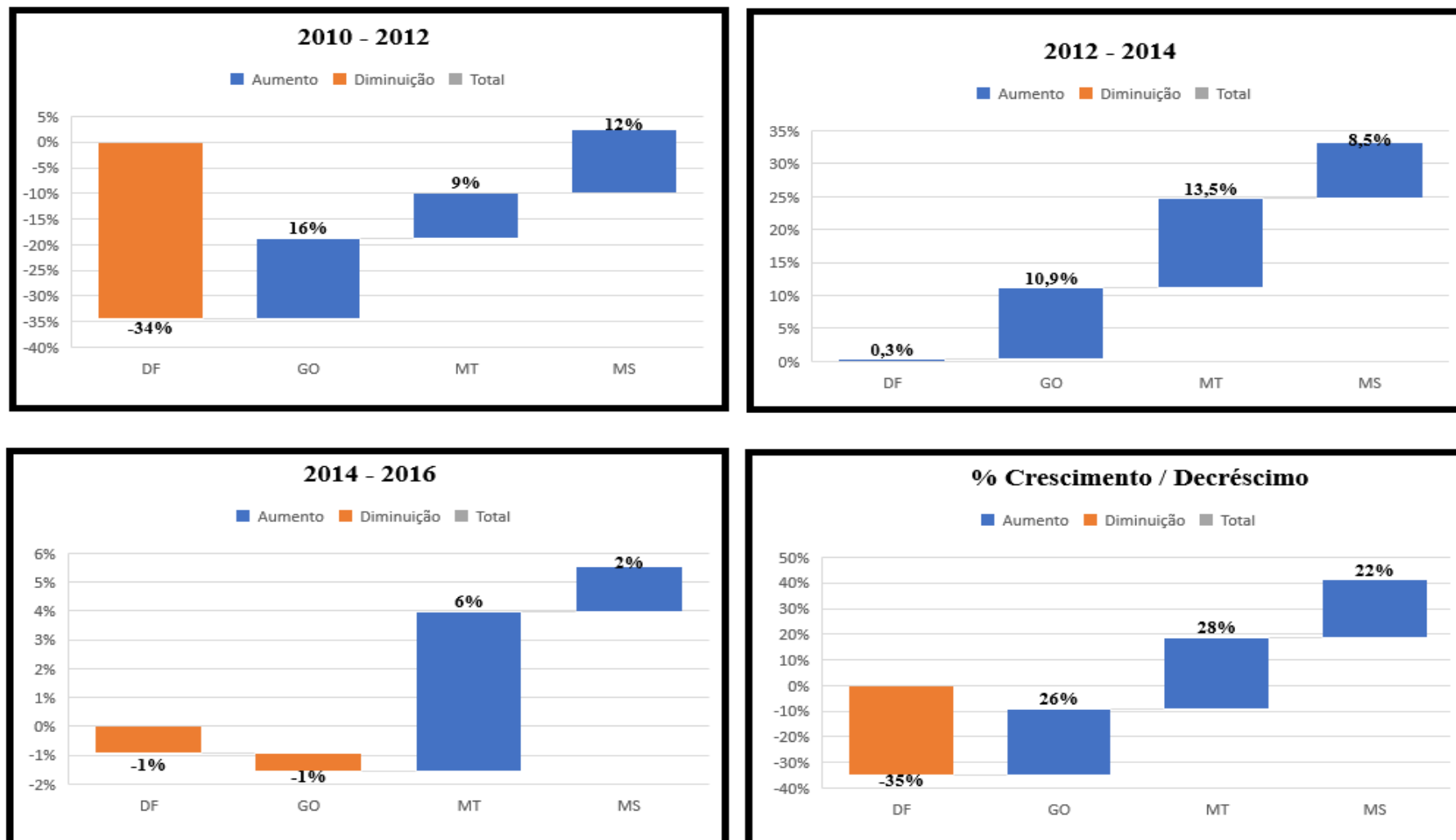
Em pesquisas anteriores Faria (2015), Milanesi (2002) Pena (2007), Valentim (1995; 2000), Walter e Baptista (2009) têm apontado diversos fatores que definem a inserção no mercado de trabalho, no campo da Biblioteconomia, entre eles: remuneração, reconhecimento ou invisibilidade, “reserva de mercado”, competência profissional, impacto das mudanças nas características dos espaços de atuação, demanda de novas atribuições, variações na empregabilidade, entre outras.

Para Gonçalves (2008), estudioso do desenvolvimento das profissões, a inserção profissional está ligada à dinâmica do capitalismo, sendo controlada, ora pela racionalização econômica, ora pela fiscalização e regulação da prática profissional. Essa perspectiva vai ao encontro dos apontamentos de Milanesi (2002) sobre o profissionalismo biblioteconomista, ao destacar que as “reservas de mercado”, da forma como foram estabelecidas na área, fizeram com que muitos dos profissionais atuantes não apareçam nos números oficiais dos órgãos existentes.

Ao comparar essas reflexões à realidade da Região Centro-Oeste, acaba surgindo a ideia de que seria essa hipótese o que vem ocorrendo de fato na quarta maior cidade do país, Brasília, que tem reduzido o número de ativos, mesmo continuando em amplo desenvolvimento. Muitos profissionais que são bibliotecários pela definição legal e regulamentada podem estar pulverizados em atividades no campo da informação, o que representaria mudança na forma de se perceber em uma profissão, em uma identificação não fixa.

O Gráfico 4.6. “Indicadores do perfil profissional” apresenta a realidade da Região Centro-Oeste no período de 2010 a 2016. O Distrito Federal teve um decréscimo de 35% no número de profissionais em atividade, Goiás teve um crescimento de 26%, Mato Grosso 28% e Mato Grosso do Sul 22%. As mudanças nas construções identitárias desses profissionais apresentam-se alinhadas às mudanças do mercado profissional. Uma hipótese é que a mudança no mercado de trabalho tem apresentado a possibilidade de novas atividades no setor informacional, sem fixar uma identidade profissional ao bibliotecário que assume uma identidade diferente, transformada continuamente, nesse caso, pelo mercado de trabalho. Fato este que também é apontado nos estudos de Baptista e Muller (2005) sobre as mudanças que vêm influenciando o mercado de trabalho de bibliotecários e que esses profissionais percebem a possibilidade de atuar em qualquer contexto em que a informação é o insumo afastando-se do mercado tradicional (bibliotecas, unidades de informação, entre outros).

Gráfico 4.6. Indicadores do perfil profissional na Região Centro-Oeste (2010-2016)



Fonte: Conselho Regional de Biblioteconomia (2010; 2012; 2015; 2017).

4.4 Perfil social dos entrevistados

Quadro 4.1. Perfil dos entrevistados

											(Continua)
Sexo	Orientação sexual	Idade	Cor/Raça ⁴²	Estado civil	Nº de Filhos	Pais: Ocupação/ Escolaridade	Ensino Médio	Graduação/ Ano de formação	Tempo de Atuação	Instituição atual	Estado de Origem
1F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Branca	C	0	Pai: Lavrador Mãe: Dona de Casa (ambos Ensino Fundamental)	Pública	Pública / 2008	6 a 10 anos	Pública	MT
2F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Preta ⁴³	C	0	Pai: Falecido Mãe: Aposentada (ambos Ensino Médio)	Pública	Pública / 2007	11 a 15 anos	Pública	MT
3M	Heterossexual	De 40 a 49 anos	Branca	C	4	Mãe: Dona de Casa (Semialfabetizada)	Pública / Particular	Particular / 2002	16 a 20 anos	Pública	MS
4F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Parda	C	0	Pai: Motorista Mãe: Dona de Casa (ambos Ensino Fundamental incompleto)	Pública	Pública / 2009	6 a 10 anos	Pública	MT
5F	Heterossexual	De 60 a 70 anos	Parda	C	3	Pai: Serviços Gerais Mãe: Dona de casa (ambos Ensino Fundamental incompleto)	Pública	Particular / 1982	Acima de 20 anos	Pública	SP
6M	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Parda	C	0	Pai / Mãe: Sitiantes (ambos estão cursando o Ensino Médio)	Pública	Pública / 2003	11 a 15 anos	Pública	MT
7M	Heterossexual	De 60 a 70 anos	Branca	C	2	Pai: Servidor Público Mãe: Dona de casa (ambos Ensino Fundamental)	Pública	Pública / 2004	11 a 15 anos	Pública	SP

⁴² Cor/raça de acordo com a declaração do respondente.

⁴³ Respeitando-se a descrição do IBGE utilizou-se a palavra Preta. Na tese, utilizou-se a palavra Negra por solicitação das entrevistadas, ambas pediram que não fosse utilizada preta para descrevê-las, mas sim negra.

Quadro 4.1 Perfil dos entrevistados

											(Conclusão)
Sexo	Orientação sexual	Idade	Cor/ Raça	Estado civil	Nº de Filhos	Pais: Ocupação/ Escolaridade	Ensino Médio	Graduação/ Ano de formação	Tempo de Atuação	Instituição atual	Estado de Origem
8F	Heterossexual	De 40 a 49 anos	Preta	C	2	Pai: Aposentado. Mãe: Prof. aposentada (ambos Ensino médio)	Pública	Pública / 2008	6 a 10 anos	Pública	MT
9F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Branca	C	2	Pai: Bancário (Ensino Médio). Mãe: Dona de casa (Ensino Fundamental)	Pública	Pública / 2009	6 a 10 anos	Pública	MT
10M	Não respondeu	De 20 a 29 anos	Branca	S	0	Pai: Comerciante (Ensino Fundamental) Mãe: Professora (Ensino Superior)	Pública	Pública / 2011	6 a 10 anos	Pública	GO
11F	Heterossexual	De 60 a 70 anos	Parda	C	2	Pai: Caminhoneiro Mãe: Dona de casa (Não sabe informar)	Pública	Pública / 1983	Acima de 20 anos	Pública	MT
12F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Branca	C	3	Mãe: Servidora pública (Ensino Médio) Pai: Aposentado (Ensino Fundamental)	Pública	Pública / 2015	Até 1 ano	Privada	RS
13F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Parda	S	0	Pai: Advogado Mãe: Professora (Ensino Superior)	Pública	Pública / 2008	6 a 10 anos	Pública	PE
14F	Heterossexual	De 50 a 59 anos	Branca	C	3	Pai / Mãe: Feirantes (Ensino Mobral ⁴⁴)	Pública	Pública / 2003	11 a 15 anos	Pública	SP
15F	Heterossexual	De 30 a 39 anos	Branca	S	0	Pai: Autônomo (Ensino fundamental) Mãe: Dona de casa (Ensino médio)	Pública	Pública / 2005	6 a 10 anos (atuou 8 anos)	Outra ⁴⁵	MT

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

⁴⁴ Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral) foi um projeto do governo militar brasileiro, criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 a 1985, e propunha a alfabetização funcional e a educação continuada a adolescentes e adultos.

⁴⁵ Não atua na área. A última atuação foi em instituição privada.

A partir das entrevistas com bibliotecárias e bibliotecários, identifica-se as trajetórias dentro do espaço da Biblioteconomia, a forma como o grupo percebe sua identidade e a multiplicidade que caracteriza bibliotecárias e bibliotecários entrevistados.

A análise do perfil demonstrou que, dos quinze respondentes, sendo 73,33% de mulheres, a maior parte do grupo tem entre 30 a 39 anos (53,33%). Declaram-se ser da cor branca (53,33%), identificaram-se como pessoas casadas (80%), com filhos (53,33%), heterossexuais (93,33%).

Quanto à formação, a maioria cursou o ensino médio em escola pública (93,33%) e a graduação em Biblioteconomia foi realizada em universidade federal pública (86,67%). Tem entre 6 a 10 anos de atuação (46,67%), de origem da Região Centro-Oeste (66,67%), sendo naturais de Mato Grosso (53,33%).

Os dados mostraram que as faixas etárias de 20 a 29 anos e de 50 a 59 anos são as menores (ambas 6,67%). De 40 a 49 anos, representam o percentual de 13,33% e de 60 a 70 anos 20%. A maior parte do grupo pertence à faixa etária de 30 a 39 anos (53,33%). Na parcela feminina, o percentual de mulheres, na faixa etária de 30 a 39 anos é de 63,64% e, na masculina, a amostra é homogênea (ambas com 25%), não tendo homens apenas na faixa etária de 50 a 59 anos.

Os resultados mostraram que o percentual de profissionais que se declaram da cor branca é de 53,33%, de cor preta é de 13,33% e a de cor parda é de 33,33%. Os declarantes da cor preta são todos do sexo feminino.

No indicador estado civil, o percentual de casados é de 80% e de solteiros 20%. Quanto à orientação sexual, 93,33% declararam-se como heterossexuais, nenhum como heterossexual e 6,67% optaram por não responder.

Em relação à proporção do indicador filho, embora, a maioria da amostra tenha filhos, a concentração dos entrevistados foi na faixa dos que não tem nenhum (46,67%), seguida dos que têm dois filhos (26,67%), com uma diferença relativamente pequena dos que tem três filhos (20%). Somente 6,67% tem acima de três filhos.

Em relação à escolaridade e ocupação dos pais, há uma equivalência entre o índice de distribuição de ambos os pais com ensino fundamental (26,67%) e de apenas um dos pais com ensino fundamental (26,67%). Seguido por ambos com ensino médio (20%), outros (20%) e ambos os pais com ensino superior (6,67%). Além disso, caracterizou-se por pais com ocupações, em sua maioria, proveniente dos estratos baixos e médio-baixo da hierarquia ocupacional e com forte presença de mães como donas de casa.

A investigação demonstrou que 93,33% dos entrevistados cursaram ensino médio em escola pública e apenas 6,67% declarou que cursou de forma mesclada (parte em escola pública e parte em escola particular). Quanto ao percentual de graduados em universidade pública é de 86,67% e a de formados em curso particular é de 13,33%. O grupo estudado apresentou uma mobilidade intergeracional em que os filhos tiveram ascensão sócio ocupacional em relação aos pais, diferente dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2014 (IBGE, 2016) que indicam que filhos de pais com baixa escolaridade tendem a ter baixo nível de formação. Percebe-se a mobilidade social em relação aos pais, por meio do acesso à educação superior, principalmente pública.

Na composição dos dados sobre o tempo de atuação, o período de até 1 ano e o de 16 a 20 anos é representado por 6,67%, respectivamente. De 6 a 10 anos, apresenta a maior concentração de entrevistados (46,67%), seguido pelo

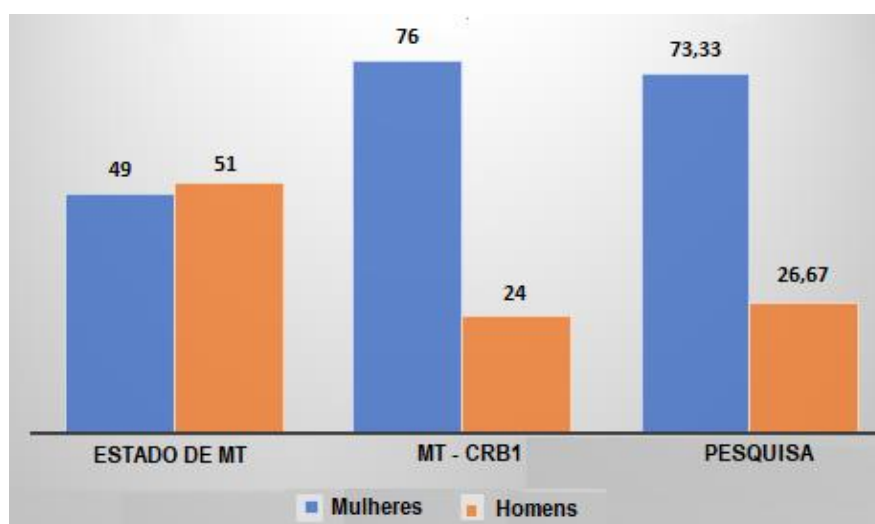
período de 11 a 15 anos (26,67%). Acima de 20 anos de atuação é representada por 13,33% da amostra.

Considerando o estado de origem, 53,33% é do estado *lócus* da pesquisa (Mato Grosso). O segundo maior percentual é composto por paulistas (20%), seguido por uma concentração igualmente dividida entre os estados de Mato Grosso do Sul, Goiás, Rio Grande do Sul e Pernambuco (6,67% cada).

A análise do perfil demonstrou que, dos quinze respondentes 86,67% atuam em instituições públicas, caracterizando-se por profissionais com estabilidade, 6,67% em instituição privada e 6,67% não atua no momento. Entretanto, essa última parcela era do setor privado quando atuava. Do grupo entrevistado, apenas duas profissionais atuam em cargo de gestão.

4.5 Perfil profissional: interações, entrecruzamentos e comparações possíveis

Gráfico 4.7. Comparação quanto à variável sexo (Estado - CRB1 - Pesquisa)



Fonte: Elaborado pela autora (2019) com base nos dados da pesquisa, IBGE (2010b) e Cordeiro (2018)

O Conselho Regional de Biblioteconomia aponta que em 2018 o estado de Mato Grosso contava com 76% de mulheres e 24% de homens, com expressiva participação feminina na atividade registrada na profissão. Quanto aos dados da pesquisa esse número é de 73,33% de mulheres e 26,67% de homens.

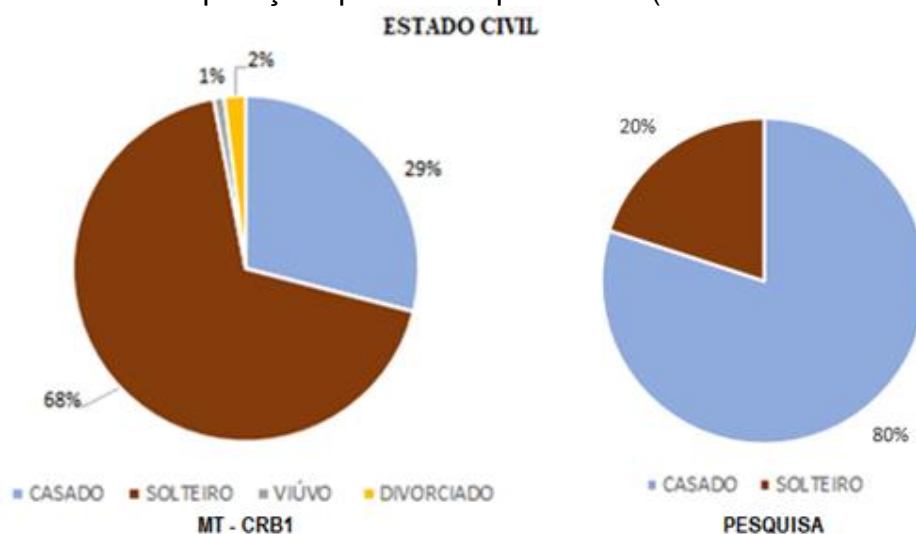
Gráfico 4.8. Comparação quanto à variável cor/raça (Estado *versus* Pesquisa)



Fonte: Elaborado pela autora (2019) com base nos dados da pesquisa e IBGE (2010b)

O grupo entrevistado apresenta maior concentração de brancos (53,33%) do que de pardos (33,33%), diferenciando-se da população total. Os pretos na amostra são 13,33%, não havendo amarelos e indígenas entre os declarantes.

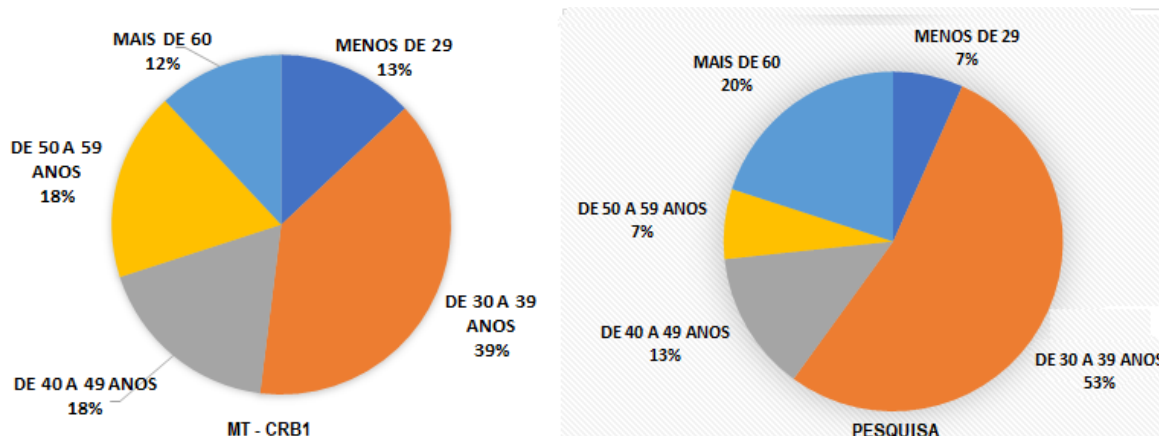
Gráfico 4.9. Comparação quanto à nupcialidade (CRB1 *versus* Pesquisa)



Fonte: Elaborado pela autora (2019) com base nos dados da pesquisa e Cordeiro (2018)

Quanto ao estado civil o CRB1 aponta que, entre bibliotecários e bibliotecárias de Mato Grosso, identificam-se: 1% viúvo, 2% divorciado, 29% casado e 68% solteiro. Já os bibliotecários e bibliotecárias da pesquisa representam 20% solteiros e 80% casados.

Gráfico 4.10. Comparação quanto aos grupos de idade (CRB1 *versus* Pesquisa)



Fonte: Elaborado pela autora (2019) com base nos dados da pesquisa e Cordeiro (2018)

Quanto às faixas etárias, há maior proximidade entre os dados do CRB1 e os dos entrevistados na pesquisa. O CRB1 aponta, quanto aos grupos de idade, que 13% tem menos de 29 anos, 39% tem de 30 a 39 anos, 18% tem de 40 a 49 anos, 18% tem de 50 a 59 anos e 12% tem mais de 60 anos. Quanto aos entrevistados 7% tem menos de 29 anos, 53% tem de 30 a 39 anos, 13% tem de 40 a 49 anos, 7% tem de 50 a 59 anos e 20% tem mais de 60 anos.

5 CAPÍTULO 5 - O QUE É SER BIBLIOTECÁRIO (?) NO PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO PROFISSIONAL

5.1 Síntese do capítulo

O capítulo apresenta a análise dos dados quanto à identidade de bibliotecários e bibliotecárias. Quanto à trajetória dos entrevistados observa-se que as bibliotecárias e os bibliotecários articulam a trajetória de ascensão social por meio da escolarização menos competitiva, levando a uma profissionalização *vis a vis* a imagem da profissão, várias vezes, tida como desvalorizada, em dissonância com a percepção de si, se refletindo na identidade profissional. São abordadas as narrativas sobre a mobilidade, as representações sociais das relações familiares, a vocação, o controle ocupacional e a construção das identidades profissionais.

Nos aspectos identitários, para estabelecer a tipificação, quanto ao processo relacional da identidade para o outro (atos de atribuição), os entrevistados foram questionados sobre “O que é ser bibliotecário (a)? Quais são as habilidades e competências que o (a) bibliotecário (a) deve possuir? O que faz de um (a) bibliotecário (a) um (a) profissional competente?”. E, para verificar aspectos da identidade para si (atos de pertencimento), solicitou-se que dessem continuidade à frase “Descreva você profissionalmente. Eu, bibliotecário (a) sou...”.

5.2 Trajetórias e identidade profissional em construção

1F está na faixa etária entre 30 a 39 anos, é branca, casada, não tem filhos e é natural de Mato Grosso. Sua formação desde o ensino médio é em instituição pública. Formou-se em 2008, tem entre 6 a 10 anos de carreira, atua em uma instituição pública e é especialista em Gestão Pública. Os pais cursaram o ensino fundamental. O pai é lavrador e a mãe é dona de casa.

Segundo ela, optou pela profissão devido à baixa concorrência do curso e a possibilidade de realizar concurso na área. A universidade em que foi aprovada ofertava o curso apenas desde o ano 2000 e não havia muita concorrência no Estado de Mato Grosso.

Escolhi o curso de Biblioteconomia pela questão da concorrência para ingressar na universidade. Eu sou formada em técnico em contabilidade e sempre quis fazer Ciências Contábeis, mas a concorrência era 17/20, enquanto o curso de Biblioteconomia era 3. E daí, tive a influência de uma colega que entrou na primeira turma que começou a falar sobre o curso de Biblioteconomia e eu me interessei pela possibilidade de fazer concurso. Ela me deu orientações que sairia concurso nessa área e era um curso novo.

Perguntada se ainda mantinha o interesse em cursar contabilidade, afirmou que não, uma vez que agora é concursada na área. “Colei grau em março [2008] e passei no concurso em junho de 2008”.

Ela relata que, com a criação dos Institutos Federais foi aprovada em concurso para assumir um cargo em outro estado: “Aí em novembro, que foram criados os Institutos Federais, eu fui nomeada”! Depois de alguns anos veio atuar em Mato Grosso, como concursada neste estado.

A profissional deixa claro que sua motivação foi a busca por um emprego público de nível superior, uma vez que o curso não era sua opção inicial, mas a possibilidade de fazer um curso superior nessa área, poderia assegurar a estabilidade em um concurso público. A Biblioteconomia é para ela a busca individual da ascensão, que vai se tornando um projeto coletivo, de mobilidade do grupo profissional, pela via da profissionalização.

2F tem entre 11 a 15 anos de carreira e atua em uma instituição pública. Formou-se em 2007 e é natural de Mato Grosso. Tem entre 30 a 39 anos, declara-se negra⁴⁶, casada, não tem filhos. Sobre os pais não informou suas ocupações, apenas que o pai é falecido e a mãe aposentada e cursaram o ensino médio. Toda sua formação acadêmica foi em instituições públicas e é especialista em Gestão de Pessoas.

Primeiramente, eu queria um curso que não tivesse licenciatura plena. E o que eu mais me identificava, porque eu sempre gostei de ler, era esse curso que tinha no período noturno.

Logo que me formei comecei a trabalhar na Faculdade ... e já estava classificada no concurso. Depois de um ano que eu estava lá me chamaram para cá.

Na entrevista, é possível perceber uma das características de uma identidade construída que se soma à imagem da profissão. A escolha pela Biblioteconomia é apontada como uma escolha natural para quem gosta de ler, é o fazer bibliotecário, determinado pela definição das características profissionais que ela compreende que o bibliotecário deve possuir.

⁴⁶ A entrevistada afirmou que não aprovava o uso da palavra preta e pediu que fosse declarada como negra.

3M é natural de Mato Grosso do Sul. Está na faixa etária entre 40 a 49 anos, é casado, declara-se como branco, tem 4 filhos. Coursou o ensino médio, parte em escola pública e parte em escola particular. A graduação foi em instituição particular. A mãe é dona de casa e semialfabetizada. Não conheceu o pai. Formou-se em 2002, tem entre 16 a 20 anos de carreira, atua em uma instituição pública e é especialista em Comportamento Humano.

Escolhi o curso por acaso. Foi uma oportunidade que surgiu de conseguir uma bolsa de 100%. Eu não poderia pagar e abracei a oportunidade. Na época, eu nem sabia o que era Biblioteconomia para se ter uma ideia. Aí consegui a bolsa e cursei os quatro anos na Universidade...

Assim que me formei, tive uma experiência em Alagoas. Fiquei lá um período. Porque na época, em 2002, não tinha emprego na área, tinha um monte de gente formada no mercado e não tinha oportunidade. Esses concursos foram surgindo muito depois. Então, minha primeira experiência teve que ser fora do Estado. Fiquei 45 dias lá, não aguentei ficar mais. Deixei a família.

Fui pra fazer um trabalho. Comecei a fazer, mas a estrutura era precária e não deu para continuar. De sistema, de elemento humano, aí ficou difícil fazer. E eu recém-formado, inexperiente.

Depois disso, ele relata que fez concursos até ser aprovado em seu primeiro concurso na área em 2004.

A entrevista mostra um deslocamento geográfico para atuar na área, uma vez que, a falta de saber-fazer e a quantidade de profissionais no mercado não oportunizava a atuação no estado. A fala dele destaca as dificuldades que articulam a prática profissional com a posição social desfavorecida. Ele se refere

às limitações externas como a falta de recursos em Alagoas. As limitações dele são da ordem da pouca prática profissional.

Outro ponto ficou claro: as responsabilidades de prover a família, papel tradicional de gênero e a ausência desta, foram fatores que motivaram a mudança de objetivos e a busca por estabilidade. Ele foi obrigado a se deslocar para tentar um trabalho, o que está relacionado aos papéis tradicionais de gênero. Foi a oportunidade que ele viu e abraçou, mas Alagoas tinha mais precariedade do que possibilidade, e nesse contexto, a ausência da família pesou.

4F declara-se como parda, está na faixa etária entre 30 a 39 anos, casada, não tem filhos e é natural de Mato Grosso. Sua formação, desde o ensino médio, é em instituição pública. Formou-se em 2009, tem entre 6 a 10 anos de carreira, atua em uma instituição pública e é especialista em Gestão de Pessoas. O pai trabalha como motorista e a mãe como dona de casa, ambos estudaram até o ensino fundamental, mas não o concluíram.

Quando terminei eu comecei a trabalhar em biblioteca. No período em que eu fazia faculdade não. Eu trabalhava em outras coisas, como secretária. Só quando eu saí da faculdade mesmo, fora os estágios que eram do curso mesmo, fora isso, só depois que eu terminei a faculdade.

Trabalhei em uma universidade por nove meses, daí mudei para capital e passei em um processo seletivo. E foi aí que eu comecei como bibliotecária, mas só depois da formação mesmo. Fiquei quatro anos.

A minha pretensão sempre foi fazer concurso público. Sempre tive isso em mente. E, quando eu passei no processo seletivo, eu fiquei lá para que eu pudesse ganhar um pouco de experiência. Trabalhar na minha área, que eu não tinha trabalhado ainda como gestora de biblioteca, foi

a oportunidade que eu tive, mas a minha pretensão era mesmo trabalhar em setor público. Eu sempre tive essa vontade.

Diversos entrevistados enfatizam o estágio realizado durante a graduação e a busca por estabilidade em concurso público. Apresenta-se um apego aos concursos entre os entrevistados mais forte que a “vocação”, embora não se possa afirmar que na Biblioteconomia haja uma “ideologia concurseira”⁴⁷, observa-se o apego aos concursos entre os entrevistados, e em vários casos mais como um emprego público do que como um ingresso na profissão. Neste sentido, as associações profissionais é que vão atuando sobre isso, com as dificuldades que encontram para modificar um projeto individual, isolado, em um projeto coletivo, de profissão.

5F, natural de São Paulo, é casada, declara-se como parda, tem 3 filhos, está na faixa etária entre 60 a 70 anos. cursou o ensino médio em escola pública e o ensino superior em instituição particular. Tem mais de 20 anos de experiência na área e atua em uma instituição pública. Formou-se em 1982 e é especialista em Comportamento Humano. Os pais não concluíram o ensino fundamental, ele trabalhando em serviços gerais e ela dona de casa.

A entrevistada relata que escolheu o curso de Biblioteconomia por acaso.

Eu sempre quis ser jornalista, mas naquela época não era como hoje que você encontra uma faculdade em cada esquina. Tinham as tradicionais, que eram públicas, muito concorridas. E eu morava em uma cidade dormitório em São Paulo, e ficava difícil. Não tinha curso de

⁴⁷ Fontainha *et al.* (2015) apresenta o termo “ideologia concurseira” em que os operadores do Direito depois que terminam o bacharelado, vivenciam nos cursinhos preparatórios para concursos na área do Direito a construção do ideário comum dos concursos, no qual o bacharel visa aprovação em uma das carreiras jurídicas seja delegado, juiz, promotor público, procurador do estado ou defensor público. Não se leva em consideração como algumas dessas posições são polares no sistema de justiça, como são “vocações” distintas além de treinamentos específicos.

jornalismo próximo. Aí eu ia fazer Letras que eu gosto muito, mas eu não queria dar aula. Não tinha o perfil para dar aula.

Naquela dúvida, eu trabalhava em uma empresa e minha chefe falou 'Por que você não faz Biblioteconomia?' e eu 'Bibliquê?'. Nem conhecia o curso. Ela me explicou e eu achei interessante porque a empresa tinha, não era nem uma biblioteca oficializada, uma sala com muitos livros que atendiam os engenheiros da empresa. Era altamente técnica, voltada para mecânica pesada. E já tinha cobrança das instituições de Biblioteconomia para que se tivesse um bibliotecário na biblioteca, que se oficializasse.

Relata, ainda, que a chefe insistiu, pois sabia que ela gostava muito de ler. Então passou a pesquisar sobre o curso e aproveitou o fato de que havia uma instituição particular na cidade. Prestou vestibular. Gostou do curso e começou a atuar na própria empresa. Afirma que deixou a ideia do Jornalismo e se “descobriu bibliotecária”.

Na entrevista acima visualiza-se como a oportunidade de acesso ao curso superior foi um fator de atração de pessoas em busca de ascensão via escolaridade. Além das questões pessoais, a escolha pela carreira deu-se pela existência de vaga na área exigida por órgãos de classe, o controle ocupacional. A expansão dos cursos superiores se articula ao projeto de profissionalização da Biblioteconomia, com apoio do Estado, do meio acadêmico da área e das associações profissionais. Novamente, vê-se a transformação de projetos individuais em uma articulação coletiva, um processo de profissionalização em curso.

6M declara-se como pardo, está na faixa etária entre 30 a 39 anos. Casado, não tem filhos e é natural de Mato Grosso. Sua formação, desde o

ensino médio, é em instituição pública. Formou-se em 2003, tem entre 11 a 15 anos de carreira, atua em uma instituição pública, é especialista em Docência e possui mestrado em área interdisciplinar da CAPES. Os pais atuavam como docentes e estão cursando o ensino médio.

Ele relata que escolheu o curso por falta de opção. Era um curso que acabava de ser implantado na universidade. Foi muito promovido e divulgado. Também aparece muito evidente a falta de alternativa de escolha de outra formação superior na região, que fosse acessível. As pessoas foram escolhendo entre os possíveis, com um “senso prático” (BOURDIEU, 1996).

Pelo folder, vamos dizer assim, a proposta salarial da categoria era muito boa então isso ajudou a determinar que eu ia tentar aquele. E eu não queria licenciatura.

Relata que durante o curso fez estágio em mais de uma biblioteca universitária e atuava como auxiliar de biblioteca, começando desde o segundo semestre da graduação: “Assim que consegui o meu registro como profissional eu passei a ser bibliotecário da instituição, mas antes eu estava como auxiliar”.

Conta que atuava em um trabalho braçal, não havendo perspectivas, e que estudava em busca de mudar de função. Reconhece que era um serviço digno, mas muito árduo.

É um serviço digno, porém árduo. Mas não tinha nenhuma perspectiva do que fazer e como não tinha condições para estudar fora, outros cursos, acabou que a Biblioteconomia foi uma luz e está dando certo.

A partir do relato, percebe-se a legitimação da via de mobilidade por meio da Biblioteconomia. Os projetos pessoais se fundiram no projeto profissional em curso, tornando-se uma alternativa para homens, que abraçaram a possibilidade,

em uma profissão que expandiu a presença feminina. O trabalho que exige o esforço físico é digno, mas não apresenta uma perspectiva na lógica do sistema credencial das profissões e, nesse sentido, há uma reafirmação dos espaços científicos que reproduzam a estrutura dos conhecimentos válidos.

7M é natural de São Paulo, casado, declara-se branco. Tem 2 filhos, está na faixa etária entre 60 a 70 anos. cursou o ensino médio e superior em instituições públicas. Tem entre 11 a 15 anos de experiência na área e atua em uma instituição pública. Formou-se em 2004 e é especialista em Gestão Pública. Os pais concluíram o ensino fundamental, ele servidor público e ela dona de casa.

A Biblioteconomia veio mais no sentido de necessidade. Eu já atuava. Eu já era um dos quadros da universidade e, quando eu entrei, vale dizer, que foi o primeiro concurso público da instituição. Eu já entrei na biblioteca e, desde que eu entrei na biblioteca, eu nunca mais saí. E essa minha permanência como auxiliar de biblioteca. Aí veio a intenção de fazer Biblioteconomia.

Quer dizer, eu permaneci no mesmo universo. Com o status profissional modificado, uma responsabilidade maior de bibliotecário.

7M é o primeiro profissional a relatar que já se encontrava em um emprego público que fez o curso, por já estar inserido no espaço da atividade. Insere-se nas relações interacionais do profissionalismo em que já tinha realizado uma parte do ideário (estabilidade) e, neste sentido, a Biblioteconomia apresentou uma ascensão: passou de um concurso em nível de ensino médio para um de ensino superior.

8F está na faixa etária entre 40 a 49 anos. Declara-se negra⁴⁸. É natural de Mato Grosso, casada, tem 2 filhos. Formou-se em 2008, tem entre 6 a 10 anos de experiência na área e atua em uma instituição pública. Kursou especialização em Gestão Empresarial. Os pais concluíram o ensino médio, sobre o pai, não informou sua ocupação, apenas que é aposentado. A mãe é professora aposentada.

Na verdade, quando eu fiz o vestibular eu não sabia nada sobre a área. Eu não queria fazer licenciatura, eu queria fazer um curso de bacharelado.

Aí minha prima, na época, estava fazendo esse curso e eu realmente não sabia nada. Aí eu vou fazer esse e deu certo. Não sabia nada, mas durante o período eu fui conhecendo, fui me apaixonando.

Assim, acho que hoje eu não me vejo fazendo outra coisa. Acho que foi como eu falava para os professores “Eu caí aqui de paraquedas, mas acho que foi um pouso bem-sucedido”.

Eu me formei em 2008. Fiquei seis meses parada. E logo consegui. Estava precisando de um bibliotecário na Universidade...e eu fui. Graças a Deus, não precisei trabalhar em outra área que não fosse a minha. Já entrei direto.

A partir da entrevista é possível perceber os aspectos subjetivos do indivíduo profissional, em que a seleção da carreira foi direcionada com base nas representações sociais das relações familiares. A permanência nesta, também se dá por uma associação de subjetividades, que evidencia as perspectivas individuais com uma identidade profissional.

⁴⁸ Solicitou que não fosse utilizada a cor preta, assim como a outra entrevistada, e optou por ser declarada como negra.

As questões pessoais foram estabelecidas como prioritárias, e naquele momento, o desenvolvimento profissional ficou em segundo plano. Becker (1984), em seu estudo sobre as atividades de músicos, ressalta a importância das redes de relações, incluindo a de núcleo familiar, como redes participativas no processo de construção da *expertise*.

9F é natural de Mato Grosso, casada, declara-se branca, tem 2 filhos, está na faixa etária entre 30 a 39 anos. cursou o ensino médio e superior em instituições públicas. Tem entre 06 a 10 anos de experiência na área, formou-se em 2009 e atua em uma instituição pública. O pai é bancário e cursou até o ensino médio e a mãe é dona de casa e cursou o ensino fundamental.

Na verdade, quando eu estava estudando no ensino médio, eu sempre gostei de jornalismo. Tanto que eu prestei vestibular para jornalismo, umas três vezes. E ficava perto, mas não passava. E aí a cidade que eu morava não tinha a faculdade de jornalismo, só tinha na capital, na época. Então foi quando eu pensei vou tentar pra cá, porque pra capital é mais difícil mudar. Então eu fui em busca de um curso que se parecesse com jornalismo. Aí comecei a pesquisar e vi que eles tinham muitas afinidades e aí foi quando eu prestei vestibular.

Hoje eu me interessou muito pela área da Biblioteconomia e esqueci jornalismo. Me apaixonei mais pela Biblioteconomia, do que pelo jornalismo.

Outra entrevistada expressa no amor à profissão um valor que transcende a atividade técnica, credenciando-a e diferenciando-a, de forma que a torna relevante, interiorizada. O “amor à profissão” é orientado pelo leque de possibilidades. Aprende-se a ter a “vocação”, aprende-se racionalmente no grupo, tanto a se identificar com a missão, como a criticar aspectos dela. Por isso, há as

disputas discursivas entre as associações, lideranças e outros profissionais. Neste aspecto, não existe a possibilidade de naturalização como algo que precede a inserção em um grupo de pessoas com as quais pode-se compartilhar valores, ideários.

10M está na faixa etária entre 20 a 29 anos. Declara-se branco, é natural de Goiás, solteiro, não tem filhos. Formou-se em 2011, tem entre 6 a 10 anos de experiência na área e atua em uma instituição pública. cursou o ensino médio e superior em instituições públicas. É especialista em Gestão de Documentos e Informação. O pai é comerciante e cursou até o ensino fundamental e a mãe é professora e cursou o ensino superior.

Não sei porque escolhi o curso, estava dentro das minhas opções. Daí eu consegui passar em Biblioteconomia. No começo eu não conhecia muito a área, fui conhecer depois do quarto semestre. Eu acho que a maioria não conhece, tem noção do curso depois do quarto semestre em diante.

Eu acho que dificilmente a pessoa entra sabendo o que é. Muito dificilmente. Tem gente que ainda forma e não tem noção.

Aí você vai ter uma noção lá pelo quarto/quinto. Aí eu fui e entendi como era e eu fui gostando mais. E também porque eu não gosto, [não] tenho vocação para saúde e exatas. Minhas outras opções eram Letras, Relações Internacionais, Psicologia.

Ele relata que chegou a prestar vestibular para Letras e Direito. O primeiro, não foi aprovado. Mas o segundo chegou a ganhar bolsa, só que decidiu não cursar e optou pela Biblioteconomia. Pensou ainda, em prestar outros vestibulares, mas acabou permanecendo no curso.

Eu pensei em mudar de curso, aí acabou que eu fiquei. Nem sei porquê.

Passei um tempo procurando emprego, aí depois eu consegui. Fiquei 5 meses procurando emprego. Aí comecei em uma instituição particular e tentando concurso até que eu passei.

Fiquei sete meses em uma instituição particular, aí passei em um concurso da prefeitura e depois tentei outro concurso e passei.

A partir do relato, percebe-se que o entrevistado associa o domínio do conhecimento na área à capacidade de compreender e gostar da atividade exercida. Ele afirma que aprendeu a linguagem da área, a saber, o que é ser bibliotecário. Foi na trajetória profissional que foi se consolidando a construção da identidade profissional.

Os relatos de 8F, 9F, 10M de diferentes formas, vão ilustrando esse processo social que produz identificações profissionais. A chance de ascensão, para a maioria dos entrevistados, não foi de muita distância social. Viabilizou-se mobilidade, mas em vários casos, aquém do idealizado na época do ingresso no ensino superior. É uma atividade que, para a maioria, possibilita estar na classe média escolarizada, mas não classe média alta.

11F é natural de Mato Grosso, casada, declara-se parda, tem 2 filhos, está na faixa etária entre 60 a 70 anos. Coursou o ensino médio e superior em instituições públicas. Tem mais de 20 anos experiência na área, formou-se em 1983 e atua em uma instituição pública. Coursou Letras e é especialista em Administração de Bibliotecas Públicas. Quanto à escolaridade dos pais não soube informar. O pai era caminhoneiro e a mãe é dona de casa.

Eu como funcionária da Universidade..., já na época, em 79 eu estava terminando o curso de Letras, minha primeira graduação. E pela dificuldade, pela carência de profissionais bibliotecários eu fui convidada

a sair e fazer uma pós, simultânea a uma graduação em Biblioteconomia.

Aí quando eu saí, eu já saí para fazer a graduação como funcionária da universidade.

Na época a coordenação me convidou a ir. Acabei de colar grau, entrei como graduada. Só por conta da mão de obra carente aqui no estado.

Eu não escolhi, eu fui escolhida.

Senso de oportunidade, já tendo inserção como servidora pública, semelhante ao entrevistado 7M, ambos mais velhos. Entretanto, a narrativa se diferencia, ela afirmando ter sido “escolhida”, ele dizendo que foi por necessidade. Há aí, uma diferença de papéis de gênero e de capital simbólico. Ele sentiu a responsabilidade de ter de melhorar. Ela já tinha acesso ao ensino superior, tinha redes na coordenação, estava se formando em Letras e fez outra graduação, além da pós-graduação em Biblioteconomia.

12F está na faixa etária entre 30 a 39 anos. Declara-se branca, é natural de Rio Grande do Sul, casada, tem 3 filhos. Formou-se em 2015, tem menos de 1 ano de experiência na área e atua em uma instituição privada. Coursou o ensino médio e superior em instituições públicas. É especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. O pai é aposentado e cursou até o ensino fundamental e a mãe é servidora pública e cursou até o ensino médio.

Na verdade, era um sonho mesmo. Desde que eu terminei a escola, era pra fazer. Aí descobri que estava grávida, adiei e agora eu voltei pelo amor à profissão mesmo.

Desde que terminei eu trabalhava exercendo como bibliotecária, mas não reconhecida como bibliotecária. Porque eu trabalhava para o

estado e o estado ainda não reconhece a profissão aqui na cidade. Pelo menos não há vaga.

Então eu trabalhava, era denominada como auxiliar de biblioteca, mas exercia todas as funções de um bibliotecário.

Ela relata que durante todo o curso de graduação fez diversos estágios remunerados, elencando os realizados em bibliotecas públicas e escolares. Ela demonstra como aprendeu o amor pela profissão, estando dentro das bibliotecas, como auxiliar. Senso e oportunidade de ascensão levam a obter o título superior e consolida essa identificação com a atividade. O amor à profissão associado ao senso prático, à oportunidade.

13F é natural de Pernambuco, solteira, declara-se parda, não tem filhos, está na faixa etária entre 30 a 39 anos. Cursou o ensino médio e superior em instituições públicas. Tem entre 6 a 10 anos experiência na área, formou-se em 2008 e atua em uma instituição pública. É especialista em Gestão de Pessoas e em Gestão Pública. Quanto à escolaridade dos pais ambos cursaram ensino superior. O pai era advogado e a mãe é professora.

Na época que era vestibular, processo seletivo, eu já havia tentado um para o curso de Ciências Biológicas, porque eu fiz uma escolha que excluía as licenciaturas que tinha no Campus. Na época, eu não podia tentar universidade particular, então eu filtrei as que eu poderia me encaixar na faculdade pública.

E aí como eu não passei em Ciências Biológicas, no ano seguinte, aí eu fiz uma pesquisa do que tinha que não era licenciatura e vi o que o meu perfil adequava mais. Aí eu tinha uma prima que tinha um livro de profissões, já pra vestibular mesmo e descrevia e tudo o campo e tal. E tinha Biblioteconomia e gostei da descrição.

Aí eu comecei a pesquisar em sites, na época já tinha internet, e eu fui vendo que o campo do bibliotecário, o campo profissional, era bem abrangente e tinha muito concurso público. E o meu foco sempre foi concurso, até antes eu já fazia concurso de 'tudo quanto era coisa' de nível médio. Porque como minha mãe era, é professora de escola pública e concursada, eu sempre tive interesse nessa área de concursos.

Apesar de que durante toda graduação eu trabalhei em empresa privada, mas foi assim que se deu a escolha. E depois que eu ingressei no curso, é que de fato eu fui conhecer a área e eu passei a gostar daquilo, porque essa coisa de organização, sempre gostei também. E combina muito comigo. Pra mim "caiu como uma luva", porque eu uni o útil ao agradável. O que eu precisava fazer, uma faculdade pública, e eu tentei da primeira vez e passei. E pronto. Eu daí eu tracei que eu queria aquilo mesmo. Eu não fiquei em cima do muro, porque na minha turma muita gente dizia que não queria, que estava fazendo por fazer, só para ter diploma e para tentar concursos que depois aproveitava. Não para bibliotecário. Eu já foquei mesmo no bibliotecário. Não eu quero, eu quero ser bibliotecário mesmo.

Assim como 12F, a entrevistada 13F apresenta o senso prático, das oportunidades que se associam mais ao apego ao concurso e que depois foi ressignificada no amor à profissão, aprendido coletivamente, no gosto pelo curso e no exercício profissional que dá certo. A pessoa se identifica com a "missão" profissional, à contribuição desse saber, e se motiva por essa *expertise*. Em uma compreensão da especificidade profissional, do serviço especial sobre o qual tem domínio e se identifica com isso.

A "vocação" é uma construção posterior à entrada no curso, e em alguns casos, após a realização profissional. Não antecede à experiência, é aprendida socialmente.

14F está na faixa etária entre 50 a 59 anos. Declara-se branca, é natural de São Paulo, casada, tem 3 filhos. Formou-se em 2003, tem entre 11 a 15 anos de experiência na área e atua em uma instituição pública. Cursou o ensino médio e superior em instituições públicas. É especialista em Gestão pública e em Arteterapia. Os pais atuam como feirantes e cursaram o ensino Mobral.

Eu nunca nem soube o que era. Nem sabia que existia um curso desses. Mas como eu tinha iniciado uma graduação em SP antes de casar, que era de educação física. Aí eu casei e abandonei no último ano e vim para MT.

Aí meus filhos nasceram, não tinha como fazer outra coisa, nem trabalhar. Eu parei de trabalhar porque eles eram muito próximos um do outro. Um ano de diferença cada um, um do outro.

E eu sabia os cursos que tinha na Universidade, mas eu não tinha interesse por nenhum. Quando surgiu a propaganda, o pessoal começou a fazer propaganda do curso de Biblioteconomia que ia ter aqui, eu dei uma investigadinha assim no que se tratava e falei 'Ah, meus filhos já estavam um pouquinho maiores. Eu já poderia sair de casa. Aí, eu disse, vou tentar'. Na verdade, fazia muito tempo que eu não estudava, muito tempo mesmo.

'Vou me inscrever e vou fazer o vestibular', mas assim, sem nenhum preparo e nem tempo para estudar, nem nada. Aí eu passei, e foi por isso: eu achei que fosse um curso diferente de tudo que tinha aqui e que os outros não me interessavam. E então passei, para minha

surpresa. Com 40 anos que eu comecei a fazer e foi isso. Não foi uma opção, porque eu escolhi isso. Foi o que surgiu, diferente do que tinha. Aí eu falei, não, esse aqui eu acho que vou gostar. E aí fui nessa, e deu certo.

15F, tem entre 30 e 39 anos, declara-se como branca, solteira, sem filhos, heterossexual e é natural de Mato Grosso. Quanto aos pais, o pai com ensino fundamental e autônomo e a mãe com segundo grau e dona de casa. Formou-se em 2001, atuou por oito anos na profissão em uma instituição privada. Tal como em outros casos, essa entrevistada relaciona a escolha com as poucas alternativas de cursos existentes na região.

Na época, o curso de biblioteconomia era novidade na universidade e também por eu não ter interesse nos outros cursos oferecidos por serem “licenciatura”.

Ela deixou de atuar na carreira e aponta que o fato ocorreu por diversos fatores. Após se desligar do emprego na área, em 2009, buscou outras atividades para atuação. Não tendo a estabilidade do concurso público, enfrentou dificuldades de recolocação e mencionou outros aspectos: *“Infelizmente por desemprego, saúde, comodismo e outros fatores. Me perdi no processo”...*

Apontou, ainda, entre as dificuldades para atuar na área: *“Valorização do profissional, e a falta de concurso ou emprego para profissionais em todas as escolas e empresas”.*

Percebe-se que, por ser um grupo com muitas semelhanças na ênfase no concurso público, são constantes as falas dos entrevistados se referirem à falta de outras possibilidades na região e também na dificuldade de aprovação em outros exames de ingresso no ensino superior. É uma trajetória construída a partir dessas balizas objetivas, que vão resultando numa subjetividade expressa, como

realização para aqueles que enfatizam o amor pela Biblioteconomia, outros mantendo o discurso mais no campo da razão, da ascensão. Há, portanto, uma identidade com a profissão, pelos discursos do amor e da vocação e uma identificação, enfatizando mais o apego a uma estabilidade, a partir de um concurso, a oportunidade de melhorar de vida.

As falas analisadas demonstraram como a Biblioteconomia foi capaz de viabilizar a mobilidade social para esse grupo de praticantes entrevistados, provenientes de segmentos, desfavorecidos socialmente, seja quanto à classe, raça, gênero, faixa etária, região geográfica, por meio do acesso à educação superior, principalmente pública. No caso da única entrevista com uma bibliotecária que deixou de atuar na área, essa oportunidade não se verifica, apontando para a diversidade de situações no mercado de trabalho e para a fragilidade do processo de profissionalização, em uma sociedade que precariza as relações de trabalho nas profissões.

Percebe-se, em muitos momentos, a diferença geracional, de vida privada e de ausência de critérios profissionais na escolha e como elas revelam imagens diferentes da profissão, que vão gerar disputas na forma de pensar o profissionalismo, a expertise, e as lutas intraprofissionais.

Em vez do modelo tradicional da profissão, como exclusão do leigo, entre o grupo de praticantes entrevistados vê-se a inclusão do desfavorecido, pelo caminho da mobilidade social, mas com custos para o profissionalismo, já que, em primeiro lugar, busca-se uma estabilidade proporcionada por um concurso e, em segundo, a possibilidade de aliar esse quesito ao exercício da atividade na área. Embora as entrevistas cubram um grupo restrito de inserção no campo da Biblioteconomia, refere-se a um padrão socialmente mais aberto e menos

elitizado de profissão, menos produtor de capital cultural, de conhecimento, capaz de criar uma imagem de *expertise* e de *status* social, mas viabilizando ascensão à classe média escolarizada.

A mobilidade pela educação e o acesso que a Biblioteconomia possibilitou, faz com que a profissão tenha que lidar com esse dilema e com as clivagens internas que produz, entre as lideranças e desses entrevistados, que não enaltecem o profissionalismo.

Por outro lado, o grupo de não praticantes é uma realidade que salta aos olhos nas estatísticas da profissão apresentadas nos capítulos precedentes, como o número de vagas ofertadas anualmente nos cursos de graduação e os registros de profissionais ativos, reforçando os sentidos atribuídos de desvalorização da atividade e o jogo das identidades com as novas nomeações, como profissional da informação, cientista da informação, entre outros.

5.3 Reconhecimento e atribuição da identidade

A partir do olhar e vivências dos bibliotecários entrevistados, apresenta-se a constituição da identidade profissional, demarcada por cada história e trajetória. Com o objetivo de estabelecer a representação da identidade, a entrevistadora passou a questões que permitissem aos entrevistados apresentar sua visão sobre quem é o bibliotecário, quais as habilidades e competências que percebem como dos outros, não as percebendo em si, em alguns momentos, a definição de sua identidade profissional, com base na relação entre o ser e o deveria ser, realizando aproximações e distanciamentos que englobam a identidade para si e a identidade para o outro.

Na perspectiva de estabelecer como percebe sua identidade, questionou-se quem, a partir de sua visão, é o bibliotecário.

1F: Bibliotecário é um profissional que consegue fazer a mediação da informação com os usuários para atender suas necessidades informacionais.

[Entre as habilidades que não pode faltar para o profissional estão...]

Questão saber ouvir. Porque vai chegar o usuário que, muitas vezes, nunca teve contato com a biblioteca e até pra ele expressar sua necessidade informacional, eles vão chegar aqui e falar: 'Eu quero aquele livro verde, amarelo'. E aí se você não conseguir fazer uma entrevista com ele para saber qual é o curso e ouvir o que ele tem para falar, você não consegue atender à necessidade informacional. Outro, é o diálogo de você conversar. De você conhecer toda estrutura aqui da universidade, os cursos, pra você conseguir fazer essa intermediação com eles para conseguir saber qual a necessidade informacional.

[E as competências do profissional?].

Uma é a questão de se identificar com o curso, defender as melhorias dentro da biblioteca. Tentar buscar recursos para a biblioteca, para melhorar os serviços da qualidade do atendimento, principalmente. Então ele tem que ser proativo dentro da instituição.

1F, que tem entre seis a dez anos de atuação como bibliotecária, demarca a identidade bibliotecária a partir de suas funções e de sua relação com os que fazem uso de seus serviços, o usuário. Sua ênfase é nos atributos que considera necessários para a relação bibliotecário-usuário garantir a efetividade da execução das tarefas, a qualidade das tarefas e a tipificação da identidade que estabelece como relevante.

Ao se descrever como bibliotecária, no âmbito da identidade de si, faz a mesma relação entre o fazer profissional e as demarcações identitárias.

[Eu, bibliotecário/a sou...]

1F: Eu não entendi, como assim?

[Tipo, quem é você como bibliotecária? Qual o seu foco?].

O meu foco é a questão da excelência no atendimento da biblioteca. E a questão também da informatização. Até hoje eu defendo dentro da biblioteca, por exemplo, dentro da biblioteca, até questão do autoatendimento. Porque nós nem sempre temos atendentes, que aí entra a questão de gestão de pessoas na biblioteca, suficientes para fazer um bom atendimento. Então, o meu foco, como bibliotecária é sempre focar em uma boa qualidade do atendimento. Na excelência do atendimento ao público.

Neste ponto, a entrevistada 1F, menciona a atividade no feminino. Há um predomínio de mulheres na função, mas a grande maioria das falas segue a cartilha da referência ao profissional no masculino (o bibliotecário, ele). Esta dá visibilidade ao recorte de gênero, há aqui uma interseção da profissão com o pensar-se profissionalmente no feminino.

2F, entre 11 a 15 anos de atuação, demarca as características relacionadas a identidade ligada aos aspectos do desenvolvimento profissional em constante movimento.

2F: [o bibliotecário]. É um profissional que está sempre à frente, ligado às informações, para armazenar. Ele é um elo entre a informação e o conhecimento, na organização.

[Entre as habilidades que não pode faltar para o profissional estão]

O essencial é a organização. O bibliotecário tem que saber no mínimo organizar a informação, auxiliar na pesquisa, acho que isso daí é essencial.

[O que faz um bibliotecário ser um profissional competente?].

Acho que é você ser o melhor naquilo que você faz, você ir atrás, estar sempre se atualizando, sempre lendo, sempre se informando, porque é muita norma mudando, você sempre tem que estar pesquisando, estudando. Sempre você acha coisas que você não sabia, estou falando da minha realidade, sempre você está fazendo um livro diferente. Porque a gente não consegue decorar tudo, então sempre a gente tem que estar recorrendo a AACR, CDU, então você sempre tem que estar se atualizando, capacitando.

Para 2F a identificação está relacionada à identificação com as ferramentas de trabalho. O ser “bibliotecária”, ligado ao domínio incorporado aos resultados produzidos pelo conhecimento obtido na formação: o AACR é o Código de Catalogação Anglo-Americano e a CDU é a Classificação Decimal Universal, ambas utilizadas em unidades de informação.

Na sequência, 2F reforça aspectos relacionais de uma identidade para outra, reafirmada na identidade para si, ao ser questionada em como ela se percebe enquanto bibliotecária.

Olha, eu sou, eu tento né, ser dedicada, estudar, realizar um trabalho de qualidade, sempre pesquisando, melhorando. Tentando melhorar o trabalho.

Percebe-se a ideologia de prestar serviço especializado e de qualidade para o cliente. É bem sintonizada com o ideário do profissionalismo hegemônico, não transparecendo nas transcrições suas marcas de gênero e cor. A profissão

sem marcadores social que podem desvalorizar suas conquistas é a identidade mais presente e mais anunciada.

3M, entre 16 a 20 anos de atuação na área, ressalta o papel social da profissão, imputando ao bibliotecário as características históricas descritas para os primeiros bibliotecários como “guardiões da chave do conhecimento”.

3M: É um agente da informação, preocupado com o conhecimento alheio. Então ser bibliotecário é você disseminar aquilo que está guardado, você passar para outro uma forma dele pesquisar, dele crescer intelectualmente e ter uma visão de vida melhor. Então, o bibliotecário tem essa função.

[E as habilidades e competências que o bibliotecário deve possuir?]

Ah, sim! Ele tem habilidade de catalogação, de organização de acervo, de tratamento humano, de saber ser líder. Não apenas mandar como chefe, mas orientar como líder. Essa é uma das funções do bibliotecário.

[E sobre as competências fundamentais... Esse bibliotecário ele é competente por isso?]

Porque ele está sempre preocupado em aprender mais. Ele nunca procura impor o próprio discurso, achando que sabe tudo. Então, tem gente que às vezes deixa de aprender por não ter a humildade de reconhecer que está errado. Aqui no nosso meio tem isso, então, o fato do bibliotecário achar que sabe demais, é uma grande dificuldade para ele aprender.

Nos aspectos identitários, 3M, estabelece uma relação quanto ao comprometimento com suas atividades e os atributos pessoais que espera que o

bibliotecário presente para desempenhar suas tarefas como agente de informação.

Além disso, é o primeiro entrevistado que usou outra nomeação para a profissão. As entrevistas anteriores se referiram ao bibliotecário como um “profissional”. A área traz as disputas por nomeações e denomina o profissional como cientista da informação, bibliotecário, biblioteconomista, profissional da informação, analista da informação, entre outros. Entretanto, o grupo entrevistado usa a nomeação do bacharel em Biblioteconomia. Historicamente, o conceito de bibliotecário acompanha definições que estão ligadas a atividades mais tradicionais da profissão, enquanto as outras nomeações ligam-se as novas funções que foram sendo incorporadas ao longo do tempo. Neste sentido, a maioria do grupo entrevistado incorporou as atividades mais tradicionais da profissão.

[Eu, bibliotecário sou....]

3M: Eu acho que eu sou um pouco exigente com as pessoas que trabalham comigo, entendeu? E pra ser exigente você tem que primeiro fazer, mostrar, aprender, para você poder cobrar. Então, eu acho que eu sou muito assim. Eu me dedico, eu cumpro as obrigações que devem ser cumpridas. O que me delega, eu procuro fazer da melhor forma, entendeu? É aquilo que eu te disse antes, se não é melhor é porque não há uma estrutura. Se tivesse uma melhor estrutura, o serviço seria ainda melhor.

Para 4F, que tem entre 6 a 10 anos de experiência profissional na biblioteconomia, a ênfase é em uma identidade reflexiva do pessoal com o social.

4F: Ai, Nossa! (com ênfase, e na sequência, risos). Pra mim, ser bibliotecário, hoje, é você sempre pensar em prestar serviços de boa

qualidade para o usuário. Você agir de forma correta, sabe? Dar um bom atendimento pra essa pessoa. Eu acredito que seja isso: fazer bem o que você está fazendo naquele momento em todos os sentidos, né? Tanto na catalogação, no atendimento...

[Sobre as habilidades]

Ah, ele deve ser uma pessoa bem dinâmica, proativa, bem informada, ser bem aberto às questões da área, ser muito colaborativo, saber trabalhar em equipe. É isso.

[Sobre as competências]

O que faz do bibliotecário um profissional competente? Acho que é executar bem o trabalho dele, ser bem informado, fazer bem o que ele está fazendo naquele momento em todos os sentidos, no atendimento, na catalogação, na gestão de uma biblioteca. Fazer bem, procurar, assim, os melhores serviços. Eu acredito que seja isso: trabalhar bem.

Complementando sua perspectiva, 4F, aponta aspectos de sua auto identidade.

4F: (Risos). São perguntas bem difíceis de responder assim, né (?), rapidamente. Eu me cobro muito, assim, sabe? Acho que eu sou uma pessoa que gosta de trabalhar em equipe, que valoriza muito isso. E me cobro um pouco com relação ao que estou fazendo, se está correto ou não. Mas busco aprender. E tenho que dar o melhor de mim para o trabalho que eu estou fazendo, para o objetivo final que é o usuário. Acho que é isso. Falar da gente é difícil, né? (Risos).

Para Giddens (2002), essa reflexividade na constituição do eu, estabelece uma conexão entre a mudança pessoal e social. Como não há um rito de transição, o sujeito entra em um processo coerente entre história de vida e a construção e constituição de si mesmo, no que seria a “autoidentidade”.

5F, mais de 20 anos de experiência, enfatiza as atribuições pessoais que o bibliotecário precisa possuir para lidar com o público atendido. Além disso, enfatiza o quanto a atividade realizada é gratificante por contribuir com a sociedade e que com diversos aspectos da vida das pessoas, como os estudos, o lazer, por exemplo.

5F: Ser bibliotecária é ter uma função gratificante de ajudar os estudantes na busca do conhecimento. É você poder fornecer de forma clara, é as informações que eles precisam, colaborar positivamente na formação e acrescentar, né? Informação não é só para o estudo, é para o lazer, é para o trabalho, para a vida. Informação é tudo, é cultura, é conhecimento. Nada mais dignificante do que você... a gente aqui aprende muito, cada livro que você pega aqui é uma fonte de conhecimento incrível. Além de você passar para as pessoas, você acaba aprendendo pra você, pra você melhorar seu próprio conhecimento.

[Sobre as habilidades]

Olha o bibliotecário técnico deve ser detalhista, ter o foco, assim, no seu trabalho, não ficar se distraindo. Que é a informação precisa é o que vai interessar o seu trabalho. E o pessoal que lida com o público, principalmente, é um trabalho que, apesar de eu não fazer, é um trabalho importantíssimo. Porque se você não souber lidar com o público, você não pode ser um bibliotecário. Além de você orientá-lo, você tem que ter paciência com as pessoas, você tem que ter atenção, tem que gostar de trabalhar com pessoas, tem que ter o tratamento adequado a todos. Não importa se você está em um momento bom ou não, você tem sempre que fazer a pessoa se sentir importante e muito bem atendida.

[Sobre as competências]

O bibliotecário competente é aquele faz as suas funções de forma correta, com atenção, com prazer. Querer fazer aquilo de vontade própria, gostar do que faz, principalmente.

Quando questionada sobre quem seria profissionalmente, como se percebe enquanto bibliotecária, aponta sua relação com uma das áreas específicas da biblioteconomia, o processamento técnico. Em suas falas há variação na nomeação, em que faz distinções entre o técnico e o não técnico. Ela é técnica e outros “lidam com o público”. Distinguiu-se desses.

A entrevistada se constrói profissionalmente no feminino, gênero aparece aqui, embora na hora de falar sobre ser técnico o masculino volta para o primeiro plano: bibliotecário técnico. Há uma clara oscilação nessa identificação, que se registra momentos com prioridade no foco profissional e horas na intersecção com o gênero.

5F: Eu me percebo uma pessoa mais voltada para o lado técnico como eu te falei. Eu gosto dos detalhes, da coisa bem elaborada, gosto das pesquisas, das mudanças. Então, pra mim, é processamento técnico mesmo. Eu sou bibliotecária de processamento técnico.

Ela cria categorias de bibliotecários e se põe em uma, aparentemente mais *expert*, realizando nuances identitárias.

6M, tem entre 11 a 15 anos de atuação na área, destaca diversos pontos sobre a questão da atuação e o perfil que ele considera como o do bibliotecário. Pois entende que o perfil profissional está muito ligado ao espaço em que o bibliotecário atua e por aproximação às atividades desempenhadas.

6M: Depende muito, a questão da nossa área em relação, assim, ao profissional bibliotecário é muito ampla, principalmente no campo de

atuação. No universo hoje, da biblioteca universitária, afunilando aonde eu me encontro hoje. Eu diria que ser um bibliotecário e, ainda assim, você tem várias perspectivas do trabalho seu técnico, trabalhar ali no processamento. Além do processamento, ele já abre, ainda hoje, para a familiarização com os serviços digitais, só o serviço ali bibliográfico. Você está, e acaba sendo atuações diferentes com um novo. Têm pessoas que só querem trabalhar com livros, aí já fala de periódicos e a pessoa já não quer, se assusta, e hoje, com esse negócio do RI [Repositório Institucional] é outro trabalho que têm muitos que não têm familiarização com o programa. Então, a imagem que eu tenho é que vai depender da característica de cada um absorver. A gente sabe que tem profissionais que, mesmo tendo estudado o código de catalogação, de classificação não consegue desempenhar um trabalho nessa área, é o básico, mas sabe que a pessoa tem deficiência, dificuldade com essa área. Tem outros que são melhores no atendimento, já tem outros que estão no atendimento e não tem nenhuma simpatia para estar no atendimento, mas está ali naquele setor. Tem outros que a gente percebe que é um profissional que recebeu o título e [hesita] não atua efetivamente em nenhuma área. Assim, infelizmente aqui, é em relação ao funcionalismo público. Que a pessoa pega e incorporou aquele funcionário público ruim, que só quer, que está garantido o salário, ele sente que não vai ter nenhuma punição e tá nem aí pra fazer nada. Não desenvolve nada, não propõe nada novo, só critica o que está sendo feito e você tenta arrumar um novo trabalho pra ele. Mas você tem sempre a esperança de que, enquanto bibliotecário, a pessoa não vai propor novas ideias, novos trabalhos, uma melhoria disso ou daquilo. Mas infelizmente, quando vem com essas propostas que podem dar

certo e a pessoa tem conhecimento, a gente sente uma poda da chefia ao invés de ter um incentivo da chefia 'Vamos ver se dá certo, vamos tentar'. Não, fica podando. Tanto é que assim, aqui tem uma questão, de como são muitos bibliotecários, aqui vem aquela questão, você vai pôr e aí diz 'Você é novo aqui. Não é assim que a banda toca'. Então, aquele negócio da pessoa já, os bibliotecários mais velhos têm aquele ego um tanto aguçado que querem podar. 'Ah, não tem que fazer isso', então se você chegar aqui, por exemplo, eu parto do princípio, que eu sempre estou dando uma estudada em alguma coisa, eu parto do princípio de que quem se formou agora, não que ele tenha mais conhecimento do que eu. Eu tenho um conhecimento a agregar, as pessoas que são mais velhas têm outro conhecimento, porém eu considero que as pessoas recém-formadas têm um conhecimento atualizado. E esse novo conhecimento pode ser utilizado aqui. Deve ser aplicado. Se eu estou buscando uma coisa nova, eu vou pegar as ideias dessa pessoa para poder aplicar. Por exemplo, olha aí o RDA a maioria nem sabe o que é, outros que só viram um termo, mas nunca procurou saber de que forma ele se aplica. Já os bibliotecários novos, tipo os que vieram de [...] e tal assim, chegaram a estudar o RDA. E porque não aproveitar esse conhecimento deles? Mas, infelizmente, o que vem é: 'Não, aqui é assim e vai permanecer assim'.

[Sobre as habilidades e competências que o bibliotecário deve possuir...]

No geral é assim, tem a questão de ser dinâmico, a pessoa tem que ter essa dinâmica de trabalhar. Tem que ser humilde, é porque eu vejo assim, porque tem bibliotecário que tem o ego 'Eu sou bibliotecário', não posso colocar um livro na estante, não posso guardar um livro, não

posso limpar um livro. A pessoa tem que ter um entendimento se precisa, tem que ajudar a fazer, então ele tem que ter essa flexibilidade. E flexibilidade é uma coisa que a pessoa tem que ser flexível para atuar em todas as áreas. Acho que no geral, é isso.

[Sobre as competências]

Definir essa questão da competência é um pouco complicado, né? Porque, como eu disse, assim, são várias, são vários pontos que a gente entra a questão das habilidades de cada um, mas, principalmente, assim em geral, eu penso que o competente, o bibliotecário que é competente, tem que dominar pelo menos o básico da biblioteconomia. O básico que seria catalogação, classificação, a parte do planejamento. Essas partes são básicas pra gente. Nós estudamos isso no curso, somos orientados para trabalhar com isso, então, ele teria que dominar isso, para ser um bom bibliotecário. Mas, além disso, a questão da dinâmica, do buscar novos conhecimentos. Eu acho que é muito importante pra que ele consiga alavancar na carreira.

Para 6M o seu espaço de trabalho molda sua identidade, fazendo com que, muitas vezes, os bibliotecários que atuam naquele espaço adotem uma postura de execução das atividades sem qualidade, ligada aqueles funcionários públicos que executam suas atividades sem compromisso com o funcionalismo público.

O entrevistado faz várias distinções e hierarquias, contrastando com as falas de outros entrevistados, transmitindo mais *expertise*, e diz que outros têm menos. Cria uma “tipologia” da área, lá tem, segundo ele: a) tecnicista; b) atendimento; c) pessoal que não sabe o básico; d) funcionário público que não atua efetivamente em nenhuma área; e) chefia. Neste sentido, acompanhando a

organização funcional em que habitualmente as bibliotecas são divididas: setor de atendimento ao usuário (público), processamento técnico, direção, obras de referências e com as quais, ao longo da carreira, cada profissional vai se identificando com relação aos conhecimentos e habilidades desenvolvidas na graduação.

[Eu, bibliotecário/a sou]

6M: É difícil, assim, relatar o pessoal, mas eu acredito assim, que, como eu te falei, dentro das minhas perspectivas, do meu conhecimento, eu não posso dizer que eu sou um bom bibliotecário, mas dentro do meu conhecimento, do que eu faço, eu digo que eu sou um bom profissional. Eu tenho, eu busco minhas atuações, eu sou muito tecnicista em alguns pontos. Então, eu quero me prender pela norma, às vezes, até eu tenho discussões com pessoas aqui, porque estão fazendo errado. Eu vou lá pego a AACR, 'Tô explicando, está aqui ó. Isso bate com isso'. Então, às vezes, eu acabo sendo muito criterioso. Às vezes, até desnecessário em alguns pontos, mas dentro de um universo. Se a gente tem uma regra para seguir, se estudamos isso, a gente tem que se pautar por ela, né? Aí, profissionalmente até, sou muito caxias na questão de trabalho, cumprimento de horário, das atividades. Acabo sendo caxias, às vezes demais, assim, exagerado. Então, se eu faço correto, eu acho que as pessoas têm que fazer também. E aí, acaba que tem algum conflito nesse ponto. Mas acho que é isso. E no geral, na área, eu digo que eu tenho um bom conhecimento, da área, em relação à técnica.

Ao se descrever profissionalmente, 6M demarca o apego às regras, os conceitos da área e reconhece que, em determinados momentos, entende que suas exigências podem ser desnecessárias, representando um conflito. Em

diversos momentos, apresenta falas de empoderamento, as quais não são percebidas nas falas das profissionais, reforçando papéis de gênero e essas diferenças na profissão.

7M, que tem entre 11 a 15 anos de atuação, compreende que a identidade do profissional é moldada por três pilares: usuário, informação e mediação.

O bibliotecário é uma pessoa que, além da responsabilidade que ele tem, por ter a gestão da informação, organizar todo esse universo informacional dentro de um ambiente de biblioteca, na qual eu venho trabalhando até hoje, ele tem a sua responsabilidade de disseminar a informação e de ser um mediador entre o usuário e essa informação. Eu acho que esse é o papel fundamental do bibliotecário. São esses três pilares, eu acho que o bibliotecário tem a responsabilidade de atender.

[Quais as habilidades e competências que o bibliotecário deve possuir?]
Acho que é a mediação da informação. Eu acho que essa é prioritária, é claro que, para você fazer uma mediação, você tem que ter algo lá atrás já feito, e aí engloba aquelas outras coisas que eu já respondi anteriormente. Mas, a mediação da informação, eu acho que ela é crucial. A relação entre o bibliotecário e o usuário, ela é fundamental dentro do universo da informação. Na academia, se a gente for fazer um estudo de usuário, você vai perceber isso com clareza, o usuário, ele é muito imediatista. Ele é muito urgente. E se você não tiver uma certa habilidade para você mexer, trabalhar com esse imediatismo, com essa urgência dele, você não consegue mediar a informação com ele, porque, de pronto, ele vai descartar as possibilidades da gente conseguir a informação ali aonde você está e, de repente, você tem a informação para fornecer, mas pelas dificuldades que ele tem. Às

vezes, até pelo senso comum que ele tem da biblioteca, dificulta essa relação entre bibliotecário e usuário. Um estudo de usuário, a gente vê isso com clareza.

[E para você, o que seria um bibliotecário é competente?]

O profissional bibliotecário tem algumas especialidades, eu acho que o bibliotecário, em cada uma das suas especialidades, acho que ele é competente. Até porque, a competência está lidada com a própria capacidade de agregar àquela atividade. E tem o bibliotecário que ele passa por vários setores da biblioteca, e ele acaba criando uma competência em várias especialidades da biblioteca ou dentro do universo da informação. Nós temos dentro da biblioteconomia, profissionais que diferenciam um do outro, em função da especialidade e cada bibliotecário, dentro da sua especialidade, ele tem as suas competências, que acaba refletindo ele como um profissional especialista naquela área.

Realiza três classificações identitárias do bibliotecário, relacionando aos três pilares que compreende como existentes na profissão: usuário, informação e mediação. Na sua percepção, a mediação da informação e os bibliotecários que atuam nesta área, distinguem-se dos outros e apresentam uma atividade prioritária. Hierarquiza essas atribuições, diferenciando quem faz o quê.

Eu, [nome], bibliotecário sou servidor público, que eu estou inserido dentro de uma instituição pública, que está sujeito à uma legislação de servidor público. Exerço uma função de bibliotecário em uma biblioteca [...], essa é a colocação mesmo do profissional [nome]. E a gente tem um campo específico de atuação que é atender a comunidade bibliotecária em torno de seus segmentos, 'emboramente', a nossa biblioteca [...] faz atendimento a qualquer demanda. Qualquer demanda

no seguinte sentido, se nós temos uma pessoa que não está dentro da academia, a gente faz o atendimento dele também e nós temos essa atividade porque existem as bibliotecas e as bibliotecas exigem essa demanda desse funcionário, então, atendemos essa necessidade da instituição pública.

Quanto aos aspectos, de como se percebe enquanto bibliotecário, aponta a relação entre a função e atuar como servidor público. Seria uma identidade em que há uma identificação com a instituição na qual trabalha (DUBAR, 2005), não se concentrando em outras possíveis exigências da profissão, mas naquelas inerentes a um cargo público.

8F, entre 6 a 10 anos de atuação, apresenta a relação entre as atitudes pessoais e os valores que o grupo profissional tem que apresentar.

[Quem o/a bibliotecário/a é]

8F: Olha, pergunta um pouco complexa (risos). Ser bibliotecário pra mim é, você se preocupar com os valores da profissão. Eu acho que eu vou falar do bibliotecário de biblioteca, que é o espaço que eu trabalho. Então assim, eu acho que você tem que se preocupar com tudo, desde o atendimento, desde o mobiliário, se ele é adequado para atender os usuários. Daí vai indo pelo acervo, acho que tem que ter uma preocupação com tudo mesmo, pra que aquilo funcione. Ter um comprometimento muito grande, compromisso com tudo o que ele faz. Responsabilidade, ética com os colegas de trabalho, coleguismo com sua equipe, porque um depende do outro. É um dependendo do outro, eu dependo da menina que carimba o livro para eu catalogar, dependo do menino que vai pegar o livro e colocar no acervo. Então, assim, é um ajudando o outro, é um dependendo do outro, para que aquilo funcione.

Eu acho que o bibliotecário tem que ter essa preocupação no espaço que ele trabalha. Eu acho que uma parte bastante importante, que às vezes eu vejo esquecida mesmo, é com o usuário. É aquele cuidado em atender, em saber se ele está sendo bem atendido, se ele conseguiu encontrar o que ele estava procurando. Eu não tô falando daqui, que é uma parte que eu não acompanho muito, porque eu fico ali dentro. Mas é, eu acho, que é a preocupação mais importante da biblioteca para o bibliotecário. Porque a gente trabalha para eles, a gente trabalha para facilitar o acesso à informação. Então, a gente tem que procurar de toda forma que ele fique bem no ambiente em que ele está, acho que é por aí.

[Quais as habilidades e competências que um bibliotecário deve possuir?]

Olha, as habilidades, eu acho que ele tem que ter uma habilidade que é para lidar com as pessoas. Eu acho uma habilidade primordial. Lidar com as pessoas que frequentam a biblioteca e competência, eu acho assim que são, várias. Elas andam juntas. Mas em tudo o que ele faz, tem que procurar. Se você não é bom em uma, pelo menos em uma delas você tem que ser. Então, é procurar fazer bem o que você está desenvolvendo naquele momento. Hoje eu sou [...], amanhã eu posso ir para referência ou para outro lugar. Tem que procurar fazer bem, dá melhor forma o que está competindo a ele naquele momento.

Em sua concepção percebe-se uma identidade profissional hegemônica com “neutralidade” quanto ao gênero, apagando a condição de mulher negra. Fala no masculino, invisibiliza sua condição de mulher preta. Por outro lado, é afirmativa, fala mais de sua conquista profissional que as outras mulheres, inclusive brancas.

Faz classificação dentro da profissão: bibliotecário de biblioteca. Diferenciando de outros tipos de exercício, estabelecendo uma hierarquia. Carrega no que tem mais distinção, mais prestígio, a profissão predomina sobre marcas da diferença na narrativa.

Liga sua identidade ao seu espaço do trabalho, englobando, não somente as atividades, mas a forma como lida com o seu público interno (demais colegas de trabalho) e o externo que mantem uma relação direta com cada um dos papéis que desempenha.

Sobre quem ela é como bibliotecário, inviabilizando o gênero, aponta para a relação que a profissão tem com sua postura, diante de qualquer atividade que esteja marcada como de sua responsabilidade. Fica visível em sua fala, que mesmo considerando essa postura fundamental, sofre a influência do meio que a descreve como uma profissional “muito fechada” e isso afeta seu desenvolvimento pessoal. Algumas vezes, ser fechada também pode ser uma forma de invisibilizar gênero e raça, dando mais destaque ao profissionalismo.

8F: Olha, eu levo muito a sério a minha profissão. Eu sou muito responsável naquilo que eu faço. A partir do momento que está levando o meu nome, eu levo muito a sério. Sou muito comprometida com o meu trabalho, eu gosto muito do que eu faço. Eu sempre procuro fazer da melhor forma possível. Então é, eu acho que às vezes, as pessoas me veem de uma forma que eu sou muito fechada. Na época em que eu lidava com o atendimento, na [...] eu atendia, eu ficava na ilha de atendimento, eu catalogava, eu fazia mil coisas ao mesmo tempo. Então, as pessoas achavam que eu era muito fechada, que eu quase não sorria, que eu não sei o quê, mas assim, eu acho que era a minha preocupação tanta, de fazer as coisas certas, de estar ali concentrada,

então, às vezes passava essa imagem, às vezes até negativa. Coisa assim, que eu sempre estou procurando melhorar. Mas eu sou assim, eu acho que quando você faz as coisas com amor, com responsabilidade eu acho que tem uma grande probabilidade de dar certo. Então, assim, ainda tem muitas coisas que eu quero melhorar, que eu acho que tem que ser melhorada, mas é algo assim, que eu me preocupo bastante. Eu tenho essa preocupação e eu acho que quando a gente preocupa, é positivo, né? Para que haja uma melhoria. Mas assim, eu acho que eu não sou uma das piores (risos), a gente sabe que tem né? Mas acho que eu não estou nesse quadro aí não (risos). Eu acho que eu não faço parte desse quadro (risos).

9F, entre 6 a 10 anos de atuação profissional, aponta o quanto atuar como bibliotecária (a entrevistada fala no feminino) representa a realização de uma meta pessoal, relacionando aspectos da atuação com a formação na graduação. Além disso, demarca a necessidade de a profissional ter, entre suas características, a organização, uma vez que pelas experiências vivenciadas teve dificuldade ao lidar com profissionais que não tinham essa característica.

9F: Nossa (risos), eu pensava muito nisso quando eu estava começando. Quando eu queria começar. Bom, ser bibliotecária, pra mim, é uma realização. Primeiro, porque eu gosto muito do que eu faço, eu procuro fazer da melhor forma possível, aplicar todos os conceitos que eu aprendi na faculdade. Eu procuro sempre aplicar da melhor forma possível. Às vezes não dá pra ser igualzinho o que a gente estudou, mas aí eu procuro fazer uma ponte pra deixar o mais próximo possível. Então assim, pra mim é uma realização ser bibliotecária. Eu gosto muito de todas as atividades. Tem umas que a gente prefere mais, tem outras menos, mas no geral eu gosto de tudo.

[Para você, quais são as habilidades e competências que um bibliotecário deve possuir?]

Organização, vontade, curiosidade para pesquisar, para buscar informações, porque ele também não é detentor de tudo. Não é porque a gente trabalha em um centro de informação, que a gente conhece de tudo e sabe tudo, mas a gente tem que ter a vontade, a capacidade de querer buscar ainda mais. Hoje no mundo em que a gente vive, aonde tem muitas informações (risos), então, a gente precisa ter essa curiosidade e essa vontade de buscar. Não ficar acomodado e dizer assim 'Ah, na minha época era assim e eu vou ficar só assim'. Eu acho que uma das habilidades que o profissional tem que ter é vontade, capacidade de ser um pesquisador, organização ajuda bastante. Eu já tive a oportunidade de ter alguns colegas totalmente desorganizados (risos) e isso é complicado no trabalho. A gente sabe que é um trabalho até um pouco metódico, que exige, então, as duas qualidades principais que eu acho é essa: a função de pesquisador, de curiosidade, de buscar informações e também organização.

[Sobre as competências]

Eu acho que o bibliotecário competente, primeiro, é aquele que busca informações para passar para os usuários ou para os demais colegas. Aquele que sabe ouvir, tanto os colegas como os usuários e que busca informações para passar. Às vezes ele não sabe tudo, mas ele fala 'Olha eu vou buscar, eu vou te trazer', então eu acho que essa é uma coisa que faz até o bibliotecário crescer na profissão. Ser solícito, atencioso. Eu acho que isso é o principal.

Em alguns momentos da fala flexionou no masculino e remeteu ao estereótipo da desorganização. Classificou a atividade em duas qualidades:

pesquisar e organizar, mas não deixa claro se pensa isso essencializado no feminino. Ela hibridiza mais a identidade profissional “neutra” com as marcas essencializadas de mulheres para fazer isso melhor.

Ao ser questionada sobre quem ela é como bibliotecária, evidencia o fato de que em todos os seus projetos tem como característica o comprometimento com a causa.

[Eu, bibliotecário/a sou]

9F: Eu sou esforçada, comprometida, entusiasmada para realizar as coisas. Apesar de que, às vezes, nem sempre a gente consegue, mas eu, quando penso em alguma coisa que vai melhorar, que vai ajudar, eu fico entusiasmada. Eu trabalho nesse projeto, apresento as pessoas, procuro parcerias. Então, eu sou entusiasmada nesta parte. Sou comprometida, sou atenciosa, principalmente com os usuários, com os funcionários também, porque eu acho que é importante a gente respeitar as pessoas para o trabalho fluir. No geral, acho que é isso.

10M, tem entre 6 a 10 anos de profissão, ao ser questionado sobre quem é o bibliotecário apontou aspectos cotidianos do fazer do bibliotecário como o cerne da profissão e aspectos relativos à apropriação do conhecimento, como relevantes no desenvolvimento das atividades. Ao ser solicitado que se descrevesse profissionalmente optou por não responder à questão.

[Quem o/a bibliotecário/a é]

10M: Trabalhar com a informação, organizar e registrar o conhecimento e tornar disponível para o usuário final. O cerne da Biblioteconomia é isso, né?

[Na sua concepção quais as habilidades e competências que o bibliotecário deve possuir?]

Relacionamento interpessoal, capacidade para lidar com o público e concentração, né (?), para fazer o serviço interno, precisa bastante concentração. E tem que ter boa leitura também.

[E sobre as competências?]

Porque tem que ter essas habilidades profissionais, essas que eu falei. Sabe aplicar elas e o conhecimento que ele tem da área, sabe aplicar ele em seu contexto.

[Eu, bibliotecário/a sou]

Pode pular essa.

O entrevistado é o mais jovem e optou por silenciar em alguns momentos da entrevista, demonstrando certo desconforto com algumas das perguntas. Ele também não respondeu à questão sobre sexualidade e no bloco anterior mostrou menos identificação com a atividade, não passou em outros cursos que quis fazer, não sabia o que era esse curso.

11F, tem mais de 20 anos na profissão, ocupa cargo de direção, foi a entrevistada com maior tempo de atuação na área. Sua fala marca bem as questões de como a profissão mudou ao longo do tempo e de como a atividade precisou acompanhar a implantação dos recursos tecnológicos no espaço de trabalho.

[Ser bibliotecária] eu acho que é tentar responder a todas as indagações, qualquer que seja a forma. Se o aluno, o usuário precisa de uma pesquisa, eu [nome], trouxe livro da minha casa para o usuário aqui dentro. Então, eu acho que se você faz uma coisa com muito prazer, eu me envolvo com o usuário, eu me envolvo com pesquisa. Hoje eu estou mais afastada, mas uma época, mais jovem, eu me envolvia com eles pra ajudar fazer pesquisa, para trazer material, então,

eu acho que isso é ser profissional mesmo. Não é essa coisa assim: vem pra cá, de forma tal. 'Eu tenho que trabalhar das 7:30 até a 1:30, mas eu quero ir embora. Tá na hora de ir. Não'. Eu acho que esse envolvimento, de repente, é até o fato de gostar do que faz. Porque quando você não gosta, aí... É, mas no meu caso, eu que sempre gostei muito, então, é como eu falei, nem me atrapalha em casa. Já tivemos época aqui, até por carência de servidores, de levar serviço pra casa. Porque, hoje é tudo na Internet, no computador, mas nós tínhamos fichinha pra botar em ordem, fichinha pra arquivar, carteirinha pra recortar, então, até isso eu levava pra casa. Que era outra realidade. Então eu falo 'Gente, não tem nada a ver hoje com o que eu já passei, né?' (risos).

[E sobre as habilidades e competências do bibliotecário?].

Ah, eu acho que carisma. Não claro, a concentração [...]. O perfil, eu acho, pra cada serviço tem que ter um determinado perfil. Tem pessoas que sentam e trabalham ali seis horas, legal concentrada. É uma habilidade da pessoa, né? Outra pessoa tem que... De repente, o usuário chega muito bravo lá, aí você respira fundo, conta até dez e vamos lá convencer o usuário de que é assim 'tananan' e ele consegue. Então, dependendo do serviço, depende a habilidade também.

[Sobre as competências]

E eu diria a mesma coisa, depende de cada serviço. Porque, eu não acredito que seja só na profissão de bibliotecário, mas em todas as profissões, tem várias facetas, não é? Então, é habilidade, carisma, né? Porque, nós temos profissionais aqui dentro que não se adequam, nem aqui, nem aqui. 'Você fala o quê?' Aí é complicado, né? Quer dizer, o profissional, ele teve o curso, ele conhece a parte teórica, mas ele não

se interessa por uma prática, ele não tem jeito de falar com o usuário. Aí, eu não sei como que funciona, mas eu acho que dependendo do serviço, é tal habilidade ou pra isso ou pra aquilo.

Ainda, como se percebe como bibliotecária, 11F, aponta que traz para a vida profissional todas as suas características pessoais, no sentido de como lida com a relação familiar.

Renova os apontamentos sobre os conflitos de geração, em que em muitos momentos ao longo da carreira presenciou profissionais que eram muito focados em apenas um ponto de suas atividades, esquecendo aspectos que ela julga relevante para a profissão. Faz uma classificação, na qual valoriza a articulação teoria e prática.

[Eu, bibliotecário/a sou]

Olha, [nome], bibliotecária? [Nome] já é uma pessoa preocupada com tudo (risos). Então seja, [nome] mãe, [nome] esposa, [nome] dona de casa e [nome] bibliotecária, eu só vejo como objetivo uma coisa: o usuário. Então, eu estou sempre falando para os colegas 'Gente, o objetivo nosso é só o usuário'. Porque, se o usuário sair satisfeito e fala bem da universidade, fala bem da biblioteca. Se não existir usuário, não tem bibliotecário, logo, não tem salário, não tem emprego, entendeu? Então eu falaria assim: [nome] bibliotecária sempre preocupada com o usuário, sabe? É aquela história, eu já convivi com bibliotecários da minha época, cada um pensando de uma forma. Nós já tivemos bibliotecário aqui na [...] onde, assim, só via processamento técnico 'tem que fazer, tem que fazer, tem que fazer'. Foi uma fase que esse setor aqui tinha um monte de gente e lá fora não tinha ninguém. Não procede. Não adianta comprar um monte de livros, preparar um monte de livros,

se lá não tiver aluno, lá fora não tiver pra atender o usuário. Nós já tivemos profissionais bibliotecários que só via o usuário, larga, abandona a parte de dentro, é só aquilo. Então, eu acho que tem que ter. Eu, [nome], preocupo com o usuário. Não tem problema se você pegar um livro de agrária e colocar na culinária, desde que você recupere, não interessa o lugar. Entendeu? (Risos). Não precisa ter essa preocupação 'Ai, mas aqui tem um ponto, dois pontos'. Eu não vejo essa necessidade. Eu, [nome], vejo mais o usuário. Então, a preocupação é mais com esse lado.

Entrevistada reforça muito a concepção de profissão, permeada pela visão do cliente, do usuário, como se a avaliação do leigo pesasse mais que do especialista. Esse é uma influência da lógica de mercado sobre a lógica profissional, é mais do profissionalismo organizacional que do profissionalismo ocupacional.

12F tem menos de um ano de atuação e trabalha em uma instituição privada, sendo a profissional entrevistada com menor tempo de atividade como bibliotecária. Faz uma reflexão crítica sobre a relação entre a não atuação da escola e professores com o desenvolvimento do hábito da leitura.

Complicado (risos). Eu acho que ser bibliotecário é exercer o papel principal. É você formar leitores. Eu acho que, hoje em dia, com tanta tecnologia, tanta coisa que essas crianças têm à disposição, que é deixado de lado. A gente vê que, às vezes, até na própria escola os professores não cobram tanto a leitura dos alunos. Daí a gente vê crianças que leem, mas que não são capazes de fazer uma interpretação, não são capazes de fazer uma crítica em cima daquilo. E a gente tenta mostrar isso, em forma de contação de histórias, do

acesso ao livro mesmo. Eles escolhem por conta própria, a gente não define o que cada um vai pegar. Então, eu acho, que esse é o principal papel do bibliotecário, você tentar resgatar um pouco essa leitura, essa formação mesmo de leitores, capazes de ler e saber criticar. De saber o que está sendo lido, ali. Acho que é isso o principal.

[E sobre as habilidades e competências?].

Eu acho que a comunicação em primeiro lugar, a gente precisa saber se comunicar. Justamente pela diversidade de faixas etárias que a gente atende e a questão da organização. Porque eu acho assim, (risos) a gente trata a informação para poder passar adiante. Igual aqui, eu entrei, peguei erros. Pra você refazer uma coisa é muito mais difícil do que você fazer, leva um tempo muito maior. Então, eu acho, que essa organização, junto com a comunicação, você já tem meio caminho andado para profissão. Porque é muita técnica. A profissão, querendo ou não, apesar de você lidar com o ser humano, de você lidar com pessoas, é muita técnica. Então, aprendeu, você vai manter aquilo ali e vai moldando, conforme é o seu dia a dia, seu local. Cada biblioteca é diferente. Cada público é... escola estadual, eu tinha público mais ativo, pedia mais, cobrava mais. Aqui tem crianças que a gente fala 'Nossa, essa criança não existe' (risos). A educação, a forma, tudo... então, eu acho que comunicação e organização você já...

[Sobre as competências]

[Longa pausa para reflexão]. *Hum, é complicado (risos). Acho que é [pausa para reflexão], junção desses dois, não tem como falar de uma coisa só, assim. Tem características pessoais que interferem muito. Tem pessoas que são muito melhores fazendo uma contação, conseguem atrair um público maior com isso e tem pessoas que gostam*

mais dessa parte técnica, mesmo. De organizar, de tratar a informação. Então, vai muito da característica do bibliotecário mesmo.

Fala no masculino, mas o que destaca como principal, não é um papel de gênero masculinizado. Ao contrário, parece se debater contra um modelo mais tecnicista.

Ainda, para 12F, aponta aspectos da gratificação pela escolha da área com a relação para a contribuição social do bibliotecário.

[Eu, bibliotecário/a sou]

[Pausa para reflexão]. (Risos). *É, acho tão complicado. Eu, [nome], sou uma bibliotecária apaixonada pelo que faço. É, estou realizando um sonho, trabalhar na minha área. Sei que eu me esforço ao máximo para dar o meu melhor e [pausa] espero que a gente consiga um reconhecimento maior da profissão. E que eu possa me manter nessa profissão, até ficar velhinha, até não conseguir mais (risos). E fico feliz assim, como eu estou falando, a gente lida com pessoas, então você consegue, assim, ter já o feedback do que você está fazendo e graças a Deus, até hoje, por onde eu passei, todo esse feedback é positivo. Então assim, a gente vê isso, a gente consegue ver que as pessoas estão... que a gente está fazendo uma diferença na vida delas, só te dá mais força, mais ânimo pra continuar com aquilo. Sou apaixonada pelo que eu faço, não me vejo fazendo outra coisa não (risos).*

A fala oscila entre feminino e masculino, mas enfatiza características profissionais que lidam com a infância, com papéis essencializados como femininos e é mais crítica da profissão, como menos humanizada e menos profissionalizada. Parece reforçar a ideia de que, para ter mais reconhecimento profissional, precisa lidar menos com técnica e mais com o humano.

13F, entre 6 a 10 anos de atuação, ocupa cargo de direção, demarcar as questões da visão que a sociedade tem a respeito da profissão que entende que a bibliotecária, por lidar com a informação, tem que ter conhecimento sobre diversos aspectos que não tem nem relação com a atividade que exerce.

13F: Olha, pra mim, ser bibliotecária é facilitar o acesso à informação, ao conhecimento a quem precisa. Então assim, no âmbito da biblioteca [...], eu estou aqui para atender a toda comunidade acadêmica, alunos, professores, técnicos e também a comunidade externa. Porque como é uma biblioteca pública, né (?), eu considero que ela está aberta a todos, então eu vou atender a todos, indistintamente. Então assim, apesar de que eu não faço um trabalho de serviço de referência, propriamente dito, mas eu procuro estar sempre com a porta aberta, eu procuro estar circulando quando eu estou aqui, né (?), trabalhando pra fazer este atendimento. Apesar de que tem o trabalho técnico, tem toda aquela coisa que a gente é que tem que fazer mesmo. Tem essa questão administrativa que acaba caindo na nossa mão, quando é serviço público a gente nunca sabe o que espera. Mas assim, pra mim, a principal função do bibliotecário é essa de ser o facilitador, o mediador da informação, do conhecimento. Facilitar o acesso mesmo. E eu não tenho nada contra as pessoas tirarem os livros das estantes, tem muita gente, até os técnicos mesmo, que guardam eles, fazem essa crítica: que o aluno vai lá e tira cinco livros de uma vez e não usou nenhum. Mas aí eu sempre tento explicar pra eles, 'Gente, mas os livros são pra usar, os livros são para tirar da estante mesmo. Senão, o que é que a gente está fazendo aqui? Tem que deixar, depois a gente guarda. Rapidinho a gente guarda' (risos). Então eu tento ver a profissão nesse lado mesmo, eu não gosto de impor, assim que não deve ser, que não

deve usar o material, não. Eu acho que se está aqui é pra usar mesmo, até a questão de livros, quando as pessoas atrasam e vem pedir pra gente tirar a suspensão, eu tento compreender esse lado, se a pessoa realmente estava usando o material. Então, eu não faço muita questão de penalizar se a pessoa precisou do livro e se tinha mais no acervo, tinha mais cinco, tinha mais dez. Então assim, eu procuro ver essa parte mesmo do usuário. Nesse momento, é essa que é a minha visão, porque eu nunca trabalhei em outro tipo de instituição. Nunca trabalhei em escolar, em outro tipo de biblioteca. No âmbito em que eu vivo, eu percebo assim a profissão.

[Sobre as habilidades e competências]

Bom, uma coisa que a gente não deve fugir é da competência técnica, porque como eu falei, uma pessoa que não estudou o curso, não fez, ela não vai, também, conseguir fazer. Tem que ser a gente mesmo. Então, competência técnica. Talvez, como vou é que eu vou dizer? Não seria uma pró-atividade, mas a questão da gente estar sempre buscando? Porque nesse campo da informação, todo dia tem coisa nova e a gente nunca consegue alcançar as novidades. É base de dados, é ferramenta disso, é ferramenta daquilo. Às vezes vem o aluno que sabe mais do que a gente, nesse ponto. E a gente fica meio com cara de tacho. Mas assim, eu acho que o bibliotecário precisa disso, talvez a [...], aonde a gente trabalha, teria que dar essa condição pra gente estar se atualizando e pra passar isso pra comunidade e não pra ficar com a gente. Eu não quero, eu não tenho que aprender pra ficar comigo, não. Mas pra passar isso. Então, eu acho que o bibliotecário tem que ter isso. Embora, eu também critico quando as pessoas acham que a gente tem que saber de tudo. Por exemplo, eu estou lá no [...],

tem coisa que as pessoas vêm me perguntar lá que, eu falo, 'Mas, por que vocês acham que eu tenho que saber disso? (Risos) Só por que eu trabalho aqui? ' Aí eu falo: 'Só por que eu sou bibliotecária? ' Eu até brinco, aí eu falo, 'Não. A gente não tem que saber de tudo, quem dera que eu conseguisse. A gente é humana e todo mundo tem os problemas, as dificuldades do dia a dia. Igual todo mundo. Não é porque é bibliotecário que é o salvador da pátria'. Isso aí eu acho um problema sério, mas essa questão, que eu acho que a gente tem que ter é isso. Tem que ter pelo menos a vontade de buscar e de querer transmitir isso. Eu não gosto assim, quando o bibliotecário se retrai muito, eu acho que a gente precisa mostrar nossa cara mesmo pra comunidade, pra onde a gente atua. Porque, muitas vezes, as pessoas nem sabem que tem um bibliotecário aqui. Então, muita gente vinha aqui as vezes perguntar alguma coisa e quando me via perguntava 'Você que é [nome]? Aí, eu: é!'. Porque eu acho que pensava que ia encontrar outra [nome], outra pessoa. Aí, tinha uns que ficavam assim, 'Mas tão pequenininha, mas tão baixinha, mas tão bonitinha, tão não sei o quê. Pois é, mas sou eu, a bibliotecária' (risos). É até engraçado, outros me acham que eu sou estagiária. Ainda mais porque eu fico ali aonde eu te falei. Ficava, porque eu acho que agora, quando eu voltar, não vou ficar mais lá. E assim, muita gente conversa comigo, me pede as coisas, mas acha que eu sou estagiária mesmo. Nem sabe que eu sou bibliotecária. E o que mais que eu acho que o bibliotecário deve ter? E essas competências que eu já falei que são as técnicas, né (?) porque no dia a dia tem os softwares e a gente tem que auxiliar os outros técnicos que vem trabalhar aqui. Então, se a gente não souber pra passar isso pra eles né (?), quem é que vai passar? Então, eu acho que

os principais são esses, a competência técnica e a vontade de buscar se atualizar mais, na parte da informação, das ferramentas, da busca e passar isso para os usuários.

Fala de um lugar feminino, quando enfatiza a compreensão, a mediação, a facilitação. Mas oscila para o masculino. Cria uma classificação da atividade, dando mais valor aos aspectos humanos, embora destaque a competência técnica, ela não é monopólio do profissional, que deve partilhá-la com o usuário, passar à diante. Não é a visão hegemônica do profissionalismo tecnocrático e monopolizador, mas com características democráticas, isso se hibridiza com as falas generificadas, quando a condição de mulher profissional não é apagada. Em determinado momento, fala sobre mulher bibliotecária, com estereótipos generificados, nem profissional, mas estagiária.

Ainda, sobre as percepções de 13F, ressalta pontos que entende que, como bibliotecária, deve assumir e deixa claro que em seu espaço de trabalho não há divisão de tarefas e acaba sendo “um faz tudo”.

[Eu, bibliotecário/a sou]

13F: Profissionalmente eu era assim, tem um ano e pouco que estou [de licença]. Mas assim, o que eu fazia aqui, catalogação, que estava em uma época de comprar livro e chegar, então tinha muito. Agora parou um pouquinho. Mas era muito esse trabalho de catalogar e organização do acervo que tinha que fazer e questão de gestão também. Porque uma hora a [nome] estava de férias, ou alguém estava de férias. Então a gente revezava essa parte e aí é tanta coisa que aparece de gestão pra resolver. É patrimônio, é equipamento que quebra, que estraga. É tudo a gente que tem que correr atrás. Então, eu assim bibliotecária, sou quase um faz tudo dentro da biblioteca (risos). E

assim, eu gostaria de ser mais disponível para os usuários, mas às vezes, por conta desses trabalhos internos, administrativos e a carga horária que é de 6 horas corridas, aí acaba não dando muito tempo pra isso. Pra oferecer outros serviços, oferecer treinamento. Por exemplo, treinamento de usuário mesmo, a gente só estava dando pra quando eles pediam, quando um professor pedia pra oferecer para turma, aí a gente agendava e fazia. Mas não é uma coisa que a biblioteca tem esse cronograma, chama as pessoas pra participar. Não existe isso, justamente porque não tem as pessoas suficientes, não tem o tempo. Mas assim, eu bibliotecária eu tento ser, eu tento fazer a minha profissão mesmo. Fazer tudo. Não gosto de me esquivar de nada. Se eu tiver que guardar livro eu guardo, se eu tiver que abrir caixa eu abro e não tem muita escolha também aqui. Eu não gosto daquela coisa de dizer não. É aquilo que eu te falei, eu analiso se é inerente a minha profissão, ao meu cargo aqui. Se é, então eu tenho que fazer (risos). Agora, se alguém disser 'Não, [nome], você vai atender lá no [instituto]' aí eu posso dizer que eu não vou, 'Eu não vou porque eu tenho que ficar na biblioteca, atendendo aqui'. Mas o que é inerente à profissão eu tento fazer o meu melhor.

Para 14F, entre 11 a 15 anos de profissão, o bibliotecário tem que lidar bem com o público, ao mesmo tempo que desenvolve a capacidade de trabalhar sozinho.

[Pausa para reflexão]

Bibliotecária [pausa] pra mim, na minha experiência?

[Na sua experiência]

É tratar, no meu trabalho aqui, com a informação, de forma que eu permita que os outros tenham acesso. Os outros, no caso os usuários,

os alunos, tenham acesso. Então, pra mim, particularmente, neste momento, é fazer a parte técnica de forma que chegue a quem precisa, a quem vem buscar essa informação, ele tenha acesso. Eu acredito que pode ser uma coisa bem mais ampla, mas assim, falando especificamente da minha experiência, então assim, é essa parte técnica mesmo. Ver, observar, analisar e ver como eu posso disponibilizar da forma dentro do que a gente tem aqui de padrão para se usar. Da forma mais prática, mais fácil, pra que o usuário tenha acesso.

[E as habilidades e competências que o bibliotecário precisa possuir?]
Eu acho que tem que ser uma pessoa com uma capacidade de concentração boa, uma pessoa que seja, como é que vou te dizer, que tenha uma certa maleabilidade. Principalmente, na questão para lidar com pessoas, pra atender. Uma pessoa que tenha foco, focada. E que consiga, se precisar, trabalhar sozinho (risos), porque tem muita gente que fala que não consegue, então que ela tenha. Assim 'Eu consigo trabalhar quieto, num canto, sozinho', mas, ao mesmo tempo, também, se precisar lidar com gente, de atender pessoas, conversar com pessoas. Eu acho que é isso, basicamente.

[E sobre as competências]

Pra mim é ele atender a demanda da onde ele está, entendeu? Aonde ele estiver, o que precisa que seja feito, o que precisa que ele faça, o que está na mão dele. É ele atender aquilo, seja em que local que ele trabalhar, o público ou mesmo que não seja o público que ele atende, mas o que pedem dele naquele local, que ele possa fazer aquilo. Entender e responder profissionalmente, aquilo que estão pedindo dele.

Ainda, na perspectiva de 14F, como ela se percebe enquanto bibliotecária, aponta as dificuldades que ela entende que deveria superar. Por compreender que o bibliotecário deve lidar com o público, demonstra frustração, por não superar aspectos da sua personalidade, como a timidez. Aponta que, além dessa questão pessoal, suas dificuldades estariam ligadas ao acomodar-se à situação.

Fala da profissão no masculino, mas traz papéis de gênero estereótipos femininos essencializados (a timidez, as meninas, a acomodação) que ela reproduz, mas está refletindo e se questionando durante o processo de entrevista, sobre si mesma, como age na profissão.

[Pausa para reflexão] *Eu, [nome], como bibliotecária? Sou uma pessoa que vem ao meu trabalho, que procuro desenvolver o meu trabalho, o que está proposto, o que eu tenho pra fazer, o que eu posso fazer, da melhor forma possível. Assim, eu tenho questões de que eu acho que poderia ser feito mais coisas, mas de uma forma que abrangesse mais pessoas, que atingisse além do trabalho técnico. Mas eu, particularmente hoje, sou uma pessoa que vem, que fico na parte técnica e não me incomoda. Na verdade, me acomoda [sic] um pouco isso, mas eu acho que seria legal ter, assim, projetos. Algum tipo de projeto com outras pessoas, talvez até com as outras meninas daqui, que a gente atingisse, além do que se faz no dia a dia, da parte técnica, atingisse mais pessoas, que a gente fosse mais vistos. Apesar de que isso é meio contraditório pra mim, porque eu me considero uma pessoa tímida e que gosto de ficar no meu cantinho. Mas eu acho que faria bem, também para a [...], faria bem para a biblioteca, faria bem para a comunidade que se beneficia. Então assim, eu vejo que eu sou uma*

peessoa muito, que estou muito na minha, mas que eu acho que o melhor seria dar uma saidinha mais e tentar se abrir, se mostrar um pouquinho mais. E que isso contribuiria na própria valorização, ou visualização, reconhecimento da profissão. Da minha profissão, no caso.

[E o que você acha que te impede? É mesmo a timidez, seria isso?]

Eu acho que a timidez é uma parte, a acomodação é outra. Quando você vem todo dia, faz aquilo ali. Tá tudo tão 'é isso aqui, fez isso, ah, tem tal coisa pra fazer'. Já não sai muito do trilho assim, né (?), então eu acho que um pouco mais do que a timidez, é a própria acomodação. E de pensar assim, 'Ah, eu tô em final da carreira. Não tô pensando em grandes coisas, grandes mudanças, né?'. Mas, não que eu considere isso legal, nem bom.

15F, atuou por oito anos na profissão em uma instituição privada, mas deixou de atuar há seis anos. Aponta aspectos da profissão ligados à capacidade profissional em atender qualquer tipo de público. Quando questionada sobre quem ela era como bibliotecária, optou por não responder.

Bibliotecária é servir, auxiliar ou atender pessoas que estão em busca da informação.

Pode ser ela uma criança, em fase de aprendizado ou que seja um especialista em busca de uma certa nomenclatura.

[E sobre as habilidades]

Gostar de atender e se comunicar com pessoas e buscar constantemente o conhecimento, mantendo-se sempre atualizado

[Pode falar sobre as competências?]

O bom profissional é aquele que gosta de gente, de conhecimento e de interagir com seu público...

[Eu, bibliotecário/a sou]

[Pedi para não responder]

As falas dos entrevistados e entrevistadas apresentam as identidades bibliotecárias, em sua maioria no setor público, posições bastante valorizadas no MT, onde o mercado profissional é mais restrito fora do concurso público. Nesta posição, pode-se observar, como atuando num segmento mais restrito e semelhante, muita diferenciação se produz, negociando identificações e significados sobre as atribuições, as classificações e as hierarquias da profissão. Com relevantes aspectos da socialização (DUBAR, 2005) o grupo profissional assume condutas e atitudes que os guiam e mesmo com as experiências diferentes de trajetória profissional há um processo de identificação que pode ser percebido ao observar os adjetivos, tanto no quem eu digo que o/a bibliotecário/a é e quem eu digo que sou enquanto o/a bibliotecário/a.

No processo de construção das identidades profissionais, apontam aspectos relativos à formação, aos papéis de gênero, como os produzem na atividade e como os ressignificam, às mudanças próprias a cada tipo de espaço de atuação (mundo do trabalho), às competências, a práxis e às relações com o outro (colegas de trabalho e usuários dos serviços prestados). Os saberes profissionais (DUBAR, 2005), em constante relação com os saberes ligados ao trabalho (TARDIF, RAYMOND, 2000).

Nesse aspecto, demonstram que os saberes profissionais (saberes especializados) (DUBAR, 2005) geram certa instabilidade, uma vez que, em alguns momentos os entrevistados demonstram o temor de não estar em consonância com aquilo que compreendem que deva ser o profissional.

Ao observar o processo relacional na identidade para o outro, os sujeitos pesquisados apontam características que percebem como do bibliotecário e da bibliotecária: ter um bom relacionamento interpessoal, ser organizado, possuir saber profissional, estar em constante capacitação, apresentar competências ligadas à pesquisa e leitura, possuir capacidade para trabalhar em equipe, executar suas tarefas com qualidade e precisão. Nas relações, há uma variação na forma de produzir estereótipos e também de dar-lhes outros sentidos, outras articulações com a profissão e como o jogo de identidades (HALL, 2000) que as entrevistas revelam, não se mostrando fixa em uma mesma pessoa, e nem no grupo ouvido.

As falas desenham um jogo: uns enfatizam a competência técnica como muito criteriosa, outros a sutura às características mais humanizadas, de mediação, de passar o conhecimento, de atender as pessoas. São discursos em disputa, identidades em competição, algumas entrecortadas por gênero (tanto homem como mulher), outras invisibilizando as marcas da diferença (gênero, raça, sexualidade) que desvalorizam suas realizações profissionais e de ascensão social. Há uma imagem dominante de profissão que tomam como referência positiva ou negativa, reforçando a identificação ou travando lutas discursivas para modificá-las. O perfil profissional compreende responder às necessidades da profissão e, em alguns momentos, acaba por incorporar as expectativas sobre como se desenha o perfil bibliotecário ao longo da história do desenvolvimento da profissão.

Quanto ao processo biográfico, “quem eu digo que sou, quem sou eu como bibliotecário e bibliotecária” aponta para aspectos sobre a qualidade no atendimento ao público, cobrança excessiva na execução das atividades e a

importância da prática profissional, que se mostrou perpassado pelos papéis de gênero, mesmo quando criticado e questionado. Em muitos momentos estabelecem um conflito com as formas com que desenham a si mesmos na profissão e como apresentam o que é ser na profissão. Entretanto, apesar de poucos relacionarem em suas falas, o atribuir e o pertencer de forma aproximada, ao analisar os diversos apontamentos dos depoentes o atribuir de um entrevistado surge no pertencer do outro e vice-versa, nas características comuns demarcadas.

Assim, para o entrevistado em si, há um conflito entre quem ele diz que deve ser e quem de fato acredita que ele é, mas no entrecruzamento percebe-se que os diversos profissionais preenchem as lacunas que o grupo compreende como caracterização do/a bibliotecário/a.

Outro aspecto relevante é que o ser profissional é ligado ao fazer profissional, sendo expostos em diversas falas que a definição do que é bibliotecário/a está muito relacionado ao seu espaço de atuação. Percebem que aquilo que o/a bibliotecário/a é, no sentido da identidade atribuída (DUBAR, 2005), está diretamente ligado ao ambiente profissional em que executam suas tarefas. Em diversos momentos há o entrecruzamento de gênero e profissão. Mas, se alguns praticantes apagam o feminino, referindo-se a si como bibliotecário, mesmo sendo mulher, outras vezes, observa-se que flexionam o gênero no feminino, se autoidentificando como bibliotecária.

Cabe destacar, que os depoentes demarcaram em diversas oportunidades a relação entre o saber adquirido na academia e a *práxis* profissional. Evidenciando a relevância dos aspectos conceituais (teoria aprendida) para o cotidiano das atividades executadas, além de aspectos

referentes ao mérito, em uma constante busca pela qualificação, pelo desenvolvimento de suas capacidades, a partir da formação contínua.

Nas identidades não fixas dos bibliotecários e bibliotecárias percebe-se a construção de um modelo profissional incorporado por valores compartilhados pelo grupo, associado ao que Dubar (2005) entende com o saber privilegiado: saber prático, saber profissional, saber organizacional e saber teórico.

O bibliotecário/a em seu saber prático incorpora elementos da experiência de atuação em espaços determinados: no saber profissional, a constante reconfiguração de suas competências em relação às mudanças da sociedade; em seu saber organizacional, a incorporação dos valores e lógica de mercado em relevância atribuída ao usuário, como equivalente ao cliente; saber teórico, marcada pelas constantes sazonalidades, exige uma recapacitação que não finda, nem mesmo com a conquista de estabilidade na carreira, o fato também está ligado às características do grupo selecionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve por enfoque o processo da construção identitária, a partir da articulação entre vivências pessoais e trajetória profissional de bibliotecárias e bibliotecários. Para tanto, buscou-se analisar como estes percebem sua identidade dentro do campo da Biblioteconomia. Neste sentido, a problemática geral da pesquisa, diz respeito aos processos de elaboração da construção social da identidade, no âmbito profissional, pelo próprio agente.

A pesquisa apresentou os caminhos percorridos para identificar a forma como bibliotecárias e bibliotecários percebem a imagem da profissão e constroem sua identificação dentro do campo da Biblioteconomia, embasado pela Sociologia das Profissões.

Divido em seções, buscou-se contextualizar as trajetórias profissionais, situando o problema da pesquisa, os elementos conceituais base do texto e a fundamentação do estudo em uma perspectiva que associa elementos das abordagens de Freidson, Abbott e Dubar. A partir de Freidson que facilita o entendimento do profissionalismo no grupo bibliotecário, em Abbott (1988), em busca da consolidação de seu processo de profissionalização e em Dubar (2005; 2006), para compreender as identidades profissionais.

Nessa perspectiva, recuperou-se o quadro teórico-metodológico que se alinha aos objetivos do estudo. Com base nas abordagens mais relevantes à construção do estudo, enfatiza-se as perspectivas dentro da Sociologia das Profissões e o contexto dos múltiplos olhares sobre profissionalismo e identidade.

A tese propôs estudar o processo da construção identitária, a partir da articulação entre vivências pessoais e coletivas, na trajetória profissional de bibliotecárias e bibliotecários. Assim, buscou: (i) traçar um panorama histórico sociológico da Biblioteconomia no Brasil, e de seus reflexos na construção identitária de bibliotecárias e bibliotecários no país; (ii) analisar a profissionalização da biblioteconomia contemporânea no Brasil e no Mato Grosso; (iii) compreender a identidade bibliotecária, suas intersecções, conflitos, disputas por poder e as lógicas do sistema profissional. Ao traçar este caminho, uma das lacunas encontradas foi a inexistência de dados consolidados que caracterizem o bibliotecário (a) brasileiro, a exemplo, vinculações institucionais, características pessoais, econômicas e sociodemográficas, dados sobre sua jurisdição, monopólio e reserva de mercado uma vez que o primeiro e único Censo sobre profissionais de todo país foi realizado em 2009 (publicado em 2013), pelo Conselho Federal de Biblioteconomia.

Assim, para construir a pesquisa, expressando sobre a Biblioteconomia e suas relações no sistema das profissões, traçou-se o panorama histórico sociológico do campo, estabelecendo os conflitos entre os grupos profissionais, as disputas por poder e as lógicas do processo de profissionalização, de 1915 até os dias atuais.

Foi a partir da compreensão dos paradigmas, processos históricos e marcos teóricos apresentados que procurou-se orientar a realização da pesquisa de doutoramento, sendo estas que enredaram, envolvem os objetivos, justificativas e concepções. No decorrer do estudo, buscaram-se informações que permitiam compreender os aspectos do profissionalismo, da profissionalização em Mato Grosso. Dito isso, a proposta de análise averiguou as dimensões dos

fenômenos do profissionalismo pela ótica dos praticantes do grupo com foco na identidade. Uma vez que a evolução da Biblioteconomia, assim como de qualquer campo, é reflexo dos movimentos políticos, culturais e econômicos, em que está inserida. O prisma adotado foi a percepção de bibliotecários e bibliotecários sobre quem dizem que o/a bibliotecário/a é e quem eu digo que sou, enquanto bibliotecário (a).

Profissionalismo é a ideologia de serviço especializado, sobre o qual a profissão detém conhecimento e excelência, exercendo-o com independência em relação a clientes, mercado e estado, apoiado em uma formação de nível superior, com reflexão e ética. Seu serviço é principalmente devotado ao conhecimento e a *expertise*. A partir das falas, percebeu-se que a profissão aparece como vetor de mobilidade e, em diversos momentos, ao falar do início da carreira, os entrevistados dão visibilidade ao oposto do profissionalismo e da *expertise*, nesse sentido é analisado o projeto profissional como da mobilidade social coletiva em Magali Larson. Nem todos os entrevistados mostraram-se orientados pelo ideário do profissionalismo, que valoriza o domínio de um conhecimento especializado, manifestando maior interesse em obter um emprego público, do que em construir um percurso profissional, tal como uma carreira.

O fator deslegitima a vocação e a missão, que são ressaltadas na ideologia profissional, isso se soma às disputas discursivas que buscam valorizar o cliente, e a prática, em detrimento da *expertise*, do conhecimento técnico e se colocam como obstáculos subjetivos ao ideário das profissões dominantes. A esses problemas se juntam as características objetivas das dificuldades de profissionalização que se acentuam na região, e configuram desafios ao profissionalismo.

Partindo da ótica de Abbott, procurou-se construir o debate que evidencia na Biblioteconomia aspectos que enredam os debates sobre a nomeação do profissional da biblioteconomia como bibliotecário, cientista da informação ou profissional da informação. Dentro dessa perspectiva, foram expostas as nomeações durante a construção histórica da profissão. Além disso, fez-se importante apresentar os aspectos sobre a feminização e femilização da biblioteconomia, uma vez que esse fator se relaciona em como o campo delineiam a identidade profissional.

Quanto às evidências encontradas sobre a identidade profissional de bibliotecárias e bibliotecários, sendo a identidade compreendida como um processo dinâmico e relacional, observou-se que quanto ao grupo analisado a trajetória profissional está demarcada pelo saber prático. Em diversos momentos eles trazem para a sua fala aspectos da relação das práxis com o espaço em que atuam, exemplificando que, para cada espaço de atuação, existirá um perfil com habilidades e competências relacionadas ao ambiente.

Em alguns momentos travam lutas discursivas sobre o que é ser bibliotecário/a, dando visibilidade aos gêneros em algumas situações e apagando em outras, dando destaque à ideologia hegemônica do profissionalismo ou a ressignificando em associação a articulação com atribuições generificadas, podendo-se afirmar que há um jogo de identidades e não uma concepção fixa do que é a identidade profissional na Biblioteconomia: com destaque para a competência técnica, suturado a característica de mediação, de circulação desse conhecimento compartilhado com usuários, da valorização dos aspectos humanos da atividade, entre outras classificações mencionadas nas entrevistas.

Percebe-se, a partir das falas, que a Biblioteconomia representou uma ascensão pela via da profissionalização. Foram comuns ao grupo os aspectos marcados pela busca por uma estabilidade, o apego à estabilidade pública, mais evidente que a ideologia profissional representada por uma “vocação”. A Biblioteconomia representou uma ascensão pela escolaridade, em que os sujeitos se encontram na classe média, mas percorrendo pouca distância social, não adentram a classe média alta.

Cursar Biblioteconomia apresentava-se como uma oportunidade, de acordo com questões de ordem social e, com a atuação, foram “aprendendo” a gostar do que faziam. O amor pela profissão, aliado ao senso de oportunidade do profissional que deu certo, em que passam a ter uma identificação com a “missão” e se motivam pela *expertise*. Neste aspecto, a “vocação” é aprendida socialmente e produz uma identificação profissional.

Outro ponto relevante são os estereótipos e hierarquias criadas pelo grupo. Apresentam diversas clivagens, apontando bibliotecários e bibliotecárias, dentro da categoria profissional, como técnico e não técnico, aqueles que interagem com o público ou se fecham em um ambiente mais restrito, os de processamento técnico distinguindo-se ou incluindo em, de acordo as hierarquias estabelecidas. Há uma clara oscilação entre o pertencimento, de acordo com o foco profissional e o espaço de trabalho.

Percebe-se a invisibilidade de gênero, marcado pelos padrões de dominação masculina. O sexismo linguístico que conceitua o bacharel em Biblioteconomia como bibliotecário, substantivo do sexo masculino, reflete-se nas falas femininas que se referem as suas atuações profissionais como bibliotecários, com algumas variações, identificando-se como bibliotecárias. Os

aspectos de profissionalização por si só não conseguem alterar os valores sociais, entretanto, a partir do seu enfrentamento é possível vislumbrar superação e alteração das limitações impostas.

Refletindo sobre essas questões, compreende-se que nas identidades possíveis, a identidade profissional reflete a possibilidade de uma identidade de si e uma identidade para o outro, a partir da articulação entre a forma como o bibliotecário/a se percebe e o mundo do trabalho. Através da forma como os agentes apresentaram respostas à questão quem é o bibliotecário/a e quem eu sou como bibliotecário/a, percebeu-se que há um conflito entre quem ele diz que deve ser e quem de fato acredita que ele é, mas, no entrecruzamento das diversas falas, percebe-se que os diversos profissionais preenchem as lacunas que o grupo compreende como caracterização do bibliotecário/a.

Os modelos analíticos de Freidson (1998) e de Abbott (1988) abordam como as profissões consolidaram o profissionalismo. As entrevistas, o campo e os dados apontam que esse é um grupo que está em processo de profissionalização nestes aspectos, então, é possível observar as especificidades da trajetória da Biblioteconomia no Brasil, seu processo em curso e as lutas dentro do próprio grupo em torno disso.

Há entrevistados que manifestam compartilhar da lógica profissional conceituada por Freidson (1998), que se encontra naqueles que fazem o discurso da *expertise*, mas existem aqueles que não trabalham como essa lógica. E há outros que trabalham com imagens mais próximas do que Freidson (1998) conceituou como lógica de mercado e lógica burocrática, mas não com uma lógica do profissionalismo. O enfoque de Freidson (1998) mostra que há três

formas de organização do trabalho expressas por essas três lógicas. A profissional enfatiza a autonomia, expertise e credencialismo; a lógica de mercado dá centralidade a livre-concorrência e a avaliação do cliente; e a lógica burocrática foca nas relações administrativas hierárquicas em organizações.

As falas dos entrevistados mostram que não está em funcionamento dentro do grupo apenas uma lógica, existe certa disputa entre essas lógicas. Aqueles que estão identificados com a lógica do profissionalismo assemelham-se a essa lógica como Freidson (1998) a conceitua. Aqueles que relatam a preocupação em agradar o cliente (usuário), dão menos importância à autonomia e ao conhecimento, estando mais próximos da lógica do mercado. Os que estão enfatizando a questão da estabilidade, talvez apresentem uma maior proximidade com a lógica burocrática.

No caso de Mato Grosso, é inegável a importância do curso de Biblioteconomia para o desenvolvimento da profissão no Estado, mas sua existência é apenas um dos pontos do profissionalismo. A existência do curso superior e a obrigatoriedade da obtenção desse título são aspectos do processo de profissionalização, mas sozinhos não garantem a consolidação do profissionalismo. É preciso outros recursos de poder profissional para isso, como a jurisdição, a produção de seu conhecimento abstrato, com mais autonomia em relação a outras áreas do saber, assegurando sua *expertise* e seu credencialismo.

A consolidação do profissionalismo envolve um conjunto de critérios, como a teoria aponta, tais como produzir seu próprio conhecimento, não necessitar de conhecimento de outros campos disciplinares, ter força para garantir o controle do mercado com o apoio do Estado. A partir da perspectiva de

Freidson (1998), a análise da produção do conhecimento sobre a área no Estado, bem como as entrevistas demonstraram que em diversos aspectos o processo de profissionalização está em curso. Mesmo a consolidação do profissionalismo não é uma condição fixa, permanente. Sendo um processo, há competições interprofissionais e intraprofissionais, disputas que ameaçam áreas de atuação, atividades monopolizadas, ocorrendo de uma profissão ter de ceder partes de seu espaço no mercado para outras.

Algumas formas de os entrevistados perceberem seu trabalho e as disputas entre os grupos revelam que a identificação e o apreço pelo conteúdo do conhecimento técnico na área estão consolidados em algumas falas, mas não em outras. Há entrevistas que dão mais destaque às práticas de atendimento, revelando que a visão do usuário tem mais peso, como ocorre na lógica de mercado, que foca na avaliação do cliente, do que na lógica profissional, que enfatiza a autonomia da expertise. Essas nuances apontam para um processo de profissionalização em curso na área, em vez de um ideário profissional consolidado.

É oportuno mencionar que os dados coletados foram analisados a partir da problemática central associada à forma como ocorre a construção identitária de bibliotecárias e bibliotecários de Mato Grosso e como esse processo apresenta desafios à consolidação do profissionalismo, entretanto, os dados permitem vários outros possíveis desdobramentos para trabalhos futuros. Entre eles: (i) a realização de estudos em outras regiões, gerando dados comparativos; (ii) a relação entre as razões de escolha da profissão e a imagem que se faz da

profissão⁴⁹; (iii) as expectativas de empregabilidade, via concursos públicos e a relação com uma possível escassez de oportunidades de emprego fora deste setor no Estado; (iv) a construção de uma “ideologia concurseira” na Biblioteconomia.

⁴⁹ Os estudos de Everett Hughes, sintetizados por Dubar (2005, p. 182), sobre a socialização profissional embasaria esse desdobramento na medida em que o autor aponta que nos mecanismos de socialização da profissão a projeção pessoal do sujeito ocorre em um processo que envolve a “identificação com os membros de um grupo de referência”. A identificação social em formação não decorreria de uma identificação com seu “grupo de pertencimento”, mas com o “grupo de referência” que apresenta um *status* mais elevado. A “identificação antecipada” implica na adoção das doutrinas, normas e comportamentos dos estabelecidos.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. *The system of professions: an essay on the division of expert labor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

ALMEIDA, N. B. F. *Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino*. Brasília, 2012. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília.

ALMEIDA, N. B. F.; BAPTISTA, S. G.. Breve histórico da Biblioteconomia brasileira: formação do profissional. In: Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, XXV, 2013, Florianópolis. *Anais Eletrônicos [...]*. Florianópolis: FEBAB, 2013. pp.1-12. Disponível em: <https://www.portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1508/1509>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ANJOS, C. R. *et. al.* Revisitando as origens da Biblioteconomia no Brasil: história, ensino e perfil do profissional da informação. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Belo Horizonte, MG. *Anais eletrônicos [...]*. Belo Horizonte, MG, 2014.

ARAGÃO, E. M. A FEBAB e movimento associativo brasileiro. *R. Bras. Bibliotecon. Doc.*, v. 10, n. 1/3, pp.34-40, jul./set., 1977.

ARÉVALO, J. A. *La oscura historia sobre abusos sexuales de Melvil Dewey, el padre de la Biblioteconomía moderna*, 2018. Disponível em: <https://universoabierto.org/2018/07/23/la-oscura-historia-sobre-abusos-sexuales-de-melvil-dewey-el-padre-de-la-biblioteconomia-moderna/amp/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BAPTISTA, S. G.; MUELLER, S. P. M. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. *Información, cultura y sociedad: revista del instituto de investigaciones bibliotecológicas*, Buenos Aires, n. 12, pp. 35-50, 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/17120/1/ICS12p35-50.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2018.

BARBALHO, C. R. S.; ROZADOS, H. B. F. Gestão do conhecimento através do mapeamento de competências: o case do Sistema CFB/CRB. In: Workshop Brasileiro de Inteligência Competitiva e Gestão Do Conhecimento, 9, 2009, Belém. *Anais eletrônicos [...]*. Belém, 2009.

BASILIO, E. Gênero na Biblioteconomia: Região Centro-Oeste (1962-2018). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30, 2019, Recife. *Anais [...]* Recife: ANPUH/UFPE, 2019.

BATTLES, M. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BAYLE, E. Histoire et bibliothéconomie. Une thèse sur l'histoire du livre français au XVIIe siècles et ses conséquences dans les vie des bibliothèques contemporaines. *In*: BIBLIOTHÈQUE DE L'ÉCOLE DES CHARTES. 1973, tome 131, livraison 1. pp. 221-232. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/bec_0373-6237_1973_num_131_1_449956. Acesso em: 28 jun. 2018.

BEAUDRY, G. *Profession bibliothécaire*. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 2012. 68 p. (Collection Profession)

BECKER, H. S. *Art Worlds*. Berkeley: University of California Press, 1984.

BEDAGUE, J. C. *et al.* 93/AJ *Archives de l'École des chartes (1821-1945)*. Paris: Archives nationales, 2012a (édition électronique). Disponível em: <http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/chan/chan/fonds/edi/sm/AJ/EDIAJ85a500.html>. Acesso em: 24 set. 2017.

BEDAGUE, J. C. *et al.* *Archives de l'École des chartes (1821-1945): Répertoire numérique détaillé de la sous-série 93AJ. 2. Ed.* Paris: Archives nationales, 2012b (édition électronique). Disponível em: https://www.siv.archives-nationales.culture.gouv.fr/siv/rechercheconsultation/consultation/ir/pdfIR.action?ird=FRAN_IR_050175. Acesso em: 24 set. 2017.

BERCÉ, Y. M., *Les vocations de l'École des chartes*, mai, 2005. Disponível em: http://www.clio.fr/BIBLIOTHEQUE/les_vocations_de_l'École_des_chartes.asp. Acesso em: 24 set. 2017.

BÉTHERY, A. Melvil Dewey, *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, v. 57, n. 1, 2012. Disponível em: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2012-01-0022-004.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.

BLUMER, H. A natureza do interacionismo simbólico. *In*: MORTENSEN, C. D. *Teoria da comunicação: textos básicos*. São Paulo: Mosaico, 1980.

BOEUF, E. *Une bibliothèque d'erudit au xvii^e siècle: les livres de Gabriel Naude conservés à la Mazarine*. Lyon: ENSSIB, 1998.

BONELLI, M. G. Estudos sobre profissões no Brasil. *In*: ANPOCS. *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré, 1999 (Volume 2 – Sociologia).

BONELLI, M. G. *Identidade profissional e mercado de trabalho dos cientistas sociais: as ciências sociais no sistema de profissões*. 1993. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Importação de tecnologias e materiais*. Sem data. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/content/importacao-tecnologias-materiais>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. Biblioteca Nacional. *Guia da Biblioteca Nacional: sesquicentenário – 1810-1960*. Rio de Janeiro, [1960]. 64 p.

BRASIL. Decreto nº 8.835, de 11 de Julho de 1911. Aprova o regulamento da Bibliotheca Nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro, RJ, 14 de julho de 1911. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRASIL. Decisão n. 191, de 13 de setembro de 1824. Aprova o Regimento Interno para a Biblioteca Imperial e Pública desta Corte. *Coleção das decisões do Governo do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 135, 1886. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/doimperio/colecao2.html>. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRASIL. Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a Profissão de Bibliotecário e regula seu exercício. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 02 de julho de 1962.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações*. 1994. Disponível em: http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/tabua/BaseDados_CBO94.jsf. Acesso em: 12 abr. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações*. 2002. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema E-MEC. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. 2018. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. *Em Questão*, n. 3, v. 18, p. 199-214, 2012.

BUNDY, M. L.; WASSERMAN, P. Professionalism reconsidered. *College and Research Libraries*, v. 29, n. 1, January 1968, p. 5-26. Disponível em: <https://crl.acrl.org/index.php/crl/article/view/12001/13447>. Acesso em: 05 jun. 2018.

CALDEIRA, A. P. S. Ramiz Galvão e a ideia de biblioteca como vitrine da nação: modelos europeus e trocas culturais no processo de modernização da Biblioteca Nacional. *História*, Franca, v. 36, e24, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v36/1980-4369-his-36-e24.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2018.

CARVALHO, L. Comentário. 21 de fevereiro de 2014, 02: 35 am. In: Dora. Cientistas da informação? Mesmo? *Bibliotecários Sem Fronteiras*. 18 de fevereiro de 2014. Disponível em: <https://bsf.org.br/2014/02/18/cientistas-da-informacao-mesmo/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CASTRO, C. A. *História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica*. Brasília, DF: Thesaurus, 2000. 287p.

CHARTIER, R. *A aventura do livro. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / UNESP, 1998.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Distrito Federal: UNB, 1994.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CIVALLERO, E. ¿Qué es la bibliotecología progresista?: Una aproximación básica. *El Profesional de La Informacion*, Buenos Aires, v. 22, n. 2, p.155-162, 10 mar. 2013. Disponível em: <https://www.aacademica.org/edgardo.civallero/92.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

COELHO, E. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro: 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. O CFB. Brasília: Sistema CFB / CRB. Distrito Federal, sem data. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/institucional/historico/o-cfb/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA. *Boletim da Biblioteconomia*. Distrito Federal, Ano 02, n. 23, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA. *Boletim da Biblioteconomia*. Distrito Federal, Ano 11, n. 73, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. CONSELHOS REGIONAIS DE BIBLIOTECONOMIA. *Boletim Especial*. Distrito Federal, junho de 2013.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1º REGIÃO – CRB1. *Boletim Informativo da Fiscalização*. Distrito Federal, n. 03, Jun. de 2010.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1º REGIÃO – CRB1. COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO. *Relatório Anual de Atividades de Fiscalização em 2014*. Distrito Federal, 2014.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1º REGIÃO – CRB1. COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO. *Relatório Anual de Atividades de Fiscalização em 2016*. Distrito Federal, 2016.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 1º REGIÃO – CRB1. O *Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região apresenta seu demonstrativo de atividades realizadas no exercício de 2012*. Distrito Federal, Ano I, n. 11, Dez. de 2012. Disponível em: <http://crb1.org.br/o-crb-1-divulga-a-primeira-parte-de-seu-relatorio-anual-confira/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA DA 9º REGIÃO – CRB9. *Boletim Informativo*. Curitiba, Ano II, n. 03, Jan./Jun. de 2013.

CORDEIRO, F. Bibliotecário: profissional necessário para sustentabilidade das bibliotecas. In: FÓRUM DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE MATO GROSSO, 2, 2018, Cuiabá. *II Fórum...* Cuiabá, 2018. Disponível em: <http://www.sejudh.mt.gov.br/documents/9416093/9416211/Fabio+Cordeiro++-+Profissional.pdf/7005a506-950a-314d-a46f-8b3d46d79ed7>. Acesso em: 05 nov. 2018.

CORIA, M. La Escuela de Bibliotecología de la Provincia de Buenos Aires y la profesionalización del bibliotecario (1948- 1950) *Palabra Clave*, La Plata, octubre 2014, vol. 4, nº 1, p. 48-60. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/pacla/v4n1/v4n1a04.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2018.

CÔRTE, A. R. *et al* (Orgs). *Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015*. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

CRIVELLARI, H. M.; CUNHA, M. V. Os bibliotecários como profissionais da informação: estratégias e paradoxos de um grupo profissional. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 28., 2004, Caxambu, *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 2004. p. 1-25.

CUNHA, M. V. *L'émergence des nouveaux professionnels de l'information: fonctions, compétences, marché*. Etude comparée des situations brésilienne et française. Paris, 1998a. Doctoral thesis – Conservatoire National des Arts et Métiers, Paris, France.

CUNHA, M. V. sistema de formação em ciência da informação na França: comparação com o sistema brasileiro. *Rev. Biblio. Brasília*, v. 22, n. 1, p. 19-34, 1998b. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/8538>. Acesso em: 22 Jan. 2018.

DE MARCO, M. A. L. La Biblioteca de la Asociación del Consejo de Mujeres: el legado de un empeño secular de educación popular; Bolsa de Comercio de Rosario; *Revista de la Bolsa de Comercio de Rosario*; Año CII, n. 1520; 23 de septiembre de 2013; p. 46-52. Disponível em: <http://www.bcr.com.ar/Pages/Publicaciones/infrevista.aspx?IdArticulo=189#>. Acesso em: 27 jun. 2018.

DÍAZ-JATUF, J. Implementación del primer curso universitario sobre Bibliotecología Social en Argentina: promoviendo los recursos, concientizando los servicios., In ENCUENTRO DE DIRECTORES, 9, DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA, 8, CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 2012, Montevideo (Uruguay), *Conference paper...*Montevideo (Uruguay), 2012. (In Press). Disponível em: <http://eprints.rclis.org/17796/>. Acesso em: 12 out. 2019.

DIMAGGIO, P. The System of Professions: An Essay on the Division of Expert Labor. Andrew Abbott, *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 2, Sep. 1989. pp. 534-535. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/229319>. Acesso em: 10 fev. 2018.

DINIZ, E. S.; PENA, A. S.; GONÇALVES, L. D. O perfil do profissional da informação demandado por uma empresa do ramo jornalístico: um estudo de caso. *Revista ACB* (Florianópolis), v. 16, pp. 289-307, 2011.

DINIZ, M. *Os donos do saber: profissões e monopólios profissionais*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

DOMINGUES, J. M. *A sociologia de Talcott Parsons*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2001.

DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Portugal: Edições Afrontamentos, 2006.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBAR, C. Entre crise global e crises ordinárias: a crise das identidades. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.18, n.1, pp.175-184, 2011.

E-MEC. *Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados*. 2018. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ESPÍRITO SANTO, P. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

EVETTS, J. Sociología de los grupos profesionales: historia, conceptos y teorías. In: SÁNCHEZ, M.; CARRERAS, J y SVENSSON, L. (coord.). *Sociología de las profesiones: Pasado, presente y futuro*. España: Diego Marín Librero, 2003.

EVETTS, J. The Concept of Professionalism: Professional Work, Professional Practice and Learning. In BILLET, S.; HARTEIS, C.; GRUBER, H. (Eds.) *International Handbook of Research in Professional and Practice-based Learning*, Springer International Handbooks of Education, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-94-017-8902-8>. Acesso em: 12 out. 2019.

FARIA, A. C. C. *A inserção do bibliotecário no mercado de trabalho: fatores de influência e competências*. 2015. 133 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES – FEBAB. *Missão e histórico*. São Paulo, sem data. Disponível em: <http://www.febab.org.br/sobre/historico/>. Acesso em: 20 nov. 2019.

FERREIRA, M. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. *Transinformação*, Campinas, SP, v. 15, n. 2, pp. 189-201, maio/ago. 2003.

FERREIRA, M.; BORGES, E. P.; BORGES, L. C. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da (o) bibliotecária (o). *Biblionline*, João Pessoa, n. esp., 2010.

FERREIRA, M.; BORGES, E. P.; BORGES, L. C. Profissões femininas e profissões masculinas: o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão – feminina? *In*: Encontro Latinoamericano de Bibliotecário Archivistas Y Muscólogos – EBAM, 2, 2010. Lima, Peru. *Anais [...]*. Lima, Peru, 2010.

FERREIRA, M.; BORGES, E. P.; BORGES, L. C. Brasileiro: desvendando relações de classe e gênero. Conferência Internacional sobre Sistemas de Informação e Gestão de Tecnologia, 12, *General Papers*, 2015.

FONSECA, E. N. *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

FONSECA, E. Desenvolvimento da Biblioteconomia e da Bibliografia do Brasil. *Revista do Livro*, v.2, n.5, p.95-120, mar. 1957.

FONTAINHA, F. C. *et al.* O concurso público brasileiro e a ideologia concursista. *Revista Jurídica da Presidência Brasília*, v. 16, n. 110, Out. 2014/Jan. 2015. pp. 671-702. Disponível em: <https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/38/28>. Acesso em: 18 dez. 2019.

FRANÇA, I. L.; FACCHINI, R. Estudos de Gênero no Brasil: 20 anos depois. *IN*: MICELI, S.; MARTINS, C. B. (Orgs.). *Sociologia brasileira hoje*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2017. pp. 283-357.

FREIDSON, E. *Professional powers: a study of the institutionalization of formal knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

FREIDSON, E. Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 11, n. 31, pp.141-155, jun. 1996.

FREIDSON, E. *Renascimento do profissionalismo*. São Paulo: EdUsp, 1998.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GONÇALVES, C. M. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2008, XVII-XVIII. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539979008>. Acesso em: 18 abr. 2017.

GUSMÃO, A. O. M.; ARAÚJO, T. M. C. Análise da produção científica dos docentes do departamento de Biblioteconomia da UFMT. *Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria*, v. 4, 2014.

GUSMÃO, A. O. M.; SOCORRO, O. J. Mercado de trabalho para os bibliotecários nas empresas de Rondonópolis - Mato Grosso. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 23, n. 1, pp. 231-246, 2009. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/8452>. Acesso em: 21 jun. 2017.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2000.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Sumaré, 1999, p. 183-221.

HUDELSON, P. *Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHO/MNH/PSF, 1994. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/62315/1/WHO_MNH_PSF_94.3.pdf. Acesso em: 04 jun. 2017.

IBGE – *Censo Demográfico 2010*. Amostra – Resultados Gerais. Rio de Janeiro: IBGE, 2010a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/pesquisa/23/26170?detalhes=true>. Acesso em: 02 fev. 2018.

IBGE – *Censo Demográfico 2010*. Panorama. Rio de Janeiro: IBGE, 2010b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/panorama>. Acesso em: 02 fev. 2018.

IBGE – *Indicadores sociais municipais: uma análise dos resultados do universo do Censo Demográfico 2010c*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv54598.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

IBGE – *PNAD 2014: nível de escolarização dos pais influencia rendimento dos filhos*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/9472-pnad-2014-nivel-de-escolarizacao-dos-pais-influencia-rendimento-dos-filhos>. Acesso em: 20 nov. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes ENADE/2009: Relatório Síntese Biblioteconomia*. Distrito Federal: INEP, 2009.

KENT, A. *et al* (Ed.) *Encyclopedia of Library and Information Science*. Volume 14: Kuwait to library – Community Relations. New York: Library of Congress, 1975.

KREMER, J. M. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. *Palavra-Chave*, São Paulo, n. 3, p. 17-19, 1983.

LAËTITIA, F. *Evolution des attentes et des conceptions du métier de bibliothécaire: étude sur les certifications*. Sous la direction de Sarrazin Véronique. Angers: Université Angers, 2016. Disponível em: <http://dune.univ-angers.fr/fichiers/20111428/20162MHD6095/fichier/6095F.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

LEMOES, A. A. B. Em busca dos temas perdidos. *InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, pp. 34-50, set. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/84809>. Acesso em: 23 fev. 2018.

LICEA DE ARENAS, J.; VAILLANCOURT, P. M. Life Sciences Library Education in Latin America. *International Library Review*. v. 17, n. 2, 1985, pp. 157-164.

LIMA, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. *Bibliotecas e bibliotecários: situações insólitas ou crônicas bem-humoradas da biblioteconomia aplicáveis a outras profissões desprestigiadas*. São Paulo: Polis, 1998.

MARTINS, W. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MASSI, F. Franceses e norte-americanos nas Ciências Sociais no Brasil. In: MICELI, S. *História das Ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989. v.1, pp.411-461.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Planejamento – SEPLAN. *Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC)*. 2017.

MATOS, M. I. S. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. *Margem*, São Paulo, n. 15, Jun. 2002, pp. 237-252.

MILANESI, L. A formação do informador. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 7-40, jan./jun., 2002. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1694/1445>. Acesso em: 05 nov. 2019.

MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MUELLER, S. P. M. O ensino de Biblioteconomia no Brasil. *Ci. Inf.*, Brasília, v.14, n.1, jan./jun. 1985, p.3-15.

NASCIMENTO, M. V.; MARTINS, G. K. A trajetória das escolas de Biblioteconomia no Brasil. *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, v.4, n. 2, jul./dez. 2017, pp. 37-54. Disponível em: <http://abecin.org.br/portalderevistas/index.php/rebecin/article/view/90>. Acesso em: 12 fev. 2018.

NOLIN, J. Science for the Professions, Report n. 4, University of Borås, 2008.

OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G. F.; SOUZA, G. T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 19, n. 3, pp. 13-24, set./dez., 2009. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/05/pdf_15f44837c8_0010272.pdf . Acesso em: 17 abr. 2019.

OLIVEIRA, O. M. L. S. *et al.* Biblioteconomia e Empregabilidade no Contexto de Rondonópolis, Mato Grosso, *Anais do CBBB*, v. 25, 2013. Disponível em: <https://anaiscbbd.emnuvens.com.br/anais/article/view/1504/1505>. Acesso em: 15 fev. 2016.

OLIVEIRA, Z. C. P. *O bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo: Pioneira, 1983.

PAIVA, D. W. Perspectivas do agente da informação no contexto brasileiro. *Ci. da Informação*, v. 19, n. 1, pp. 48 – 52, 1990.

PALLIER, D. Histoire et évolution du métier de bibliothécaire. *Bulletin d'informations de l'Association des bibliothécaires français*, n.164, 3. trimestre 1994. pp. 47- 56.

PENA, A. S. *A evolução do mercado de trabalho formal do profissional da informação no Brasil: um estudo a partir da RAIS/MTE, 1985 a 2005*. 166f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

PENA, A. S.; CRIVELLARI, H. M. T. O Bibliotecário na Classificação Brasileira de Ocupações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina, PR. *Anais do XIX ENANCIB*. Londrina, PR: UEL, 2018. pp. 4157-4163.

PEREIRA, E. C.; OLIVEIRA, A. M. Os bibliotecários e os profissionais independentes em informação à luz da nova Classificação Brasileira de Ocupações (CBO 2002). *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, n.18, 2º sem. 2004.

PINHEIRO, W. J. C. A lei 4.084 de junho de 1962, o Sistema CFB/ CRB e as Escolas de Biblioteconomia: uma integração histórica e necessária ao longo de 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil. In: CÔRTE, A. R. *et al* (Orgs).

Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. pp. 191-201.

PINHEIRO, L. V. R.; LOUREIRO, J. M. M. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, v.24, n.1, pp.42-53, jan./abr. 1995.

PINTO, E. M. *História do ensino de Biblioteconomia no Brasil: da fundação na Biblioteca Nacional à criação na Universidade de Brasília.* 2015. 65 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PIRES, H. A. C. *Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino.* 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação), Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte, 2016.

PRADA, M. P.; DÍAZ-JATUF, J. *Breve historia de la carrera de Bibliotecología en el Instituto de Formación Técnica Superior.* En Primeras Jornadas Virtuales Iberoamericanas de Ciencias de la Información y la Documentación, Buenos Aires, Argentina, 20 octubre 2011. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/16245/1/4.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2018.

QUINN, M. E. *Historical Dictionary of Librarianship.* Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2014.

RICHÉ, D. *La conception du métier de bibliothécaire dans les manuels de formation des années 1880-1890 à travers trois exemples: Jules Cousin, Léopold Delisle et Albert Maire.* Lyon: ENSSIB, 2009.

RODRIGUEZ ÁVILA, N. *Manual de sociología de las profesiones.* Barcelona: Universitat de Barcelona, 2008.

RODRIGUES, A. S. *Desenvolvimento da Biblioteconomia em S. Paulo.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.

RODRIGUES, L. F. M. As livrarias dos Jesuítas no Brasil Colonial, segundo os documentos do Archivum Romano Societatis Iesu. *Cauriensia: revista anual de ciências eclesíásticas*, v. VI, 2011, pp. 275-302.

RODRIGUES, M. E. F *et al.* A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. *Biblionline*, João Pessoa, v. 9, n.1, pp.82-95, 2013.

RODRIGUES, M. L. *Sociologia das Profissões.* 2. ed. Oeiras: Celta, 2002.

RODRÍGUES GALLARDO, J. A. *Formação humanística del bibliotecólogo: hacia su recuperación.* México: UNAM, 2001.

RODRÍGUEZ, J.; GUILLEN, M. F. (1992) Organizaciones y profesiones en la sociedad contemporánea, *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* (REIS), n. 59, 1992 p: 9-18. Disponível em: http://www.reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_059_03.pdf. Acesso em: 18 set. 2017.

RUSSO, L. G. M. *A Biblioteconomia brasileira*: Rio de Janeiro: INL, 1966.

SÁ, I. C. As matrizes francesas e origens comuns no Brasil dos cursos de formação em Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, pp. 31-58, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/issue/view/45>. Acesso em: 18 set. 2017.

SÁ, I. C. História e memória do curso de museologia: do MHN à UNIRIO. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v.39, pp. 10-42, 2007.

SABBAG, D. M. A. *Caminho teórico-metodológico delineado pelo curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional*: aspectos teóricos que fundamentam o ensino de organização e representação do conhecimento no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012.

SABY, F. Faut-il refonder la bibliothéconomie? *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, 1998, n° 2, pp. 21-24. Disponível em: <http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1998-02-0021-002>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs). *Uma questão de gênero*. RJ: Rosa dos Ventos, São Paulo: FC Chagas, 1992.

SÁNCHEZ MARTÍNEZ, M.; SÁEZ CARRERAS, J.; SVENSSON, L. (Coord.) *Sociología de las profesiones: pasado, presente y futuro*. Murcia: Diego Marín, 2003.

SANTANA, J. A.; NUNES, J. V. Ética profissional, deontologia e sindicalismo na Biblioteconomia brasileira: múltiplas perspectivas históricas de atuação. *RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf.* Campinas, v.16, n.1, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/58555>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SANTOS, P. R. *et al.* Inserção no mercado de trabalho e a empregabilidade de bacharéis em Biblioteconomia. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.21, n.2, pp.14-32, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2563/1768>. Acesso em: 11 abr. 2018.

SANTOS, A. P. L.; RODRIGUES, M. E. F. Biblioteconomia: gênese, história e fundamentos. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. São Paulo, v. 9, n. 2, pp. 116-131, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/248/264>. Acesso em: 27 jun. 2018.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs.) *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. pp. 193-217.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, O. P. *Classificação decimal de Dewey: manual teórico – prático para uso dos alunos da disciplina classificação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília*. Brasília, DF: Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, [200-?].

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO – SINAIInfo. *Objetivos*. 2018. Disponível em: <http://www.sinbiesp.org.br/index.php/sinbiesp/objetivo>. Acesso em: 16 jun. 2018.

SLAIBI, T. H. A. *Memórias dos conservadores, restauradores e cientistas na preservação do acervo da Biblioteca Nacional – de 1880 a 1980*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Memória Social, Rio de Janeiro, 2019.

SOUSA, B. A. *O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os*. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUTO, L. F. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: _____ (Org.). *O profissional da informação em tempo de mudanças*. Campinas: Alínea, 2005. pp. 29-53.

SOUZA, F. C. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: 1990.

SOUZA, F. C. *Ensino de Biblioteconomia no Brasil: o modelo norte-americano*. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v. 3, n. 1, pp. 16-19, 1993. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/v/a/1422>. Acesso em: 10 Jun. 2017

SOUZA, F. C. Ensina-se corretamente o que se ensina a quem vai ser bibliotecário? *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v.1, n.1, pp.49-54, 1996.

SOUZA, F. C. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. *Revista Informação & Sociedade: estudos*, João Pessoa, PB, v. 16, n. 1, pp. 23-34, jan./jun., 2006.

SOUZA, F. C. *O ensino da Biblioteconomia nova no Brasil: o marco da construção de um projeto de ensino superior*. Florianópolis: Preliminar, 1995. 120p.

SOUZA, F. C. O Ensino de Biblioteconomia no Brasil: questões acerca do modelo Deweyano. *Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 2, n. 3, pp. 1-5, jan. 1997. ISSN 1518-2924. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/6>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SOUZA, R. F.; STUMPF, I. R. C. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da Pós-Graduação no Brasil. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.14, número especial, pp.41-58, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14nspe/a04v14nspe.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SOUZA, T. B.; RIBEIRO, F. Os cursos de Ciência da Informação no Brasil e em Portugal: perspectivas diacrônicas. *Informação & Informação*, v. 14, n. 1, pp. 82-102, jul. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/3149>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SPENCER, H. El origen de las profesiones. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas* (REIS), n. 59, 1992. Disponível em: dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/250134.pdf. Acesso em: 18 abr. 2017.

SPUDEIT, D. F. A. O.; FÜHR, F. Sindicatos de bibliotecários: história e atuação. *Transinformação*, v. 23, n. 3, pp. 235-249, set./dez. 2011.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 21, n. 73, pp. 209-244, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214>. Acesso em: 10 set. 2019.

TARGINO, M. G. Quem é o profissional da informação? *Transinformação*. Campinas, v. 12, n. 2, pp. 61-69, jul./dez. 2000.

TREVISOL NETO, O. Gênero e Identidade de Gênero: questões emergentes na Biblioteconomia e Ciência da Informação. In: INOMATA, D. O.; TREVISOL NETO, O. (Orgs.). *Inovação em Biblioteconomia: temas transversais*. Chapecó: Argos, 2018, pp. 155-177.

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. *Uma história de pioneirismo e inovação*. 200?. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/a-universidade/historia/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

VALENTIM, M. L. P. Assumindo um novo paradigma na Biblioteconomia. *Inf. & Inf.*, Londrina, v.0, n.0, pp. 2-6, jul./dez. 1995.

VALENTIM, M. L. P. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. *Encontros Bibli: Rev. Eletr. Bibl. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 5, n. 9, pp. 16-28, jan. 2000.

VERZEGNASSI, C. *Histoire de la formation du bibliothécaire: La chaire de bibliographie à l'École des Chartes, 1821-1932*. 2010, 95 p. Mémoire: DCB: ENSSIB: janvier 2011.

VIEIRA, A. S. Mercado de informação: do tradicional ao inexplorado. *Rev. Biblio. Brasília*, Brasília, v.11, n. 2, pp.177-192, jul./dez. 1983.

WALTER, M. T. M. T. *Bibliotecários no Brasil: representações da profissão*. 2008. 345 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

WALTER, M. T. M. T. BAPTISTA, S. G. Representações profissionais de bibliotecários no Brasil: alguns resultados de pesquisa. *Encontros Bibli: Rev. Eletr. Bibl. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 14, n. 27, pp. 22-46, maio 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14n27p22/19683>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

WEINER, S. G. The history of academic libraries in the United States: a review of the literature. *Library Philosophy and Practice*, v.7, n. 2, 2005. pp. 1-12.

YANNOULAS, S. C. Introdução: sobre o que nós, mulheres, fazemos. Yannoulas, S. C. (Coord.). *Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Abaré, 2013. pp. 31-65.